

C/MARINA - Sim senhora. Com licença.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM. PORTA ABRE E RECHA, AFASTADA

ARABELA - (DEPOIS DE PAUSA, TOM VAGO) Parece até mentira que a vida tenha caprichos deste órdem e que a gente viva, constantemente, numa gangorra em movimento, ora subindo... ora descendo... um pouco avançando... outro pouco retrocedendo, às vezes dias, meses e anos em ponto morto... esperando... esperando... para ~~se alcançar aquilo que se espera~~ <sup>sem sempre</sup> se alcançar aquilo que se espera. (Caíndo para a aspereza) Mas quando se deseja com força, alguma coisa absolutamente necessária à satisfação do nosso...

C/REGRA - PORTA QUE ABRE AFASTADA.

EUGENIA - (MULHER DE 28 ANOS, MÃE DE UM FILHO, ESPERANDO OUTRO. É BOA, SIMPLES E SINCERA. AMA PROFUNDAMENTE O MARIDO E SOFRE POR CAUSA DELE) (Afastada)  
Dá licença, dona Arabela?

ARABELA - Entre, Eugénia.

C/REGRA - (PASSOS DE MULHER SE APROXIMAM)

ARABELA - Que há com você?

EUGENIA - Uma coisa horrível e por isso ~~me~~ insisti em que a senhora me recebesse agora, pelo que lhe peço desculpas. (BEIJO)

ARABELA - Óra vamos! Sente-se e vá falando. Quer um copo d'água?

EUGENIA - Obrigada. Não é preciso. Eu tomei um calmante antes de vir.

ARABELA - Fez bem, porque deveria estar muito nervosa, pelo que ~~me~~ estou vendo.

EUGENIA - Estava sim. Dormi pequenos ~~XXXX~~ sonhos, sempre agitados e pesadelos tremendos.

ARABELA - Mas fale, vamos. Desabafe o que tanto / aflige o seu coração.

EUGENIA - (Pausa) Dona Arabela, trata-se de... de Petrónio.

TÉCNICA - ACORDE MUSICAL COLORINDO A REVELAÇÃO

ARABELA - (SURPREZA QUE PARECE SINCERA) De Petrónio?!... Seu marido?!... Que fez ele? Será que você não está com a cabeçinha cheia de careminholas, minha filha?

EUGENIA - Não, dona Arabela. A senhora me conhece há quasi dois anos e sabe que eu sou uma mulher serena. Há mais de três meses que venho observando atentamente o meu marido e <sup>o</sup> cada dia que passa mais se acentua a sua transformação. Eu estou desesperada! A senhora, que foi mãe da primeira esposa dele e soube guiá-lo tão bem, ajude-me, por piedade. A senhora não tem mais a sua filha... eu não tenho mais a minha mãe... fomos sempre tão boas amigas... por que não sermos mais que isto? Mãe e filha? Vê? Eu estou dando o primeiro passo: revelando-lhe o que de mais

Íntimo povoa o meu coração e o meu pensamento. A senhora concorda em me ajudar como se eu fôsse Berenice?

ARABELA - É claro que sim. Afinal... se Deus me deixou sózinha no mundo quando levou minha filha moça e cheia de vida... é porque me destinava ainda alguma missão importante. Ela veio agora com você, Eugenia. Conte-me tudo. Eu farei o que me for possível para orientá-la.

EUGENIA - A senhora sabe que durante um ano eu e Petrónio vivemos numa verdadeira lua de mel, sem a menor coisa que nos contrariasse ou perturbasse o ritmo da nossa felicidade conjugal.

ARABELA - Sei. Ele mesmo não se cansava de me repetir que havia encontrado uma segunda Berenice.

EUGENIA - Pois bem, o nosso filho nasceu e Petrónio, mesmo reservado como é, já não podia mais esconder de ninguém a alegria que lhe inundava o coração. Parecia uma criança eufórica.

ARABELA - Realmente. Ele me disse que sentiu a mesma alegria de quando Berenice lhe deu Rodrigo. Se você visse como ficou... Não podia fechar a boca. Ela estava constantemente resgada num sorriso aberto.

EUGENIA - Pois bem, até que nosso filho tivesse completado um ano, tudo correu normalmente. Ele adorava o pequeno e dedicava-lhe todas as suas horas disponíveis. O menino era agridíssimo com ele. Uma tarde telefonei para o escritório e Rodrigo estava lá, fazendo-lhe uma visita. A nossa conversa foi breve e ele mostrou uma certa pressa em desligar o aparelho. Mais tarde chegou para jantar. Estava sombrio, taciturno e não foi ao quarto do filho, como de costume, para beijá-lo e brincar com ele. Perguntei-lhe o que havia e a sua resposta foi breve: preocupações de negócios. Acreditei e fiz o possível para animá-lo, mas senti que ele não ouvia as minhas palavras. Estava ausente. Daí para diante ele foi cada vez se ausentando mais, cada vez se tornando mais arredio e por muito empenho que sempre fizesse, nunca consegui que me dissesse francamente o que estava acontecendo.

ARABELA - Você disse que tudo isto teve início no dia em que Rodrigo foi ao escritório visitá-lo?

EUGENIA - Exatamente.

ARABELA - E você sabe que meu neto poderia ter tido qualquer participação nessa atitude?

EUGENIA - Eu não quero pensar mal de Rodrigo, mas não consigo desligá-lo do

ARABELA - Mas meu neto não seria capaz de fazer qualquer coisa que pudesse prejudicá-lo, principalmente sabendo que perturbaria a paz e a felicidade do pai e quem éle atua sobre todas as criaturas.

EUGENIA - Sim, sim, eu também às vezes penso isto, mas... não sei... não sei... eu estou completamente desorientada. Já pensei até em conversar com éle e dizer-lhe francamente que esse pensamento às vezes me assalta.

ARABELA - Não, não. Conheço Rodrigo e por isso aconselho-a a que não faça isto. Ele poderia chocar-se profundamente com a sua desconfiança e nunca mais perdoá-la. É preferível que eu converse com éle.

EUGENIA - A senhora faria isto por mim, dona Arabela?

ARABELA - É claro que sim. Principalmente porque também eu, agora, desejo que o assunto fique bem esclarecido. Falarei com Rodrigo e si éle não me der a pista que necessito, falarei com o próprio Petronio para saber a verdade.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL DE GRANDE EFEITO.

RODRIGO - Boa tarde, senhorita Cláudia. (RAPAZ DE 21 ANOS, RESERVADO).

CLAUDIA - Boa tarde, senhor Rodrigo. Querio falar com seu pai? (MOÇA-20 a 25)

RODRIGO - Ele não está?

CLAUDIA - Bem, quer dizer... éle está, mas a ordem que tenho é de dizer o todo o contrário. Francamente... ~~devo confessar-lhe que~~ não sei si essa ordem se estende também ao senhor, mas de qualquer maneira <sup>devo confessar-lhe</sup> ~~devo confessar-lhe~~ que me sinto muito embaraçada...

RODRIGO - Não vejo razão. Si meu pai lhe deu ordens para dizer o todo que éle não está, deve ter seus motivos e eu não devo insistir em contrariar a sua vontade. Portanto deixe seu constrangimento de lado e ponha-se à vontade.

CLAUDIA - Obrigada. O senhor é um perfeito cavalheiro.

RODRIGO - Não é o que dizem os que me conhecem mais de perto. Queixam-se que sou bruto e incivil.

CLAUDIA - Não podem queixar-se e sério. O senhor é reservado, em verdade, mas ~~me dei a dizerem que~~ ~~XXXXXXX~~ é incivil... vai uma distância muito grande. É reservado, como éle, mas a reserva de ambos, provém, no fundo, de uma grande timidez.

RODRIGO - Estou vendo que a senhorita, além de eficiente secretária, é uma esplêndida psicóloga. E já que demonstra tanta argúcia e penetração nas almas humanas, talvez possa me esclarecer uma dúvida, a respeito do meu pai, que se vem atormentando cruelmente.

CLAUDIA - Já sei o que me vai dizer, mas desgraçadamente não poderei satisfazer a sua curiosidade porque também eu venho sendo atropelada por essa mesma angústia sem que encontre qualquer resposta para as perguntas que faço a mim mesma.

RODRIGO - Seus negócios vão bem; não é verdade?

CLAUDIA - Esplendidamente! Ainda ontem bati dois contratos que lhe proporcionam lucros espetaculares.

RODRIGO & Minha madrastra, pelo que observo, continua a amá-lo com o mesmo fervor dos primeiros dias do seu casamento.

CLAUDIA - Sua saúde, pelo menos aparentemente, parece ser das melhores.

RODRIGO - É boa, sim. Meu primeiro cuidado, ao vê-lo assim como está, foi procurar o doutor Cícero que me tranquilizou inteiramente, dizendo-me que os seus últimos exames foram ótimos.

CLAUDIA - É uma coisa estranha e inexplicável, mas que leve ter uma causa.

RODRIGO - Sem dúvida e toda a minha esperança era a senhorita. Como sua secretária e privando com êle o dia todo, talvez pudesse ter percebido esse motivo que êle procura ocultar de todos nós.

CLAUDIA - Bem quizera poder ajudá-lo, senhor Rodrigo. Bem quizera! Aflige-me tanto essa situação!

RODRIGO - Não faz mal. Eu continuarei investigando e enquanto ~~investigando~~ não desvendarmos o mistério da agonia que sufoca o coração de meu pai, não descansarei.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL REFLETINDO INQUIETAÇÃO

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA ABERTURA DA SEGUNDA PARTE

EUGENIA - Peço-lhe que me desculpe ter-lhe sido esse trabalho de vir até cá.

TEREZA - (VELHA EMEREGADA - BOA E AMIGA) A ideia de mandar chamá-lo foi minha, portanto é a mim que o Padre Crispim deverá desculpar e não a você.

CRISPIM - Ora vamos! Deixem-se de cerimônias comigo. Eu não sou apenas o antigo confessor da família; sou também um amigo e os amigos são para as ocasiões. Digam ~~me~~ o mal que as aflige e deixem as desculpas pra lá.

EUGENIA - É o Petrónio, Padre Crispim.

CRISPIM - Continue daquele mesmo jeito exquisitesito?

TEREZA - Na minha modesta opinião ~~o~~ está cada vez pior. Agora não quer nem mais olhar para a cara do filho e procura estar em casa o mínimo tempo possível.

EUGENIA - É verdade, sim. Mas o pior é que não há motivo para que êle proceda assim.

CRISPIM - Você não disse a ele que eu notei a sua ausência do confessionário durante a semana santa?

EUGENIA - Disse, mas ele não me respondeu. Limitou-se a dar de ombros.

TEREZA - É uma situação horrível! Até hereje o patrão está ficando agora! Ele, que foi sempre um homem tão virtuoso! O senhor não acha que dona Eugênia tinha o direito de exigir-lhe uma explicação?

CRISPIM - (Pausa, custando a responder) Sim... talvez, mas... seria melhor que em vez de exigir, ela pedisse. Eu sou adepto da humildade. Acho que se consegue muito mais.

TEREZA - Mas do jeito que ele tem se esquivado, acho que só uma exigência enérgica poderá surtir algum efeito. Mais do que ele tem se humilhado e pedindo... Sabe o que ele fez? Levanta-se e sai. Não diz uma palavra.

EUGENIA - É verdade, sim. Confesso-lhe que já não sei mais como agir. Já usei de todas as maneiras que me pareceram razoáveis e em todas fracassei redondamente. Uma atitude enérgica, não sei... não é do meu feitio. Pedi à dona Trabela que intercedesse por mim e...

TEREZA - (CORTANDO) Contra a minha vontade.

EUGENIA - ... e ele até agora também não chegou a nenhuma conclusão. Ele parece que se esquivou às perguntas dela.

CRISPIM - É, realmente a situação parece bastante delicada, mas precisamos encontrar um meio qualquer de resolvê-la. (PAUSA) Ele atenderia a um chamado meu na Casa Canônica?

EUGENIA - Já não sei o que lhe responder, Padre Crispim.

TEREZA - Na minha opinião ele não vai atender.

CRISPIM - Bem, mas não custa experimentar. Você diga a ele que eu preciso muito falar-lhe e que estive aqui à sua procura. Como ele não estava aíixo o pedido para que me procure amanhã ou depois. Certo?

EUGENIA - Está bem, Padre Crispim, eu direi a ele hoje à noite.

CRISPIM - Se ele disser que não vai, ou der qualquer desculpa para fugir à entrevista, a Tereza chegue lá na Igreja e me avise, para que eu não fique à sua espera inutilmente. E depois se estude outra maneira.

TEREZA - A outra maneira, a meu ver, é aquela que eu estou dizendo há horas: levá-lo contra a parede e exigir uma satisfação de sua atitude tão descabida. Aliás, se fosse comigo, eu já tinha feito isto há muito tempo.

CRISPIM - Com precipitação nunca se arranja nada, minha boa Tereza. Prudência e calma de galinha nunca fizeram mal a ninguém.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL.

L. HENRIQUE - (HOMEM DE 40 ANOS, POSUÍDO, ANTIPIÁTICO E CONQUISTADOR) Mas que novas há, seu Antônio? Como vão as flores do jardim da minha extremosa amiga dona Arabela? As roseiras devem estar florindo, agora, não?

ANTÃO - ~~XXXXXXXXXXXX~~ (VELHO JARDINEIRO, HOMEM RUSTICO E HUMILDE) Tão sim, senhor, seu Luiz Henrique. Tão florindo. É uma gostosura a gente viá. A patroa chegou e ficou uma tarde inteira em volta dos cantos, *olhando elas.*

L. HENRIQUE - Ela adora as flores e sempre ~~me~~ elogia a sua ~~habilidade~~ habilidade em tratá-las.

ANTÃO - A patroa é muito boa, sim senhor. Também já vai pra mais de trinta ano que eu sou jardineiro da casa. Já quisero me levá eu pra outras ~~casas~~ *casas* mas eu num fui, num senhor. Depois que eu me acostumo, num gosto de mudar, *num senhor.*

L. HENRIQUE - Mas afinal você veio trazer ~~uma~~ uma mensagem; não é verdade?

ANTÃO - Num senhor, num foi isso não. Mensagem nenhuma. Ele mandô um recado pra você, que eu vim trazer. Mandô pedir pra você dá uma chegada lá em qualquer hora, que ele precisa muito falar um assunto pra você, sim senhor.

L. HENRIQUE - Espere um pouco. Deixe-me consultar a minha agenda, para poder dizer-lhe a hora em que irei. (Pense. Resmungo) Onze horas, descontar cheque no Banco Ultramarino e pagar a conta da livraria... Doze horas... almoço com Estefânia... quatorze horas... pedicuro. Quinze horas... experimentar o terno na Alfaiataria Biazze... Dezeses horas... presença na reunião dos diretores da Imobiliária... Dezesete horas... lunch na Confeitaria com Riccianna. Dezoito horas... esperar Antonieta na saída do emprego e acompanhá-la até em casa. Dezenove horas, aperitivo com vários amigos no bar Policano. Vinte horas, jantar com Alfredina... Não vai dar hoje, seu Antônio. Tenho as horas todas tomadas. Só à noite, mas ela deita cedo...

ANTÃO - Oh, seu Luiz Henrique, a patroa vai ficar muito burricida com isso, sim senhor. Ele disse que o assunto é muito importante e que você num deixasse de ir, sim senhor.

L. HENRIQUE - Assunto importante? Então deixa ver... (Pense) Só se eu cancelasse o jantar com Alfredina... Sim, é isto. Telefonarei a ele dizendo que me sinto indisposto, transfiro o jantar para amanhã e não deixo de atender ao chamado da minha amiga dona Arabela. Diga-lhe, ~~Antão~~ Antônio, que estarei por volta das oito horas; ouviu bem?

ANTÃO - Sim senhor, seu Luiz Henrique, eu digo pra ele, sim senhor. E entonce ~~com~~ com a sua licença eu me arretiro agora, sim senhor. Passe bem.

O/RETRA - PASSOS DE VEIRO QUE SE AFASTA.

L. HENRIQUE - Possa ben seu Antônio. E recomende-me à dona Arabella. (Pausa e tom) Ele deve estar precisando de mim e como eu estou sempre a precisar dela, o jeito mesmo é deixar a Alfredina na mão e ir atendê-la.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL.

PETRÔNIO - Você queixou-se ao Padre Crispim da maneira como eu a venho tratando, ultimamente?

EUGENIA - Absolutamente, Petrónio. Eu não me queixaria de você, por coisa alguma que você me fizesse.

PETRÔNIO - Mas então eu não entendo porque êle me manda chamar na Casa Canônica e me diz uma infinidade de coisas sem sentido, ou melhor: que só teriam sentido si ele estivesse a par das nossas intimidades conjugais.

EUGENIA - Ouça Petrónio: eu não me queixei de você, queixei-me de mim mesma, da profunda angústia que ~~me~~<sup>me</sup> envolve o coração há alguns meses e não me permite perceber o que há ~~meu~~ em mim que lhe desagrada. Eu não lhe atribuí a menor culpa. Sou eu, com certeza, a desastrosa, a desajeitada que vê o seu amor ~~se~~ afastar a cada dia que passa e não encontra maneira de fazer com que êle retorne. E eu precisava tanto de você agora, Petrónio, tanto! (começa a chorar mansinho)

PETRÔNIO - Por que chorar? Há o que justifique essas lágrimas?

EUGENIA - (esforçando-se) Sim, sim... você tem razão... eu não devo chorar. Você não gosta de choro. Eu até já pensei... quem sabe se pelo menino chorar todas as noites...

PETRÔNIO <sup>(corta)</sup> - Por que insiste em falar nessa criança? Quer me fazer um favor? Pelo menos quando estiver perto de mim, faça de conta que êle não existe.

EUGENIA - (desespero) Mas Petrónio eu não compreendo... não posso compreender. Por mais que me esforce não consigo... E tenho medo de acabar enlouquecendo. Há três meses você mudou completamente. Não parece o mesmo. Que fiz eu que possa justificar essa ~~uma~~ atitude? Diga-me por Deus!

PETRÔNIO - Você tem certeza que não sabe... eu fingo não saber?

TÉCNICA - ACORDE VIERANTE FORTE PASSA A BG E PERMANECE SOANDO.

EUGENIA - Não sei. Juro-lhe que não sei. E posso jurar pela coisa mais sagrada que há em mim, no momento, que é êste segundo filho que palpita dentro de mim.

TÉCNICA - ACORDE VIOLETO QUE TRADUZA UM CHOQUE TREMEUDO

PETRÔNIO - Hein?!... O que foi que você disse? Você está esperando um segundo filho? (Pausa) Desde quando? Fale! Desde quando? (forte) Desde quando?!

EUGENIA - (ABAFADA) Vai fazer três meses, agora.

PETRONIO - Não quero! (alucinado) Não quero! Não quero!...

EUGENIA - (assustada e chorosa) Petrólio, acalme-se por favor! Que há com você, Petrólio? Que foi com você?

PETRONIO - (trágico e profundo) Eu não quero esse filho, entendeu? Ele não deve nascer e você vai dar um jeito niato amanhã mesmo.

CONTRA REGRA - PASSOS FORTES QUE SE AFASTAM E PORTA QUE BATE FORTE, APASTADA.

EUGENIA - (gritando enquanto ele se afasta) Petrólio!... Petrólio!... Por favor atenda, Petrólio! (só cessa de chamar quando a porta bate). Oh meu Deus, meu Deus!... Eu não posso entender o que se passa... não posso... (soluços frementes e desesperados).

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

---



A MARCA DO ÓDIO

- NOVELA ORIGINAL DE ERICO GRAMER -

2º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL VIBRANTE, PARA ABERTURA DO CAPÍTULO

PETRÔNIO - (tenso) Eu não quero esse filho, entendeu? Ele não deve nascer e vo  
cê vai dar um jeito nisto, amanhã mesmo.

C/REGRA - PASSOS FORTES QUE SE AFASTAM E PORTA QUE BATE FORTE AFASTADA.

EUGENIA - (Gritando enquanto êle se afasta) Petrônio! Petrônio!... Por favor  
atenda, Petrônio!... (Só cessa de chamá-lo quando a porta bate) Oh,  
meu Deus! Meu Deus!... Eu não posso entender o que se passa! Não pos  
so!... (Desata em soluços frementes e desesperados)

C/REGRA - PORTA QUE ABRE, AFASTADA E DEPOIS FECHA. - QUANDO A PORTA ABRE, EUGE  
NIA PRENDE OS SOLUÇOS/. PASSOS QUE SE APROXIMAM LENTAMENTE.

EUGENIA - (recomeçando a chorar) Ah é você, Tereza. Pensei que êle tivesse vol  
tado.

TEREZA - E então?

EUGENIA - Não sei mais o que fazer, Tereza! Juro que não sei!

TEREZA - Você devia dizer-lhe que está à espera de um segundo filho, para que  
êlê a poupasse um pouco.

EUGENIA - (desanimada) Eu disse, Tereza.

TEREZA - (interessada) Dêsse? E qual foi a reação dele?

EUGENIA - A mais absurda que você possa imaginar.

TEREZA - Ficou zangado? Mostrou-se indiferente?

EUGENIA - Ficou furioso! Alucinado!

TEREZA - Meu Deus!...

EUGENIA - Sabe o que me disse? Que esse filho não deve nascer e que eu tenho que  
dar um jeito nele, amanhã mesmo!

TECNICA - ACORDE TRÁGICO CAINDO PARA B/G.

TEREZA - Nossa Senhora valei-nos! Esse homem não está bem de cabeça. Não pode  
estar.

EUGENIA - Você sabe que há momentos em que eu também penso isto, Tereza?

TEREZA - Por que não conversa com o doutor Cícero para que vá visitá-lo no es  
critório? Pode ser que êle, como médico, através de um bate-papo, possa  
fazer algum diagnóstico.

EUGENIA - Sabes que essa tua ideia é excelente, Tereza?

TEREZA - É que a gente, na medida que vai envelhecendo, vai compensando a burri  
ce com a experiência. E no fim até que sai ganhando.

EUGENIA - Amanhã é dia do meu exame quinzenal com o doutor Cícero e já vou falat-  
lhe no assunto.

TEREZA - Por que amanhã? Minha avó, que Deus a tenha, dizia uma coisa muito certa  
- Não deixes para amanhã aquilo que podes fazer hoje.

EUGENIA - Mas ~~na~~ hoje <sup>eu</sup> não poderei sair, Tereza. Não tenho ânimo. Sinto-me derrota-  
da. As minhas pernas tremem <sup>(e eu sinto uma dormência aqui em todo este</sup>  
lado.

TEREZA - Pois então? Aproveite isto, telefone para o consultório e peça ao Dr. Cí-  
cero que passe por aqui, quando fôr para a casa.

EUGENIA - Outra boa ideia. É o que ~~na~~ vou fazer, agora mesmo.

C/REGRA - PASSOS, TIRAR TELEFONE DO GANCHO, DISCAR, ESPERA.

TÉCNICA - TELEFONE CHAMANDO EM FILTRO, LEVANTAR TONE DO GANCHO, DEPOIS DE ALGUMAS  
CHAMADAS.

(filtro)

ENFERMEIRA - Alô!... Quatro cinco, cinco nove, dois três. As suas ordens.

EUGENIA - Senhorita, aqui fala dona Eugênia Soares Larré, uma cliente do doutor  
Cícero.

(filtro)

ENFERMEIRA - Perfeitamente, Madame. Pode falar.

EUGENIA - Ele poderia atender-me ao telefone, agora?

(filtro)

ENFERMEIRA - É difícil, Madame. Ele está atendendo a uma pequena cirurgia <sup>Mad</sup>  
~~mas~~ mesmo assim, <sup>(não creio que)</sup> possa interrompê-la.

EUGENIA - Não, não... sendo assim nem eu quero que o incomode. Transmita-lhe então  
~~creio que~~ um recado meu, por favor.

ENFERMEIRA - (filtro) Perfeitamente. Pode falar.

EUGENIA - Peça-lhe que ao sair do consultório, passe na casa de Dona Eugênia que  
ela não está se sentindo muito bem e tem receio de não poder esperar até  
amanhã, quando ~~ela~~ tinha ~~uma~~ consulta marcada para as 16 horas.

ENFERMEIRA - (filtro) Sim senhora. Quer deixar o endereço?

EUGENIA - Não é preciso, ele sabe onde moro. Tem vindo <sup>aqui</sup> muitas vezes, ~~mas~~

ENFERMEIRA - (filtro) Sim senhora.

EUGENIA - Obrigada, então.

Enfermeira - (filtro) Não há porque e passe bem, senhora.

TÉCNICA - RUIDO DE DESLIGAR TELEFONE? ATRAVÉS DO FILTRO.

C/REGRA - DESLIGA O TELEFONE NO ESTÚDIO.

TEREZA - Pronto. Esta noite já você contará tudo a ele - o que na minha opinião  
já devia ter feito há muito tempo - amanhã ele irá visitar seu marido e  
de noite já a gente poderá ficar sabendo se o homem é são ou está com  
areia nos miolos. E se for este o caso, é tratar de interná-lo, logo, pa-  
ra fazer o tratamento adequado.

LEILA - (MOÇA DE 19 ANOS - TERNA E CARINHOSA - NAMORADA DE RODRIGO) Você está tão alheio hoje, querido...

RODRIGO- São as preocupações que você <sup>já</sup> conhece.

LEILA - Mas nunca você me pareceu tão ausente, Rodrigo. Não haverá qualquer coisa mais?

RODRIGO- Juro-lhe que não e quero que você creia em mim, Leila. É que a cada dia que passa, meu pai me parece mais nervoso e angustiado.

LEILA - Por que você não o força a desabafar?

RODRIGO - Você não o conhece, querida. Se o mal ~~for~~ for de natureza sentimental, ele morre ~~sem~~ sem o revelar a quem quer que seja.

LEILA - E através de sua madrasta você não poderá obter qualquer detalhe que ~~ela~~ esclareça a situação? Vocês parece que se dão bem; não é verdade?

RODRIGO - Sim, quer dizer... mantemos relações muito cordiais, mas respeitadas, de parte a parte. ~~ela~~ pelo pouco que tenho podido observá-la, não creio que ela seja capaz de formular uma única queixa contra meu pai.

LEILA - Mas ela não precise formular queixas. ~~ela~~ Pode, naturalmente, conversando com você, revelar qualquer coisa que lhe permita tomar uma direção segura.

RODRIGO- Talvez...

LEILA - Porque não lhe dá o mote, queixando-se, você, de ~~forma~~ <sup>forma</sup> como ele o vem tratando nestes últimos tempos?

RODRIGO- É... talvez seja uma maneira de forçá-la a falar. Mas só poderei fazer isto amanhã, quando meu pai não estiver em casa.

LEILA - Eu não posso mais presenciar esse agonia em que você vem vivendo, meu querido. Ela me atormenta. E depois eu lhe confesso que sinto uma saudade sem fim do meu Rodrigo, amoroso e terno. Daquela que estava sempre realmente ao meu lado, quando me visitava. Até me faz lembrar uma quadrinha que li certa vez e que nunca mais esqueci. Era assim: Ai meu amor que tristeza - Que dura mágoa sem fim - Estar te vendo ao meu lado - e ter-te longe de mim.

RODRIGO- Você tem razão, querida. Tem toda a razão. Eu preciso voltar ao que era, mas, desgraçadamente, sinto que isto só será possível depois que a situação de meu pai se tenha normalizado. Antes, será inútil qualquer esforço.

LEILA - Pois vá visitar sua madrasta amanhã e force-a a lhe revelar qualquer coisa. Eu não creio que ela possa ignorar o que se passa com o senhor Petrólio. A não ser que o caso seja com ela e então o seu maior interesse seja silenciar.

RODRIGO - ~~Eu pensei também~~ *Sabe que eu também já pensei neste* hipótese? Mas na última vez que conversei com ela, falou-me com tanto carinho, referindo-se a ele, que eu tratei logo de afastar ~~o assunto~~ <sup>la</sup>.

LEILA - Mas você não fez nenhuma referência direta ao assunto; fez?

RODRIGO - Não. Apenas perguntei por ele, no transcurso da conversa.

LEILA - Pois então agora <sup>proceda de maneira</sup> diferente. Quando ela menos esperar, vá direto ao assunto e observe a reação que lhe causa. E si ela se perturbar, não lhe dê trégoa. Aperte o cerco até conseguir o desejado.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL QUE SUGIRA ANCIEDADADE.

LUÍZ HENRIQUE - O Antônio esteve em minha casa, levando-me um chamado da minha particular e querida amiga dona Arabela e dizendo-me que ela tinha urgência em falar comigo. Que fiz eu? Aulei um outro compromisso, aliás de muita importância para mim, e corri a atendê-la.

CATARINA - Ela já está avisada que o senhor chegou e está terminando de retocar os ~~seus~~ cabelos. Não demora está na sala.

L. HENRIQUE & Eu espero. Não tem importância. (TOM) Alguma nova investigação?

CATARINA - Acredito que sim. Ela tem andado muito preocupada com o caso do genro.

L. HENRIQUE - Do ex-genro, quer a senhora dizer? Sim, porque uma vez que a filha do la morreu, se desataram os laços do parentesco.

CATARINA - Não penso assim, mas não quero discutir com o senhor. Não havia de ser eu, uma ignorante, que heveria de convencer um letrado como é o senhor.

L. HENRIQUE - Ora muito obrigado pelo "letrado". Sempre há alguém que reconhece o valor que a gente adquire nas longas vigílias de estudante. Mas voltemos ao caso. A senhora acha que ela deseja qualquer investigação na vida do ex-genro, ou será a propósito daquele outro assunto que nós conversamos, quando estive aqui pela última vez?

CATARINA - Mas e esse assunto não dizia respeito também ao senhor Petrônio? Portanto quasi que vem dar na mesma coisa.

G/REGRA - PORTA QUE SE ABRE AFASTADA. FECHA. PASSOS DE VELHA SE APROXIMAM.

CATARINA - Olhe aí vem dona Arabela. (meio tom) Não esqueça de elogiar-lhe a peruca que é nova. Ela fica muito feccira.

L. HENRIQUE - Oh, minha excelente amiga! Como é grande o prazer que sinto cada vez que a vejo! ~~(beijos)~~ Permita que lhe beije ambas as mãos? *(Beijos)*

ARABELA - Como está você, Luiz Henrique?

L. HENRIQUE - Ora, como pode ir um pobre velho, maltratado pela vida? A senhora é que parece cada vez mais jovem. Seus cabelos estão belissimos! Que tem usado? Por favor não seja egoista e revele-me o seu segredo.

ARABELA - Shampoos de amendoas e de ovos, em dias intercalados.

L.HENRIQUE - Vou tomar nota da receita e ~~utilizá-la~~ utilizá-la. O vigor e o brilho dos seus cabelos são verdadeiramente invejáveis.

ARABELA - Obrigada, mas parece-me que você já está se excedendo nos elogios. E não foi para isto que <sup>o</sup>mandei chamá-la.

L.HENRIQUE - Bem sei, bem sei e estou às suas ordens. Ordere e eu executarei.

ARABELA - Pois bem, o assunto que temos a tratar é tão importante quanto sigiloso. Sente-se e escute-me.

L.HENRIQUE - Um momento, dona Arabela. Se o assunto é assim tão sigiloso... *(Pause)*

ARABELA - Catarina é pessoa de confiança. Poderia ficar. Mas se preferir que estejamos só nós dois...

L.HENRIQUE *Bem...* ~~Certa~~ a senhora acha que ela pode ficar...

CATARINA - Não, não. Agora quem não quer ficar sou eu. Mesmo porque, a cada rebenta sempre pelo lado mais fraco e si alguém der com a língua nos dentes eu sei que as culpas vão cair todas em cima de mim. Com licença.

CONTRA REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA AFASTADA.

L.HENRIQUE - Pronto, ela já foi. Agora podemos conversar mais livremente.

ARABELA - Preste bem atenção ao que lhe vou dizer.

TÉCNICA - SOBE A CARACTERÍSTICA FORTE, PARA FINAL DA 1ª PARTE.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL.

TÉCNICA - ABERTURA MUSICAL DA SEGUNDA PARTE

ARABELA - Entendeu bem o que espero de você, Luiz Henrique?

L.HENRIQUE - Entendi, dona Arabela e embora a missão não me pareça fácil, hei de por todo o meu empenho para ~~XXXXXXXXXXXX~~ cumpri-la a seu inteiro contentamento.

ARABELA - Só a você eu poderia confiar um trabalho destes. Ninguém, que eu conheça, possui mais habilidade, mais argúcia e mais tato do que o meu amigo Luiz Henrique.

L.HENRIQUE - Óra, óra, dona Arabela, por quem sois... Desta maneira a senhora me confunde e me põe num compromisso tremendo.

ARABELA - Eu sei o que faço, Luiz Henrique. Se confio a missão a você é porque, como já disse, não vejo outra pessoa capaz de levá-la a bom êxito.

L.HENRIQUE - Pois então a minha cara amiga pode estar certa de que farei tudo para não decepcioná-la. ~~XXXXXXXXXX~~

ARABELA - Eu sei. Não é de hoje que o conheço. E tanto mais agora que vai precisar da minha assinatura como fiadora do empréstimo que pretende realizar; não é mesmo?

L. HENRIQUE - Óra vamos, francamente... nem estava a lembrar-me disto, agora.

ARABELA - (intencional) Eu sei. (TOM) Pois trate de fazer o que lhe peço e depois traga-me o tal contrato para assinar.

L. HENRIQUE - Obrigado, minha amiga, muito obrigado, mas isto tem tempo. Depois falaremos deste assunto. (TOM) Bem, e agora eu vou, porque tenho um compromisso inadiável dentro de quinze minutos. O tempo preciso para chegar da sua casa ao escritório do cliente que me espera. Deus guarde a minha boa amiga e espere as minhas primeiras notícias dentro de quatro ou cinco dias. (Beijo) Beijo-lhe as mãos.

ARABELA - Vá com Deus e obrigado por haver atendido ao meu chamado.

L. HENRIQUE - Óra vamos, não fiz mais do que a minha obrigação. Boa noite.

ARABELA - Boa noite.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA AFASTADA.

ARABELA - Penso que está na hora de desenvolver a minha segunda ofensiva. A primeira foi coroada de êxito. Vejamos este agora.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL MISTERIOSA

TEREZA - Dona Eugénia vem em seguida. Ela estava terminando de acomodar o menino para dormir, por isso está demorando um pouco.

RODRIGO - Não tem importância. O menino vai bem?

TEREZA - Muito bem, felizmente. Cada vez mais esperto e mais engraçadinho. Faz muito tempo que o senhor não o vê?

RODRIGO - Quinze dias, mais ou menos. Desde a última vez que estive aqui.

TEREZA - Já vai notar diferença. Está ensaiando os primeiros passinhos. Faz gosto ver.

RODRIGO - Papai está muito apegado com ele?

TÉCNICA - ACORDE DE SUSPENSE EM FUNDO.

TEREZA - Seu pai? (Pausa) Bem... quer dizer... seu pai, ultimamente, quasi que nem tem tido tempo de estar com o garoto. Trabalha muito... vem tarde para o jantar... quando chega já o garoto está dormindo.

RODRIGO - É pena, ~~mas~~ porque os garotos sentem falta do carinho dos pais.

TEREZA - Claro que sentem. O menino até anda tristonho.

RODRIGO - Minha madraсте devia chamar a atenção de meu pai para este detalhe.

TEREZA - Que adianta? Ele nem ouve o que ela diz.

RODRIGO - Papai não ouve o que minha madraсте diz? Mas por que? Ele não se dá bem com ela?

TEREZA - Bem... quer dizer... eu não sei... acredito que se deem bem, mas...

RODRIGO - (Depois de pausa) Mas o que?

TEREZA - Olhe, seu Rodrigo, eu não sei. Que adianta eu dizer coisas que não tenho certeza? Afinal, se contas, eu sempre me tive na conta de uma pessoa de responsabilidade e sendo assim não posso proceder como se fosse uma ~~se~~ leviana, não lhe parece?

RODRIGO - Bem, isso dependeria da pessoa a quem a senhora falasse. A mim que sou filho dele e interessado direto na sua felicidade, não me pareceria le viandade a senhora contar-me o que observa.

C/REBRA - PORTA QUE SE ABRE E SE FECHA, AFASTADA. PASSOS DE MULHER SE APROXIMAM.

TEREZA - Olhe, aí vem dona Eugênia. Converse diretamente com ela. É melhor.

EUGENIA - Boa noite, Rodrigo, desculpe a demora.

RODRIGO - Não tem importância. Dona Tereza explicou-me os motivos. Como vai a se-  
-nhora?

TEREZA - Muito indisposta, ~~fortemente~~. Você está bem?

RODRIGO - Mais ou menos, também.

TEREZA - Eu peço licença para me retirar. Boa noite, senhor Rodrigo.

RODRIGO - Boa noite, dona Tereza.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA, AFASTADA.

EUGENIA - A que devo o prazer dessa visita tão inesperada, Rodrigo?

RODRIGO - Um pouco de saudade... e um outro motivo também.

LEILA - (SOPRO) Vá visitar sua madrasta amanhã e force-a a lhe revelar qualquer coisa. Mas proceda de maneira diferente. Vá direto ao assunto e observe a reação que lhe causa. E se ela ~~se~~ se perturbar, não lhe dê tréguas. Aperte o cerco até conseguir o que deseja.

EUGENIA - (receosa) Você disse... um outro motivo?

LEILA - (SOPRO) É agora, vamos! Entre direto no assunto.

RODRIGO - Que há entre a senhora e papai, dona Eugênia?

TÉCNICA - ACORDE QUE SUGIRA UM GRANDE SUSTO.

EUGENIA - (PERTURBADA, CONTENDO-SE) Que há entre mim e seu pai?!

LEILA - (SOPRO) Ela se perturbou. Aperte o cerco, vamos!

EUGENIA - (PARA GANHAR TEMPO) Eu não entendi bem a sua pergunta, Rodrigo.

RODRIGO - Como não entendeu? É uma pergunta direta, sem qualquer desvio. Entendeu sim. Entendeu e faça questão que me responda com a verdade. Sem qualquer evasiva. Da sua resposta talvez dependa muita coisa, inclusive a minha tranquilidade. (PAUSA) E então? Nega-se a ajudar-me?

EUGENIA - Não, Rodrigo, eu jamais negaria a minha ajuda a um rapaz de tão nobres

EUGENIA - (CONT.) qualidades e que me tem tratado, sempre, com a maior distinção e o mais absoluto respeito.

RODRIGO - Não faço mais do que a minha obrigação de homem educado. E já que se dispõe a ser franca comigo, responde logo à pergunta que lhe fiz: a senhora é feliz com meu pai?

EUGENIA - Bem... ao princípio fui felicíssima. Mais não poderia ser. Quando nasceu nosso filho, então, parecia que a nossa felicidade havia atingido ao máximo. Seu pai tinha nos lábios, permanentemente, um sorriso de homem realizado e feliz. Mais um ano vivemos como duas criaturas que ~~XXXXXX~~ <sup>oulsassem</sup> por um só coração. Não havia divergências... desconfianças... ressentimentos... mágoas... e as horas que passávamos com o nosso filho voavam cêleres, como sempre acontece com as coisas boas. Logo depois do garoto ter completado um ano... (engasga-se com o pranto e começa a chorar baixinho)

RODRIGO & Vamos, tenha coragem. Eu estou aqui para ajudar à senhora e papai e botar todo o meu empenho para que voltem à felicidade perdida.

EUGENIA - Eu não quero chorar, principalmente na sua frente, mas... que posso fazer? Eu sofro tanto... tanto...

RODRIGO - Bem sei e afianço-lhe que compartilho desse seu sofrimento. Mas agora eu estou aqui para ajudá-la. Vamos, Continue.

EUGENIA - Logo depois do garoto ter completado um ano... isto há tres meses passados... Ele começou a ficar exquisitesito com a criança... e comigo também.

RODRIGO - Exquisitesito como? Em que sentido? Eu preciso saber todos os detalhes.

EUGENIA - Começou a não querer brincar com a criança, seu olhar já não tinha doçura, quando ~~fitava~~ <sup>fitava</sup> o menino e finalmente começou a esquivar-se de tocar no garoto, chegando mesmo a não querer beijá-lo.

RODRIGO - A senhora abandonou um pouco os cuidados com meu pai por causa do <sup>pequeno?</sup>

EUGENIA - Absolutamente. Jamais descuidei de uma só das minhas atenções <sup>para</sup> com Rodrigo. Era mais fácil esquecer o ~~meu~~ <sup>meu</sup> filho.

RODRIGO - Eu perguntei isto porque sei que é muito comum nas mulheres-mães e há muitos maridos que acabam <sup>com cilios</sup> ~~com cilios~~ dos filhos.

EUGENIA - Não, não... esse motivo Petrônio não poderá alegar.

RODRIGO - Diga-me, dona Eugênia, e com a senhora? Não houve qualquer mudança?

EUGENIA - Houve, sim. Não tão radical como a do menino, mas de qualquer forma houve.

RODRIGO - E a senhora não o interrogou a respeito?

EUGENIA - Tentei várias vezes tocar no assunto mas ele teve, sempre, o cuidado de desviá-lo imediatamente. E como percebi que as minhas tentativas o deixavam muito irritado, acabei por silenciar e não tocar mais no assunto.



RODRIGO - (depois de pausa) A senhora tem certeza absoluta <sup>de</sup> que não lhe deu o menor motivo para essa transformação que se operou?

EUGENIA - Claro que sim. Continuai dentro da minha casa, como sempre, quando-o e cumprindo com os meus deveres de esposa e mãe. Tudo foi tão de repente... tão desnorteante... Quem sabe ele deixou de amar-me?

RODRIGO - Não creio. Meu pai sempre foi um homem de sentimentos firmes.

EUGENIA - Era tão carinhoso comigo... tão confiante... tão companheiro... ainda ~~existente~~ quando Luizinho fez um ano, veja o presente que me trouxe.

RODRIGO - Uma aliança de brilhantes. Permite que a <sup>examine</sup> ~~veja~~ de perto?

EUGENIA - Por que não? Pode pegar a minha mão sem constrangimento. Eu sou quasi sua mãe.

RODRIGO <sup>(Pausa)</sup> - Os brilhantes são lindíssimos! Claros e fundos. Parecem todos de primeira água... E absolutamente parelhos, repare... (Corta)

C/REGRA - PORTA ABRE AFASTADA ~~FECHA~~ <sup>BRUSIA</sup> FECHA. PASSOS DE HOMEM SE APROXIMAM.

PIETRONIO <sup>(áspero)</sup> - Que fazem vocês aqui? Por que estava ~~você~~ agarrado nas mãos de Sua ma drasta?!

RODRIGO <sup>(assombrado)</sup> - Papai!...

PIETRONIO - (PORTE, QUASI ALUCINADO) Por que estava você agarrado nas mãos dela? <sup>(mais forte)</sup> Vamos, responda!

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA ENTRE PORTE, PARA FINAL DO 22º CAPÍTULO.

A MARCA DO ÓDIO

- Novela original de Erico Granger -

TÉCNICA - ABERTURA.

32 CAPÍTULO

EUGENIA - Quem sabe Petrônio deixou de amar-me?

RODRIGO - Não creio. Meu pai foi sempre um homem de sentimentos firmes.

EUGENIA - Era tão carinhoso comigo... tão confiante... tão companheiro... ainda quando Luizinho fez um ano, veja o presente que me trouxe.

RODRIGO - Uma aliança de brilhantes. Permite que o examine de perto?

EUGENIA - Por que não? Pode pegar minha mão sem constrangimento. Eu sou quasi sua mãe.

RODRIGO - (DEPOIS DE PAUSA) Os brilhantes são lindíssimos! Claros e fundos. Parecem todos de primeira água. E absolutamente parelhos; repare... (corta)

C/REGRA - PORTA QUE ABRE AFASTADA. PAUSA. FECHA A PORTA. PASSOS DE HOMEM SE APROXIMAM.

PETRONIO- (ÁSPERO) Que fazem vocês aqui?! Por que estava agarrado nas mãos de sua madrasta?!

RODRIGO - (ASSOMBRADO) Papai!...

PETRONIO- (FORTE, QUASI ALUCINADO) Por que estava você agarrado nas mãos dela?! (MAIS FORTE) Vamos, responda!... Por que estava agarrado nas mãos de sua madrasta?

RODRIGO - Papai, por favor acalme-se, para poder ouvir o que vou lhe responder.

PETRONIO- Responda logo. Você está querendo ganhar tempo para pensar na desculpa que vai dar.

RODRIGO - Papai! É preciso medir as suas palavras! O senhor está insultando a sua esposa. Ela não merece.

EUGENIA - (ROMPE A CHORAR, SEMPRE PROCURANDO CONTER-SE, EM SEGUNDO PLANO)

PETRONIO- É sempre assim que procedem os sedutores. Procuram resguardar a seduzida apelando para a desculpa mentirosa de ofensa e de infâmia. Haverá maior ofensa e maior infâmia do que um filho trair seu próprio pai?

TÉCNICA - ACORDE VIOLENTO QUE LEMBRE UMA VERGASTADA FORTE.

PETRONIO- Papai, o senhor não pode pensar de mim uma coisa destas. O senhor mesmo que moldou o meu caráter e se esforçou em fazer de mim um homem de honra, um homem digno!

PETRONIO- Esforcei-me, sim, é verdade. Mas vejo agora que, desdreadamente, não o consegui. Você não passa de um crápula, um degenerado. Um homem que traçou na sombra contra a felicidade do próprio pai.

RODRIGO - (Começando a elevar a voz) Papai, uma das coisas que mais me repugna é o desrespeito, mas eu não poderei mais tolerar que o senhor continue a falar-me nesse tom. Nem eu mereço os seus assaques e nem sua esposa a humilhação que está sofrendo. Digo-lhe mais: eu já lhe teria dado as costas, desde o primeiro insulto que me dirigiu, se não me pusesse covardia deixar uma pobre mulher inocente e indefesa, abandonada à fúria de um ciumento inconsciente. O senhor tem que serenar o seu espírito e deixar que as suas idéias se aclarem, para depois ouvir nossas explicações. Quero que o senhor continue a crer em mim e juro-lhe pela memória sagrada de minha mãe que estamos inocentes.

PETRONIO - Não misture a memória de sua mãe com tamanha sujeira. Sua mãe, em vida, sempre foi digna do maior respeito e agora, depois de morta, exijo que sua memória também o seja.

EUGENIA - Petrônio, por favor, Petrônio, escute-me. Eu também sou digna. Juro-lhe pelo que... (CORTE)

PETRONIO - Cale-se! Ainda não chegou a sua vez. Por enquanto a minha conversa é apenas com este rapaz. Quando eu lhe perguntar alguma coisa, você falará. (Para o filho) Eu desejo saber, e até agora você ainda não me disse, por que estava agarrado na mão de sua madrasta. Que súplicas lhe fazia?

RODRIGO - Ora, meu pai, deixe de ser ridículo! Súplicas! Eu apenas segurava-lhe a mão para ver de perto a sua aliança de brilhantes. O senhor sabe que os brilhantes foram sempre as pedras que mais me fascinaram. Deve lembrar-se de que várias vezes me ouvia dizer: si eu fôsse um homem suficientemente rico, seria colecionador de brilhantes. Ela justamente se lamentava de que o senhor já não ~~parecia~~ parecia o mesmo homem que lhe havia dado aquela joia, quando nasceu meu irmão.

PETRONIO - (tom de ironia) Seu irmão? (riso discreto de escárneo) É... talvez seja ~~melhor~~ melhor que o considere assim, para resguardar umas tantas coisas.

RODRIGO - (depois de pausa, preocupado) Não entendi a alegação que o senhor pretendeu fazer.

PETRONIO - Não entendeu? Aposto que ela também não. (forte) Mas eu sei o que digo e porque digo, entendeu? E agora saia porque será inútil continuar aqui, dizendo palavras vãs. (Pausa) Saia, não ouviu?

RODRIGO - Papai, eu já lhe disse que não posso deixar aqui, desamparada, uma pobre mulher inocente. É contra o meu feitio e os meus princípios.

PETRONIO - Pode sair tranquilo porque eu não seria capaz de agredi-la.

RODRIGO - Como não, si não tem feito outra coisa, desde que chegou? O insulto nada mais é que uma agressão. E quanto ela tem sido insultada, papai, quanto!

PETRONIO - Isso é um outro assunto para ser tratado entre mim e ela. Quer fazer o favor de sair para nos deixar conversar?

EUGENIA - (tom de súplica) Saia, Rodrigo. Obedeça seu pai.

RODRIGO - Está bem, eu saio. (A Eugênia) Boa noite. Peço-lhe que me desculpe a com fusão tremenda que causei.

EUGENIA - Você não teve culpa nenhuma, Rodrigo. Vá tranquilo.

RODRIGO - Boa noite, papai. (PETRONIO NAO RESPONDE)

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA, AFASTADA. PAUSA.

PETRONIO - E agora a senhora. O que tem a dizer em sua defesa?

EUGENIA - (Vencida) Nada.

PETRONIO - Nada? Então confesse?

EUGENIA - Confessar o que, Petronio? O que é que você quer que eu confesse? Simplesmente não quero falar, porque vejo que não adianta. Si você não acreditou na verdade de seu filho, vai acreditar na minha? Seria infantilidade de minha parte pretender que isto acontecesse. Deixemos para amã amanhã, quando talvez você já tenha serenado mais o seu espírito e acalmado a sua injusta ira. Continuarmos hoje, exaltado como você está, seria prolongar essa torrente de absurdos e desconfianças que cada vez mais nos separam. (mais suave) E eu não queria perdê-lo porque o amo, Petronio. Juro-lhe que o amo!... (Pausa longa) Quer conversar comigo amanhã, mais calmamente?

PETRONIO - (depois de pausa) Está bem, seja. Mas agora, antes de deixá-la, quero que responda a uma só pergunta que lhe vou fazer.

EUGENIA - Faça.

PETRONIO - É sobre o outro filho que você me falou que está esperando. Já tomou as providências que eu exigi?

EUGENIA - Bem... quer dizer... embora contra a minha vontade, conversei com o doutor Cicero, mas ele se negou a ajudar-me naquilo que ele classifica de crime.

PETRONIO - Não importa o que pense o doutor Cicero. Si <sup>le</sup> ele se nega a fazer o trabalho há muitos outros aqui que vivem disto. Eu arranxarei um nome e um endereço que você irá procurar amanhã.

EUGENIA - Está bem, Petronio, eu... eu farei ~~me~~ tudo que você quizer. Quando vo...  
(corta)

C/REGRA - PORTA QUE ABRE, AFASTADA.

TEREZA - (afastada) Dona Eugênia, o... (Corta, transição) Ah, desculpe. Eu não sabia que a senhora esteve com o patrão. Com licença.

EUGENIA- Espere, Tereza. Pod~~o~~ dizer o que quer. (Pausa) Não tem importância, fale.

TEREZA - (2ª Plano) É que o Luizinho está reinando e eu não consigo que ele durma. Agora achou de querer a senhora perto dele e não houve meios de desconven~~er~~ê-lo.

EUGENIA- Você diga a ele que a mãe vai em seguida.

TEREZA - Sim senhora, com licença.

C/REGRA - PORTA QUE ABRE E FECHA, AFASTADA.

EUGENIA- Você quer mais alguma coisa de mim, ou me dá licença que vá atender o menino?

PETRONIO - Espere um momento que eu estou procurando um endereço aqui no catálogo telefônico.

C/REGRA - RUÍDO DE FOINHEAR O CATÁLOGO.

PETRONIO- (PROCURANDO) Degoberto... Darcy... Dátero... Demófilo... Delícia... Dinar~~te~~... Dionísio. Está aqui. (escrevendo) Voluntários da Pátria... (Pausa e tom) Este número aqui não está bem claro... eu não sei se termine em oitenta e três ou oitenta e oito... (Pausa) Bom, se não for um, é outro. De qualquer forma são números próximos. (Pausa) Pronto. Aqui tem você o nome e o endereço de um médico que não se negará a atendê-la. Vá procurá-lo amanhã mesmo.

EUGENIA - Está bem, Petrónio. E agora com ~~licença~~ licença. Boa noite. (Ele não responde)

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM. PORTA QUE SE ABRE E SE FECHA, AFASTADA.

PETRONIO - O pior de tudo é que mesmo tendo certeza de que ela me trai, ainda assim eu a amo e não tenho forças para separar-me dela!

~~XXXXXXXXXX~~  
TÉCNICA - SOBRE CORTINA MUSICAL VIBRANTE PARA INTERVALO DO CENTRO.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MUSICA DE ABERTURA DA 2ª PARTE.

CATARINA - Dona Arabela vai ficar sentida de saber que a senhora esteve aqui e não a encontrou. Ela aprecia tanto as suas visitas.

MARINA - Pois é, e eu tinha tanto que conversar com ela... é uma lástima.

CATARINA - Ela muito recentemente saiu de casa, mas hoje tinha um assunto muito importante com o genro e foi ao escritório dele visitá-lo.

MARINA - Pois eu justamente queria falar com ela, para saber as novidades a respeito dele. Não sabe como é que está a coisa por lá?

CATARINA - Parece que está fervendo. Até a moça esteve aí, outro dia, para falar com dona Arabela. ~~XXXXXXXX~~

MARINA - Não me diga!....

CATARINA - Conversaram muito mais de uma hora. Eu não digo duas para não exagerar.

MARINA - Não me diga!...

CATARINA - Quando ela saiu, eu vi que os seus olhos estavam vermelhos e inchados. Ela havia chorado às pampas.

MARINA - Não me diga!...

CATARINA - Dona Arabela falou muito com ela... deu-lhe uns conselhos... prometeu muita coisa, mas não sei, não. A coisa parece que está bem enredada.

MARINA - Não me diga!...

CATARINA - Escute aqui, dona Marina, isto é que me deixa invocada com a senhora. A senhora quer saber as novidades, ou não quer?

MARINA - Claro que quero, Catarina. Pois eu já não disse que vim aqui para isto?

CATARINA - Então por que a senhora fica aí: (arremedando) Não me diga! Não me diga! Não me diga!... Daqui a pouco me dá uma veneta aí e eu já não digo mais nada mesmo. Si quer saber, pare com esse "não me diga!"

MARINA - Eu quero, sim, Catarina, eu quero. Você sabe que eu tenho o maior interesse nesse caso. Quanta coisa eu tenho feito na surdina!

CATARINA - A senhora parece que ainda não perdeu a esperança.

MARINA - Mas perder a esperança por que? si agora é que a coisa está se encaminhando na direção que eu pretendo e desejo?

CATARINA - Minha avó sempre dizia que praga de mulher apaixonada, no dia do casamento do seu anado com outra... pega logo e pega firme.

MARINA - Que pega firme, pega, agora pegar logo é que eu não ~~me~~ acredito tanto, sinão a primeira não tinha durado ~~tantos~~ o tempo que durou.

CATARINA - O que?! A senhora roga praga também para dona Berenice? E dona Arabela sabe disto?

MARINA - Não, não... por Deus!... E você não vá dizer-lhe nada! Olhe o presente que eu lhe prometi. Você vai sair perdendo e muito.

CATARINA - Ora, dona Marina, então a senhora pensa que eu sou orfança?! Uma mulher velha e escolada como eu vai bater com a língua nos dentes para se prejudicar? Eu, hein?! Eu vou para o lado que me oferece maior vantagem que eu não sou tôla.

MARINA - Bem, então me conte logo o mais que você sabe.

CATARINA - O que eu sabia já lhe contei. Não sei mais nada. Converse com dona Arabela que deve ter muito mais a dizer-lhe do que eu.

MARINA - Eu vou conversar, sim, eu vou conversar. Sou capaz de voltar aqui esta noite. Ela aceita cedo?

CATARINA - Nove horas... nove e meia...

MARINA - Ah bem, cedo não posso. Tenho um compromisso às oito e não creio que me despache antes das <sup>nove</sup> ~~oito~~ e trinta. Até que chegue aqui, vai ficar muito tarde. Penso que não haverá outro remédio senão conter a minha curiosidade até amanhã.

CATARINA - É, amanhã depois do almoço ela se recosta umas duas horas para cochilar. A senhora vindo às três, está uma hora ótima. É capaz, até, de tomar chá com ela.

MARINA - Isto, isto! Diga-lhe que virei amanhã tomar o chá da tarde com ela. Adeusinho então, Catarina!

CATARINA - Adeusinho, dona Marina.

MARINA - (afastando-se) Cuidado, hein? Veja lá. Não vá escorregar aquilo que eu disse a respeito da primeira praga. Dona Arabela me mata e você perde o seu presente.

CATARINA - Não tem perigo, pode ir descansada.

C/REGRA - PASSOS DE MULHERES SOMEM. PORTA FECHA.

CATARINA - Em seu sômbrio e cara de pau, mas essa camarada me ganha longe. Vai dizendo "cuidado o buraco" <sup>"Olha o buraco"</sup> e vai empurrando a gente pra dentro dele.

TECNICA - CONTINUA MUSICAL DE SEPARAÇÃO DE CENA.

TEREZA - O Padre Crispim chegou. Pode entrar para cá?

EUGENIA - Pode fazer. O Padre Crispim é de casa. É como se fosse meu pai.

TEREZA - (projetando) Pode passar, Padre Crispim. Dona Eugenia está aqui na saleta.

EUGENIA - Você sirva depois um copo de vinho de porto, Tereza, que ele adora.

CRISPIM <sup>(2º Plano)</sup> - Deus esteja nesse coraçãozinho, minha filha.

C/REGRA - PASSOS ACOMPANHANDO A FRASE ACIMA.

EUGENIA - Sua bênção, Padre Crispim.

CRISPIM - Deus a abençoe, minha filha querida. (Um beijo)

TEREZA - Com sua licença, Padre.

CRISPIM - *A vontade.*

C/REGRA - PASSOS DE MULHERES QUE SE AFASTAM

EUGENIA - Sente-se, por favor. Mandei chamá-lo porque preciso muito dos seus conselhos. Aliás, eu é que deveria ir à Casa Canônica, mas sinto-me tão indisposta que não tenho ânimo para andar.

CRISPIM - Não se desculpe. Você sabe que vir à sua casa é sempre um grande prazer para este pobre velho. E depois, eu não tenho preguiça de caminhar, mesmo na idade em que estou.

EUGENIA - Talvez por saber <sup>de tudo isto e saber da)</sup> ~~que~~ sua bondade é que eu abuse tanto.

CRISPIM - Não fale assim. Disse e repito que gosto sempre de vir aqui. Há dias que, realmente, eu não ~~posso~~ <sup>posso</sup> andar tanto, porque os meus pés incham e as sandálias incomôdam, mas quando eles estão se portando bem, como agora, não há problemas maiores. Mas que há com você, afinal, minha filha?

EUGENIA - Padre Crispim eu me encontro numa encruzilhada onde todos os caminhos me conduzem ao pecado.

CRISPIM - Cruzes, filha! Dize logo o que está acontecendo.

EUGENIA - Meu marido quer, a qualquer preço, que eu me desembarace do filho que es-  
teu esperando.

TÉCNICA - ACORDE VIOLENTO QUE REPRESENTA UMA FORTE CHICOTADA.

CRISPIM - Deus de Misericórdia!... Mas você não pode fazer isto, minha filha. Deus não quer.

EUGENIA - Eu sei, mas quando casei, diante do altar de Deus, prometi obediência ao meu marido.

CRISPIM - Obediência naquilo que é lógico e razoável. A uma loucura destas, você não pode obedecer. Seria um crime. Não, não, você não pode fazer isto. *Não pode!*

EUGENIA - Mas eu não quero perder meu marido, Padre Crispim. Entende? E se eu resistir à sua vontade, não sei que destino me aguardará.

CRISPIM - E seu marido tem algum motivo especial para não desejar esse filho?

EUGENIA - Não sei. Meu marido mudou completamente. Nem parece mais o mesmo. Ele, que era alucinado por Luizinho, se visse como o trata agora... Parece que tem ódio do menino. Não quer nem mais olhar para a cara *dele*, coitadinho!

CRISPIM - Mas escute: seu Petrônio deve estar doente. Você já mencionou examiná-lo?

EUGENIA - Quem é que o convence de ir a um consultório médico? *Quem?!*

CRISPIM - E se você falasse a Rodrigo? Ele não seria capaz de auxiliá-la?

EUGENIA - Rodrigo faria qualquer coisa por mim e pelo seu irmão. Mas se o senhor soubesse o que aconteceu ontem aqui...

CRISPIM - Conte-me, filha. Para poder auxiliá-la, eu preciso saber de tudo.

EUGENIA - (Contando) Rodrigo, que de há muito já vinha notando a transformação de seu pai, veio aqui, justamente, para me falar sobre ele. (Afastando) Depois de termos trocado algumas ideias...

TÉCNICA - NA MEDIDA QUE A VOZ SE AFASTA VAI APAGANDO A MÚSICA DA CORTINA MUSICAL. QUANDO A VOZ RETORNA, A MÚSICA VAI SE APAGANDO.

EUGENIA - (VINDO DE 2º PLANO) ... e depois que Rodrigo saiu, ele me deu o endereço desse médico, para que eu o fôsse procurar hoje, sem falta. Embora tivesse vontade de obedecê-lo, não quis fazer nada sem conversar com o senhor, en-  
tes.



CRISPIM - Faz bem, minha filha, faz bem. Não vá, não. Desculpe-se com qualquer coisa e espere que eu fale com ele.

EUGENIA - Mas ele não pode saber que eu lhe contei estas coisas todas, Padre. Como vai fazer?

CRISPIM - É muito simples: eu direi a ele que você me confessou que quer fazer isto e que eu apelo para ele, afim de que a impeça. Conforme o que ele me disser talvez eu encontro meios de entrar no assunto.

TECNICA - CORTINA MUSICAL FORTE, PARA SEPARAÇÃO

RODRIGO - Senhorita Cláudia, por favor...

CLAUDIA - Oh senhor Rodrigo, boa tarde. As suas ordens.

RODRIGO - Meu pai está no gabinete dele?

CLAUDIA - Não, senhor Rodrigo, não está.

RODRIGO - Tem certeza mesmo que ele não está, ou recebeu ordem para dizer isto?

CLAUDIA - Senhor Rodrigo, o senhor me deixa numa situação tão difícil... Francamente... eu fico sem saber como proceder.

RODRIGO - Outro dia eu não fiz questão de entrar, mas hoje faço. Tenho um assunto muito sério a tratar com ele.

CLAUDIA - Mas seu Rodrigo, foi justamente o senhor quem ele mais recomendou de não deixar entrar. Eu não desejava dizer-lhe isto. O senhor compreende... É muito desagradável para mim... mas uma vez que o senhor insiste, eu sou obrigada.

RODRIGO - Está bem. Isto, de tudo, é o de menos importância. O que ~~é~~ mais importante ~~para~~ para mim, agora, é que ele me receba. Entre e diga-lhe que eu estou insistindo muito e que si ele não consentir em receber-me, serei capaz de fazer um escândalo aqui, na sala da sua secretária.

CLAUDIA - Está bem, o senhor espere um pouco, então. Vou ver se consigo anunciá-lo.

G/PECRA - PASSOS DE MULHER SEMPRE EM 1º PLANO, PORTA QUE ABRE E FECHA, IDEM.

CLAUDIA - Dá licença, seu Petrônio?

PETRONIO- (2º PLANO) Que há?

CLAUDIA - O senhor me recomendou muito que não deixasse o seu Rodrigo entrar no seu gabinete, mas ele está aí e insiste em ser recebido. Disse que tem um assunto muito importante para tratar com o senhor.

PETRONIO- Por que não lhe disse que eu não estava? Que tinha ido visitar uns clientes?

CLAUDIA - Eu disse, mas ele não acreditou. Chegou a ameaçar-me de fazer um escândalo na minha sala, si eu me negasse a anunciá-lo.

PETRONIO - (irônico) Ah, é?! Então o senhor meu filho ameaça de fazer escândalo no meu escritório?

CLAUDIA - Foi o que ele disse.

PETRONIO - Senhorita Claudia, eu devia puni-lo por não ter cumprido as instruções que lhe dei.

CLAUDIA - Tem razão, senhor Petronio, tem toda a razão. Eu não deveria ter transigido, mas ele insistiu tanto e me pareceu tão disposto a fazer violências que eu confesso que me acobordei.

PETRONIO - Pois se a senhorita se acobordou, o mesmo não acontece comigo. Volte e diga ao meu filho que eu me recuso terminantemente a recebê-lo.

(2º plano)  
RODRIGO - Não adianta, papai. Eu já estou aqui. PASSOS SE APROXIMAM.

CLAUDIA - (assustada) Senhor Rodrigo!...

PETRONIO - Retire-se do meu gabinete, antes que eu mande atirá-lo no meio da rua.

RODRIGO - Eu só me retirarei depois de lhe ter dito ao que vim.

PETRONIO - Retire-se do meu gabinete. Não ouvia?

RODRIGO - Eu já lhe disse que só sairei depois de falar.

PETRONIO - Dona Cláudia, peça aos dois continuos que vejam aqui, sem demora!

(meia voz)  
CLAUDIA - Meu Deus!...

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

PETRONIO - Diga ao meu filho que eu me recuso, terminantemente, a recebê-lo.

RODRIGO - (2º Plano) Não adianta, papai. Já estou aqui.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APROXIMA

CLAUDIA - (ao ouvir Rodrigo, assustada) Senhor Rodrigo!...

PETRONIO - Retire-se do meu gabinete, antes que eu mande atirá-lo no meio da rua.

RODRIGO - Eu só me retirarei, depois de ter dito ao que vim.

PETRONIO - (ameaçador) Retire-se do meu gabinete; não ouviu?

RODRIGO - Eu já lhe disse que só sairei depois de falar.

PETRONIO - Dona Cláudia, peça aos dois continuos que venham aqui, sem demora!

CLAUDIA - (meia voz) Meu Deus!...

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA AFASTADA.

PETRONIO - Vou fazer uma coisa que me repugna, mas hei de ensiná-lo a obedecer-me.

RODRIGO - Eu também estou fazendo outra que não é do meu feitio, para ensiná-lo a ser justo. E vou lhe fazer um aviso, enquanto não chegam os homens que o senhor mandou chamar para enxotar-me: si não me der oportunidade de falar-lhe a sós, ~~XXXXXXXXXXXXXXXX~~ eles, a sua secretária e mais quem estiver por perto, ficarão sabendo da sua infâmia, porque gritarei tudo a plenos pulmões, enquanto me arrastem para fora.

PETRONIO - Não acredito que tenha coragem de proceder desta forma.

RODRIGO - Pois experimente e verá. Tome a si mesmo como exemplo, para saber que um homem alucinado é capaz de todas as torpezas. E eu estou alucinado, meu pai. Alucinado com todas as coisas que me disse ontem, muitas das quais, ~~mas~~ no momento, não cheguei a compreender, mas ~~que~~ depois, no silêncio pesado e amargurante do meu quarto de rapaz solteiro, lembrando-as, pude constatar as torpezas todas que sugeriam. E depois de passar uma noite inteira, andando no quarto de um lado para outro e fumando cigarro atrás de cigarro, ~~então~~ <sup>foi que</sup> resolvi ~~vir~~ <sup>também</sup> vir aqui, aclarar as suas insinuações e debatê-las. E mais: para fazer-lhe <sup>também</sup> uma revelação que o vai deixar estarecido!

PETRONIO - E que espécie de revelação é essa?

RODRIGO - Só lhe direi depois que fizer sair os homens que mandou chamar.

C/REGRA - PORTA QUE SE ABRE, AFASTADA.

CLAUDIA - (2º Plano) Dá licença, senhor Petrónio?

PETRONIO - Fale lá.



PETRONIO - Deixe-me o número do telefone dela. Depois eu resolverei.

RODRIGO - Emprésteme o lápis. (PAUSA MAIOR) Pronto, aqui está. A hora melhor do senhor telefonar é depois das duas da tarde. Na parte da manhã ela tem as suas aulas de música e de línguas.

PETRONIO - Obrigado. Depois eu falarei com ela.

RODRIGO - Perfeitamente. Até logo, então e obrigado por me ter ouvido.

PETRONIO - Não há de que.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM.

PETRONIO - (Quando os passos já vão em meio) Rodrigo.

RODRIGO - (2º plano) Sim?...

PETRONIO - Você ama sinceramente a sua quasi noiva?

RODRIGO - De todo coração, meu pai. E seria capaz de morrer, antes de traí-la.

PETRONIO - Está bem. Era só o que eu queria saber.

C/REGRA - (Mais alguns passos e PORTA QUE ABRE E FECHA, AFASTADA)

PETRONIO - (depois de pausa, monologando) Ele disse que a ama de todo o coração. De todo o coração. Mas então... então a outra... é apenas uma aventura? (Pausa) Não faz mal. De qualquer forma, eu agora já tenho nas mãos uma arma para a minha vingança!

TECNICA - SEPARAÇÃO MUSICAL DRAMÁTICA

CATARINA - Sabe quem está aí querendo falar com a senhora?

ARABELA - Quem?

CATARINA - O Padreco da Metriz. Eu disse que a senhora estava descansando um pouco, ele disse que esperava. Está sentado lá na sala. Que é que eu faço?

ARABELA - Manda-o entrar aqui para a saleta. Ele está sempre com as sandálias tão sujas, vai acabar sujando-me o tapete.

CATARINA - Sim senhora. (saindo) E as sandálias estão sujas mesmo.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM E SE PERDEM.

ARABELA - Que quererá o Padre Crispim? Será uma visita pastoral, ou vem passar mais uma das suas tómbolas de todo dia? Bem, de qualquer forma, dentro de alguns momentos eu já ficarei sabendo. A última rifa que ele me pagou eu acho que ainda nem correu...

C/REGRA - Passos pesados de homem que se aproxima.

CATARINA - (em 2º plano) Aqui está ele, dona Arabela. Eu vou atender o telefone que ele está chamando lá no gabinete.

ARABELA - Entre, Padre Crispim.

CRISPIM - A paz de Deus esteja nesta casa, minha boa amiga.

ARABELA - Que assim seja, ~~meu virtuoso amigo~~ meu virtuoso amigo. Sente-se.

CRISPIM - (geme, respirando aliviado) Estou cansado. Este é o terceiro quarteirão que visito hoje, entrando de casa em casa.

ARABELA - Quer que lhe mande servir um café?

CRISPIM - Não, obrigado. A família Prates me fez tomar um cálice de vinho do Porto, acompanhado de uma fatia de bolo e antes eu já havia tomado café nas Murtinho, com biscoitinhos de Araruta que aliás, - diga-se de passagem - elas fazem muito bem.

ARABELA - Fazem, sim. Uma vez elas mandaram para um chá da congregação e eu tive ocasião de prová-los.

CRISPIM - Mas vamos ao que serve: eu estou aqui, minha amiga, para tratar de um assunto muito delicado e ao mesmo tempo muito importante. Estou precisando da sua ajuda e venho suplicá-la.

ARABELA - Pois não, Padre Crispim, diga o que quer ~~XXXXXXXX~~ e eu terei o melhor prazer em ajudá-lo. ●

CRISPIM - Não se trata de mim, mas do seu genro, o senhor Petrónio.

TÉCNICA - LAMBADA MUSICAL.

ARABELA - Do meu genro?!... (despistando) Que há com êle?

CRISPIM - Não me parece bem de saúde e a única pessoa que teria influência no seu espírito, a ponto de convencê-lo a procurar um médico seria a senhora.

ARABELA - Ele se queixou de alguma coisa ao senhor?

CRISPIM - (embaraçado) Não, não, êle... êle não se queixou de nada, mas parece que anda procedendo de uma forma exquisita em casa...

ARABELA - Foi Eugênia que se queixou?

CRISPIM - Não, não... ela... ela não se queixou. Dona Eugênia é uma pessoa muito correta... jamais se queixaria do marido para quem quer que fôsse...

ARABELA - Mas então o que o leva a supor que meu genro esteja doente e necessitando de cuidados médicos? ●

CRISPIM - Bem, eu... eu não posso esclarecer isto à senhora. O mais que lhe posso adiantar é que se trata de um segredo de confessorário.

ARABELA - Ah bem, neste caso eu peço desculpas da minha insistência.

CRISPIM - Não há o que desculpar. Foi um impeto de curiosidade natural.

ARABELA - Nem foi propriamente de curiosidade, padre. Eu estava buscando saber de onde provinha a sua ~~XXXXX~~ informação, para poder avaliar o seu fundamento. Uma vez que o senhor me diz que é um segredo de confessorário, eu já não tenho o direito de duvidar dela.

CRISPIM - Pois bem, dona Arabela, responda-me então: a senhora está disposta a auxiliar-me neste caso?

ARABELA - Sem dúvida. Não tanto por dona Eugênia, de quem, em verdade, eu não tenho queixas, mas principalmente por Petrónio, a quem eu quero um bem muito grande, pelo muito de felicidade que ofereceu à minha filha Bernice, ao tempo em que foi casado com ela.

CRISPIM - Pois bem, então eu vou lhe pedir que o mande chamar, o mais breve possível, converse-se com ele e arranje uma maneira de fazer com que ele vá ao médico examinar-se. Pelo que sei, ele deve estar completamente exgotado dos nervos e nós precisamos salvá-lo enquanto é tempo.

ARABELA - Está muito bem, padre Crispim. Pode contar comigo.

CRISPIM - Eu sabia. E saio daqui agradecido e abençoando-a.

ARABELA - O que?! Mas já vai?

CRISPIM - Sim, sim. Estou louco para me ver em casa e tirar estas sandálias.

ARABELA - Eu vou acompanhá-lo até à porta.

CRISPIM - Não se dê a esse trabalho.

ARABELA - Não custa nada. É um prazer.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER E DE HOMEM, GAMINHANDO JUNTOS, SEMPRE EM 1º PLANO.

ARABELA - Quando é que corre a última tómbola que o senhor me vendeu?

CRISPIM - Já correu. Não soube, não? Saiu - imagine - para a diretora do Asilo da Piedade. Ela vai fazer nova rifa em favor do asilo.

ARABELA - Eu tenho uma eletrola que era de minha filha e como nunca me utiliso dela, acho que vou mandá-la para o senhor fazer uma rifa.

CRISPIM - Ótimo! Mande sim. Nós estamos precisando de vários reparos na Matriz e o dinheiro está curto.

ARABELA - Depois eu faço a Catarina limpá-la e aviso ao senhor para mandar buscar.

CRISPIM - Perfeitamente. Fico aguardando o aviso.

C/REGRA - PORTA QUE SE ABRE.

TÉCNICA - RUIDOS DE RUA EM FUNDO

CRISPIM - Bem, então até amanhã ou depois e fique com Deus, minha filha.

ARABELA - Obrigada, Padre Crispim. Que ele vá com o senhor também.

C/REGRA - PORTA QUE SE FECHA.

TÉCNICA - RETIRA OS RUIDOS DE RUA.

ARABELA - (CHAMANDO) Catarina! Catarina, depressa! Telefone ao escritório de Petrónio e diga-lhe que eu preciso falar com ele imediatamente!

TÉCNICA - SEPARAÇÃO MUSICAL FORTE. FINAL DA 1ª PARTE.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

TÉCNICA - ABERTURA MUSICAL DA 2ª PARTE

EUGENIA - Será que o Padre Crispim já falou com Petrónio? Eu estou tão aflita para saber. Não tenho podido pensar noutra coisa durante todo o dia.

TEREZA - Eu acho que si elle tivesse falado, já teria vindo aqui para lhe dizer, ~~mas~~  
~~XXXXXXXXXXXX~~ Si não veio, é porque não falou.

EUGENIA - Eu hoje, depois de muito pensar, tomei uma resolução, Tereza.

TEREZA - Veja lá, hein? Não vá fazer coisas de que depois se arrependa.

EUGENIA - Acho que a linha que me dispuz ~~XXXXXXXXXXXX~~ a seguir agora é que está certa. Tanto mais que antes de me resolver a adoptá-la, rezei muito para Nossa Senhora e pedi que Ela me inspirasse. Sabes que logo comecei a sentir as minhas idéias mais claras e pude admitir um provável rompimento definitivo com Petrónio, sem aquele pavor e aquela obstinação que não me deixavam considerar mais nada? Acho que Ela me atendeu, ~~XXXXXXXXXXXX~~

TEREZA - Bem, a senhora não pediu a minha opinião, mas eu vou lhe dizer o que faria.

EUGENIA - Dize. Bem sabes que sempre te considereei uma criatura criteriosa e, como tal, não poderia deixar de levar em conta ~~XXXXXXXXXXXX~~ o teu parecer.

TEREZA - Eu não pecaria contra Deus, por mais que pudesse amar um homem. Não há um só, por melhor que seja, que valha o sacrificio de sermos jogadas nas fogueiras do inferno. Escreva o que lhe vou dizer, dona Eugênia: a paz de consciência é o maior bem que podemos possuir.

EUGENIA - Tens razão, Tereza, tens toda a razão. Minha avó dizia que uma consciência limpa era como uma janela aberta ao sol, onde a luz e o calor podiam entrar livremente, iluminando e alegrando o nosso mundo interior. A consciência pesada era como se os vidros da janela estivessem cobertos por uma camada espessa de poeira e de fumaça que a luz não conseguia trespassar, deixando o coração envolto na penumbra e na tristeza. E deve ser realmente assim porque se apenas a perspectiva desse peso de consciência tem ~~X~~ fôrça bastante <sup>para me</sup> ~~XXXXXXXXXXXX~~ angustiar e oprimir, ~~XXXXXXXXXXXX~~ imagino bem o quanto sofreria se tivesse que carregar o peso propriamente dito!

TEREZA - É... não é mole, não. Mas afinal, qual foi a resolução que a senhora tomou que ainda não disse?

EUGENIA - Eu não farei nada para evitar o nascimento de meu segundo filho, ainda que isto resulte numa separação definitiva entre mim e o meu marido!

TEREZA - Muito bem! Isto é que é falar! A trôco de que, simplesmente porque ele não quer, a senhora vai cometer ~~XXXXXXXXXXXX~~ uma barbaridade destas? Ainda se ele apresentasse um motivo justo e convincente...mas só por implicância? Essa não

EUGENIA - Se o Padre Crispim foi realmente procurá-lo, como me prometeu, elle hoje á



EUGENIA - (Continuação) ... noite deve voltar ao assunto. E então travaremos o duelo, cujo resultado será definitivo! E eu só peço a Nossa Senhora que me inspire e não me deixe retroceder.

TECNICA - SEPARAÇÃO MUSICAL DEQUADA

PETRONIO - Quem lhe disse que estou doente dos nervos, minha sogra?

ARABELA - Bem... dizer, propriamente, ninguém me disse, mas alguém insinuou que você está necessitando, urgentemente, de um tratamento para o sistema nervoso.

PETRONIO - Já sei. Foi meu filho; não é? É a única desculpa que ele encontra para fugir às minhas acusações//.

ARABELA - Seu filho? Não, Petrônio, absolutamente. Seu filho não me fez a menor referência a você. Aliás digo-lhe mais: há vários dias que eu noto que quando falo em você, ele, habilidosamente, conduz a conversa para outros rumos. Que há entre vocês? Eram tão amigos... Não se entendem mais? Aposto que descobri o motivo: você não faz gosto no namoro dele com a tal pequena que arranjou agora; não é isto?

PETRONIO - Nem a conheço, dona Arabella, não posso fazer, portanto, nenhum julgamento da menina. O que se passa é que seu neto está se metendo em coisas que não deve e eu sou obrigado a chamar-lhe a atenção. Bem, mas deixemos isso de parte. Se não foi ele quem lhe falou que estou doente, quem mais poderia ser? Eugênia, outra vez? Tereza? Aquela velhota se mete muito onde não é chamada. Não duvido nada que tenha sido ela.

ARABELA - Pois não foi. E para você não estar aí a injustiçar inocentes, vou lhe dizer que não foi nenhuma velhota, foi um velhote, pronto.

PETRONIO - Um velhote só poderia ser o inquirido do Padre Crispim. E si ele veio, foi a mando de alguém. E <sup>esse</sup> alguém só poderia ser Eugênia; ~~não é isto?~~

ARABELA - Ele não me disse. Falou, apenas que era segredo de confessorário e que ele não podia trair.

PETRONIO - Não podia, mas traiu, porque mais claro que isto. ~~É claro~~ (TOM) Então ele quer que a senhora me convença a ir ao médico?

ARABELA - Foi o que ele me fez prometer que faria. Prometi e estou cumprindo. Agora... se você for, ou não for, já é problema seu.

PETRONIO - Não vou a médico nenhum. E hoje vou ter uma conversa com Eugênia a este respeito. Quem precisa ir ao médico é ela, não sou eu.

ARABELA - Por que? Ela ainda doente? A última vez que esteve aqui não me pareceu. Isto é... estava um pouco desfigurada, isto estava.

PETRONIO  
ARABELA - Minha sogra, não se surpreenda se amanhã ou depois eu entrar aqui na sua casa com as minhas malas.

TECNICA - ACORDE QUE TRADUZA ALEGRIA.

ARABELA - (ALEGRE INTERIORMENTE, MAS FINGINDO ABORRECIMENTO) Não faça isto, Petrônio! Procure entender-se com Eugenia! Ela é boa para você.

PETRONIO- Foi boa. Hoje Eugenia está muito mudada! Não parece mais a mesma de quando nos casamos. E sabe que meu filho a defende?

ARABELA - (num impeto incontido) Não é possível! (Cai em si) Isto é... quer dizer... Naturalmente que si elle a defende é porque ela o trata muito bem...

PETRONIO- Minha sogra, eu gostaria de poupa-la, mas... seu neto é um canalha!

TECNICA - ACORDE VIBRANTE E BRUSCO COMO UMA BOPETADA

ARABELA - Petrônio, por Deus! não diga uma coisa destas!... Seu filho é um rapaz excelente, um rapaz correto... educação que minha filha deu a elle você sabe sa be qual foi. É um menino que não bebe, não fuma, não joga... amigo do res peito e da verdade. Carater firme, integro! Como pode você chamar de cana lha a um rapaz destes? Você não sabe o que está dizendo. Não sabe.

PETRONIO - Minha sogra, a senhora me conhece ha muitos anos e nunca me ouviu dizer falsidades a respeito de quem quer que fôss. Fui homem que sempre proce deu com lisura e dignidade. Como poderia dizer agora, e justamente de meu filho, coisas que elle não merecesse que fossem ditas?

ARABELA - Meu Deus, Petrônio, você me deixou completamente desnorreada com esta, ago ra. Eu poderia esperar tudo, menos b que acabei de ouvir dos seus lábios. Palavra de honra que começo a acreditar no que me disse o Padre Crispim. Você precisa de um tratamento para os nervos, meu caro. Precisa.

PETRONIO- Quer dizer que a senhora não acredita que meu filho tenha feito jús ao qua lificativo que ~~seu filho~~ <sup>lhe dei?</sup>

ARABELA - E você acha que eu posso acreditar? Conheço esse menino desde que nasceu e convivi <sup>com elle</sup> muito mais ~~do~~ do que você que <sup>passava</sup> o dia todo no escritô rio, <sup>trabalhando,</sup> (foi, praticamente, nos meus joelhos que ele cresceu e se fez homem. Fui, durante a sua juventude, a sua confidente e conselheira. Muitas ve zes, quando elle voltava, à noite, dos seus giros de rapaz, ia sentar-se aos pés da minha cama, para me contar tudo que se havia passado com elle. Nunca tive do que reprimirá-lo, Petrônio. Como quer você, agora, que de uma ho ra para a outra eu aceite que você o classifique de canalha? Não posso.

PETRONIO- Si eu lhe disser o que elle fez dentro de minha casa, a senhora será obriga da a mudar de opinião.

ARABELA - Pois diga. Ficarei muito triste se tiver que curvar minha cabeça à evidên cia dos fatos, mas, até que conheça as suas razões, continuarei duvidando.

PETRONIO - Pois bem, então saiba que entrei em casa inesperadamente, fora das minhas horas habituais e fui surpreender seu neto agarrado nas mãos da madrasta, tendo nos olhos uma expressão de verdadeiro enlevo!

TECNICA - LAMBADA MUSICAL FORTE.

ARABELA - Não pode ser! Você está louco, Petrônio!

PETRONIO - Antes quizera estar, mas juro-lhe pela memória sagrada de sua filha a quem tanto amei, que o que lhe digo é verdade!

ARABELA - Que horror, meu Deus!... Que horror!...

PETRONIO - Eu tinha pena de lhe causar uma dor tão grande, mas a senhora duvidou... fui obrigado a fazer essa revelação tão cruel.

ARABELA - (sentindo-se mal, ofegante) Petrônio, por favor... traga-me um pouco de gué... antes que meu coração se parta ao meio!...

TECNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

---

5º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

PETRONIO - Si eu lhe disser o que meu filho fez dentro de minha casa, a senhora será obrigada a mudar de opinião.

ARABELA - Pois diga. Ficarei muito triste se tiver que curvar minha cabeça à evidência dos fatos, mas, até que conheça as suas razões, continuarei duvidando.

PETRONIO - Pois então saiba que entrei em casa inesperadamente, fora das minhas horas habituais e fui surpreender seu neto agarrado às mãos da madresta, tendo nos olhos uma expressão de verdadeiro enlevo!

TÉCNICA - LAMBADA MUSICAL FORTE

ARABELA - Não pode ser! Você está louco, Petrónio!

PETRONIO - Antes quizera estar, mas juro-lhe pela memória sagrada de sua filha, a quem tanto amei, que o que lhe digo é verdade!

ARABELA - Que horror, meu Deus! Que horror!...

PETRONIO - Eu tinha pena de lhe causar uma dor tão grande, mas a senhora duvidou... vi-me obrigado a fazer essa revelação tão cruel.

ARABELA - (Sentindo-se mal, ofegante) Petrónio... por favor... traga-me um pouco d'água... antes que o meu coração se parta ao meio!...

PETRONIO - (afobado) Um momento, dona Arabela, tenha calma. (Chamando forte) Catarina... depressa, Catarina, traga um pouco d'água para a sua patrão e o remédio para o coração. (TOM) Ela já vem. Procure acalmar-se para não ter piores consequências. (chamando) Catarina, depressa! Um copo d'água e o remédio de dona Arabela.

CATARINA - (3º plano, projetando) Já vai. Estou procurando o remédio.

PETRONIO - Onde está o seu remédio, a senhora sabe?

ARABELA - (Ofegante) Na minha... mesinha... de cabeceira...

PETRONIO - Ø (para longe, alto) O remédio está na mesinha de cabeceira de dona Arabela.

CATARINA - (3º plano, idem) Já achei. Estou botando na água. Não demora.

PETRONIO - Catarina já achou. Ela já vem aí. Tenha calma.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER, APRESSADOS, APROXIMANDO-SE

CATARINA - (vem falando) Pronto, está aqui o remédio. Demorou porque eu não encontrava o vidro em cima da cômoda, onde ôle sempre fica. Vamos, beba.

(PAUSA MAIOR) Que houve, afinal? Ela se esborreceu com o senhor?

PETRONIO - Comigo, propriamente, não. É por causa do neto que ela está assim.

CATARINA - Que fez o senhor Rodrigo?

PETRÔNIO - São assuntos de família, Catarina. Eles fôgem à sua alçada.

CATARINA - (SECA) Está bem, desculpe. (TOM) Tomou todo?

ARABELA - Tomei...

PETRÔNIO - Sente-se melhor, agora?..

ARABELA - Inda não, mas... vou melhorar... Esse remédio... é muito bom...

CATARINA - Está aqui a sineta para a senhora tocar, se precisar de mim. Deixei o leite no fogo, tenho que ir lá para dentro. Com licença.

PETRÔNIO - Eu ficarei mais um pouco com ela, até que você possa voltar. Não convem que ela fique sósinha.

CATARINA - (2º plano) Sim senhor.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM E SOMEM.

PETRÔNIO - E agora trate de não pensar no que eu lhe disse, para poder melhorar logo.

ARABELA - Já melhorei... já me sinto bem melhor. Esse remédio é poderoso.

PETRÔNIO - Eu tinha ainda muita coisa a conversar com a senhora, mas parece que não tive muito jeito e comecei pelo ponto pior. Continuaremos o nosso assunto amanhã, provavelmente.

ARABELA - Você... você vem amanhã?

PETRÔNIO - Acredito que sim. Não sei. Estou num dilema terrível. Tenho à minha frente dois caminhos abertos que me chamam: o da dignidade e o da vingança. Não posso saber, até amanhã, qual dos dois sentimentos gritará mais forte. Tudo vai depender da minha disposição, no momento.

ARABELA - Petrônio, eu vou lhe fazer um apêlo. Tenha muita calma e não se precipite. Conheço todas as suas qualidades - elas são inúmeras - mas conheço também os seus defeitos. Você toda vida foi ciumento e arrebatado. Não jogue fora a sua felicidade, pelo arrebatamento de um instante.

PETRÔNIO - A minha felicidade está morta, desde que tive denúncia da infidelidade de Eugênia.

ARABELA - Mas você não pode acreditar numa denúncia anônima, Petrônio. Você é um homem inteligente, tinha que saber disto.

PETRÔNIO - A denúncia, ou melhor, as denúncias foram anônimas, é verdade, mas sempre apontaram fatos concretos, que eu pude mais tarde verificar. Elas só não me diziam quem era o sedutor de Eugênia e por isso eu ainda mantinha interesse a nossa situação dentro de casa. Queria, desejava, precisava saber quem era o sedutor. Tive agora a prova que me faltava, já não tenho mais o que esperar. Esta noite conversarei com Eugênia e amanhã tomarei novo rumo. Foi por isso que lhe disse que talvez viesse para este caso.

ARABELLA - Ela estará inteiramente às suas ordens, si bem que eu não desejasse ser envolvida nessa questão de vocês. Você sabe... eu sou suspeita. Tenho receio de que amanhã Eugênia possa pensar que tive qualquer interferência no caso. (TOM) Quer me fazer o favor de abrir um pouco aquela janela? Está muito quente aqui dentro.

PETRÔNIO - Pois não.

C/REGRA - PASSOS SE APASTAM. RUIDO DE ABRIR JANELA.

PETRÔNIO - Nós estamos sendo imprudentes, voltando a falar num assunto que já lhe fez tanto mal. Vou ver se a Catarina pode vir ficar com a senhora e vou sair que tenho muito a fazer lá fora. Procure desviar a sua atenção deste assunto e repousar que é o que a senhora está precisando agora.

TÉCNICA - SEPARAÇÃO MUSICAL FORTE.

MARINA - (admirada e alegre) Catarina! Você na minha casa? Que milagre é este?!...

CATARINA - Trago grandes novidades para a senhora. Novidades que vão lhe deixar com a boca aberta. Mas antes quero dizer que vi um rádio portátil que é um amor!

MARINA - Conte primeiro as novidades. Si elas valerem o rádio você o terá.

CATARINA - Ah valem. Estou certa que valem. Acho que a sua posição, amanhã, de boi vai passar a magnífica.

MARINA - Pois então diga logo, criatura. Não fique aí com reticências e fazendo sensacionalismo. Que foi? Que aconteceu?

CATARINA - O seu Patrônio parece que amanhã abandona a casa e volta a morar com a dona Arabela!

MARINA - Não diga!...

CATARINA - Descubriu, afinal, todas as trancoias da mulher!

MARINA - Não diga!...

CATARINA - Eu não ouvi muito bem, porque ele estava um pouco distante da porta, mas parece que já sabe, até, quem é o homem que o engana.

MARINA - Não diga!...

CATARINA - Disse que hoje de noite vai ter com dona Eugênia a conversa final.

MARINA - Não diga!...

CATARINA - (mudando completamente o tom) Escute aqui, dona Marina, a senhora quer saber tudo, ou não quer?

MARINA - Mas é claro que quero, pois se não desejo outra coisa...

CATARINA - Pois então não fique aí dizendo não diga, não diga, que de repente eu não digo mesmo. Esse negócio me encaniza.

MARINA - Está bem, está bem, eu não digo mais, mas conte-me o resto.

CATARINA - Que resto?

MARINA - O resto da história que você estava contando.

CATARINA - Mas eu não estava contando história, estava contando um fato.

MARINA - Está bem, Catarina, pois então conte o resto do fato.

CATARINA - Ele está zangado com o filho, mas eu não ouvi bem porque. Só sei que quando ele disse os motivos, a dona Arabela teve um chique e eu tive que levar remédio para ela a toda disparada.

MARINA - Será que a dona Arabela me conta, si eu for visitá-la?

CATARINA - Conta, nada. Aquela velha não é tóla, não. Ela conta um pouco, mas aquilo que interessa mesmo ela esconde.

MARINA - (ímpeto) Espera aí, Catarina. Capaz que eu saiba o motivo da briga de Petrólio com o filho. Eu telefonei para a namorada dele, sem dizer quem era e pedi que ela reforçasse as desconfianças do sogro, mandando Rodrigo contar-lhe certas coisas. Ela me respondeu atravessada, dizendo que não se metia em questões de família, mas vai ver que falou ao rapaz, o rapaz por sua vez contou ao pai e o pai, em vez de aceitar as denúncias do filho se zangou com ele.

CATARINA - É mesmo. Pode ter sido isto. A dona Arabela não está querendo me contar bem o que houve, mas volta e meia ela pensa alto e eu vou apanhando as coisas. Vou dando o mote... vou puxando... vou fingindo interesse por amizade e a velha vai escorregando aos poucos. Amanhã acho que vou ter muito mais novidades para lhe contar. Só que eu não sei se amanhã eu vou poder vir aqui. É dia que o médico vai vê-la e ele não tem uma hora certa. Pode ir de manhã, pode ir de tarde e até de noite ele já tem ido.

MARINA - Não faz mal. Se você não puder vir de tarde, telefone avisando-me que eu dou um jeito de ir até lá.

CATARINA - Mas bata na porta de serviço para poder ficar lá dentro conversando comigo, senão a velha vai querer que a senhora entre e adeus minhas encomendas. Sebe que as pessoas que batem na porta da frente ela logo vai controlar por traz das cortinas da sala, para mandar dizer si está ou não está.

MARINA - Não tem dúvida, Catarina. Estamos entendidas.

CATARINA - Estamos entendidas, mas eu ainda não fui "atendida."

MARINA - Ah, sim. Tá queres um rádio portátil, não é? Eu vou procurá-lo hoje de tarde e amanhã, quando for lá já o levo comigo. Tens alguma marca que prefiras, ou algum tipo especial?

CATARINA - Marca tanto faz, desde que seja boa, é claro. Tipo sim. Eu quero escuri-  
nho e dos menores que a senhora encontrar. Que eu possa levar nesta bol-  
sa quando sair.

MARINA - Eu sei quais são os que você quer; são os japonezes. São muito engraça-  
dinhos. São de pilha, não é?

CATARINA - Exato. Bem, dona Marina, agora então eu vou porque deixei a velha com  
uma vizinha, alegando que tinha hora marcada no dentista e não podia fal-  
tar. Se ainda hoje tiver qualquer novidade eu darei um geito de lhe avi-  
sar pelo telefone, mas sem fazer conversa comprida porque é perigoso. Lá  
tem extensão e pode-se ouvir de um aparelho o que se conversa no outro.

MARINA - Eu sei, você já me avisou. O melhor até, talvez seja eu telefonar pedin-  
do notícias da saúde de dona Arabela.

CATARINA - Não, não. Deixe que eu procurarei um momento em que ela esteja longe do  
telefone. O diabo é que às vezes este telefone fica batendo e a senhora  
custa a atender que é um horror.

MARINA - Não, não, mas eu hoje ficarei de olho, para atender em seguida.

TÉCNICA - SEPARAÇÃO MUSICAL

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL DE ABERTURA PARA A 2ª PARTE

LEILA - Meu querido, hoje tú estás mais frio, mais triste e mais distante do que  
nunca. Por que não me dizes o mal que te aflige? Não confias em mim?

RODRIGO - Confio, querida, mas há coisas tão baixas... tão sórdidas, tão terrivel-  
mente deprimentes e achincalhantes, que até de nós mesmos, se fôsse pos-  
sível, esconderíamos. Por isso eu te peço: não me forces a falar nos mo-  
tivos dessa angústia que me oprime. Esquece-a.

LEILA - Mas como posso esquecê-la, si a tenho constantemente na minha presença,  
quando estás comigo? O caso de teu pai, em verdade, é de preocupar a um  
filho amoroso e dedicado como tu, mas o que não entendo é que essa preo-  
cupação tome proporções de uma tragédia irremediável. E é isto, exata-  
mente, o que a sua fisionomia está traduzindo.

RODRIGO - Da maneira como as coisas se agravaram, ontem, talvez não seja exagero  
qualificá-las de trágicas e irremediáveis.

LEILA - Que pena! E justamente o que mais me aflige é não poder fazer alguma  
coisa por você, por seu pai, por sua madrasta... Hoje um homem me telefo-  
nou. Pensei que fosse ele. Perguntou por mim à empregada e quando fui  
atender pediu desculpas e disse que era engano.



- RODRIGO - (desconfiado) Um homem com uma voz... (Diz o tipo de voz do intérprete de Petrônio)
- LEILA - Exatamente. Eu ainda tentei prendê-lo ao telefone, mas ele não me deu tempo. A impressão que tive foi de que ele queria me dizer alguma coisa e naquela pausa em que a empregada foi me chamar e eu vim atender, arrepen-deu-se e desistiu.
- RODRIGO - (Pensativo) Pode ser... pode muito bem ser...
- LEILA - Se fôsse seu pai, que pensa você que ele pudesse querer comigo?
- RODRIGO - Sei lá... papai anda tão exquisiteso agora... tão diferente... antes eu po-deria lhe afirmar que ele tinha desejado conversar com você, para ter oportu-nidade de ouvir a sua voz e poder fazer qualquer juízo sôbre a mentali-dade da mulher que seu filho elegeu. Hoje... hoje nem sei o que lhe res-ponder. Confesso que tenho até medo.
- LEILA - Medo, Rodrigo? Mas me do de que?
- RODRIGO - Sei lá! Pode-se lá saber porque se sente isto ou aquilo? A gente simples-mente sente e acabou-se.
- LEILA - Você conteve muito os seus nervos, exgotou-se e agora vê tudo com cores sombrias, querido. Você permite que eu comece a tratá-lo? Tenho aí um tranquilizante que mamãe usa quando sente angústia e você verá como ele vai aliviar a tensão de seus nervos. Quer?
- RODRIGO - Talvez seja bom, mas não irá dar trabalho a você?
- LEILA - Óra vamos, pelo amor de Deus! Trabalho. Quizera ter todos os trabalhos do mundo para que você se sentisse novamente feliz e sorrisse, como antes, com esses dentes tão lindos que eu adoro e dos quais já tenho saudades, desde que você deixou de sorrir.
- C/REGRA - SININHO DE CHAMADA, EM PRIMEIRO PLANO.
- LEILA - Belmira está acostumada a preparar o calmante da mamãe, vou pedir que pre-pare um para você. Verá como vai lhe dar alívio imediato.
- RODRIGO - E realmente eu preciso de um alívio, Leila. Sinto-me tão cansado e parece que a cada dia que passa o peso se acumula sôbre os meus ombros.
- C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM.
- BELMIRA - (2º PLANO) A senhora chamou, dona Leila?
- LEILA - Chamei, Belmira. Você quer fazer o favor de preparar uma dose de tranqui-lizante e trazer aqui na sala agora?
- BELMIRA - Trago, sim senhora. Com licença.
- C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM.
- LEILA - Você está com as mãos completamente geladas, querido.



BELMIRA - Ah, o senhor vai ser engenheiro?... E é muito difícil o ~~xx~~ estudo de engenheiro?

RODRIGO - Depende... Si a pessoa tiver vocação é fácil, se não tiver encontrará muito mais dificuldade. A senhora acha difícil cozinhar?

BELMIRA - Óra credo! Pra mim é a coisa mais fácil do mundo.

RODRIGO - Está vendo? Pois para mim seria a mais difícil. A única coisa que sei fazer, nesse campo, é abrir uma lata de conservas e aquecer.

BELMIRA - Veja só! Pois eu faço qualquer prato: desde a churrasco nas brasas até aquelas muquecas do norte, cheias de temperos e de complicações.

C/REGRA - PASSOS DE LEILA QUE SE APROXIMAM.

LEILA - (chegando e falando) Pronto, Belmira, muito obrigada. Você pode ir lá para dentro que eu já estou de volta.

BELMIRA - Sim senhora. Com licença, doutor.

RODRIGO - É sua.

C/REGRA - PASSOS QUE SE APASTAM ATÉ SUMIR.

RODRIGO - (ansioso) Quem era?

LEILA - Seu pai.

TÉCNICA - LAMBADA MUSICAL QUE SUGIRA SUSTO TREMENDO.

RODRIGO - Papai?! E ele falou com você? Que lhe disse?

LEILA - Pelo tempo que demorei ao telefone, pode imaginar que bem pouca coisa.

RODRIGO - Mas que foi? Diga-me. Eu preciso saber.

LEILA - Pediu licença para vir conversar comigo, amanhã.

TÉCNICA - REPETE A LAMBADA MUSICAL ANTERIOR

RODRIGO - E você? Que lhe respondeu?

LEILA - Que poderia responder, querido? A única coisa compatível com a minha educação. Disse-lhe que viesse. Acrescentou que não me roubaria muito tempo e eu lhe retruquei que teria o maior prazer em conversar com ele. (PAUSA) Você parece que está muito preocupado com a impressão que seu pai possa me causar. Por que, querido? Seja franco comigo. Diga o que tanto teme.

RODRIGO - Leila, querida, eu não sei o que papai vai lhe dizer amanhã. Juro-lhe que não sei, mas seja lá o que for, eu quero que você me prometa uma coisa.

LEILA - Antecipadamente está prometido o que você quer. Fale agora.

RODRIGO - Papai talvez venha procurar intrigar-me com você.

LEILA - Rodrigo!...

TÉCNICA - REPETE A LAMBADA MUSICAL ANTERIOR.

RODRIGO - É verdade, Leila. Papai talvez venha à sua casa com a intenção secreta de nos separar.

LEILA - Mas por que? Que motivos tem ele contra mim?

RODRIGO - Contra você, nenhum, mas contra mim ele imagina que tem inúmeros.

LEILA - Não pode ser, Rodrigo, não pode ser. Você tem que estar enganado.

RODRIGO - Infelizmente não enganou, querida. Tive a prova disto ontem, depois de havermos altercado por um motivo que nem me atrevo a revelar a você.

LEILA - Que horror! Que situação mais desagradável. Si eu tivesse sabido disto antes de falar com ele, já teria me esquivado a recebê-lo. Agora... que posso fazer? ~~Receba-o, necessariamente, receba-o~~ Inda mais que até a hora ficou combinada.

RODRIGO - Receba-o, sim. Você não tem, realmente, outra alternativa, mas atenda a um pedido que vou lhe fazer, do fundo do meu coração.

LEILA - Faça.

RODRIGO - Seja lá o que fôr que ele possa dizer contra mim... não me julgue e nem tome nenhuma atitude, sem ouvir a minha defesa. (Pausa) Promete?

LEILA - (depois de pausa, insegura) Combinado, Rodrigo. Eu primeiro ouvirei a sua defesa e depois ~~juízo~~ julgarei.

RODRIGO - Obrigado, querida.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO

---

A MARCA DO ÓDIO

- Novela original de Érico Cramer -

6º Capítulo

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

RODRIGO - Atenda a um pedido que lhe vou fazer, do fundo do meu coração, Leila.

LEILA - Faça.

RODRIGO - Seja lá o que for que meu pai possa dizer contra mim... não me julgue e nem tome nenhuma atitude, sem ouvir a minha defesa. (pausa) Promete?

LEILA - (depois de pausa, insegura) Está bem, Rodrigo. <sup>Prometo.</sup> Eu primeiro ouvirei a sua defesa... depois então julgarei.

RODRIGO - (Aliviado) Obrigado, querida! Você nem sabe o peso que tira do meu coração com essa promessa. *O alívio que traz à minha alma torturada!*

LEILA - Rodrigo, eu não compreendo <sup>esse</sup> ~~o~~ medo tão grande da sua parte. Você se julga culpado de alguma falta?

RODRIGO - Nenhuma. *Juro-lhe.*

LEILA - <sup>Mas</sup> Então não há o que temer, *parece-me.*

RODRIGO - Realmente, não deveria haver, <sup>em verdade,</sup> mas eu tenho visto tantas confusões, ultimamente, causadas pelas aparências, que já fico com receio de perdê-la por uma coisa ~~assim~~ semelhante.

LEILA - Fique tranquilo. Eu saberei diferenciar o ser e o parecer. (Pausa) Tome mais uns goles do calmante. Isso lhe fará bem. (Pausa) Pode tomar todo, não tenho receio. (Pausa) Mãe chega a tomar, num só dia, tres doses <sup>co</sup> mo essa que você tomou.

C/REGRA - DEPOIS DE PAUSA, DEPOSITA COPO NA MESA.

RODRIGO - Bem, querida, e agora eu vou <sup>pois</sup> que tenho que terminar um trabalho para apresentar amanhã na Faculdade. Há uma semana que ~~estou trabalhando~~ *ele está começado e até hoje não* ~~consegui concluir-lo.~~

LEILA - Hoje você vai terminar, *pode estar certo.*

RODRIGO - Então boa noite, meu amor.

LEILA - Boa noite, Rodrigo. Telefone amanhã cedo, para me dizer como passou a noite. Vou ficar apreensiva.

RODRIGO - Não é preciso. Agora já começo a me sentir melhor. Vou terminar meu trabalho, vou <sup>me</sup> deitar e vou dormir.

LEILA - Vai, sim. Eu vou acompanhá-lo até à porta.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM E MULHER, JUNTOS, SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO.

RODRIGO - Obrigado, querida. Nem sei como me desculpar do trabalho que lhe dei hoje

LEILA - Que trabalho? Mandar preparar um tranquilizante? Ora vamos, Rodrigo, francamente. Se isso fôsse trabalho... nada custaria na vida.

- RODRIGO - E não só isso. Aturar-me, por mais de duas horas, num estado de nervos que parecia uma pilha elétrica.
- LEILA - Deixe isso pra lá. Si pretendemos viver um para o outro, é bom que nos habituemos, desde já, a conhecer as reações e as fraquezas de cada um.
- C/REGRA - PARAM OS PASSOS DOS DOIS. PORTA QUE ABRE TAMBEM EM 1º PLANO. ~~ENIGMAS~~
- TECNICA - RUIDOS DE RUA? QUANDO A PORTA SE ABRE.
- LEILA - Você não trazia qualquer coisa na mão, quando chegou?
- RODRIGO - Os retratos, que você ficou para ver amanhã com a luz do dia.
- LEILA - Ah, tem razão. É isto mesmo.
- RODRIGO - Então boa noite querida.
- LEILA - Boa noite Rodrigo. (BEIJO)
- C/REGRA - PASSOS DO HOMEM QUE SE AFASTAM.
- LEILA - (projeta) Não esqueça de me telefonar amanhã cedo, para me dizer como passou a noite. Durma bem.
- RODRIGO - (3º Plano) Obrigado Você também.
- C/REGRA - RUIDO DE PORTA QUE SE FECHA.
- TECNICA - CESSAM OS RUIDOS DE RUA.
- LEILA - (depois de pausa) Não sei o que está se passando com Rodrigo. Nunca vi ninguém ficar, como ele, tão assustado, <sup>se</sup> porque o pai pediu licença para me visitar. <sup>Sua</sup> perturbação ~~foi~~ foi tamanha, que francamente... eu não queria ficar desconfiada, mas acabei ficando. Que terá havido entre eles? Rodrigo sempre me disse que os dois não podiam ser mais amigos do que eram. Sendo assim... não poderiam brigar por pouca coisa. E pensar que eu ainda tenho que esperar até amanhã às quatro horas para saber!
- TECNICA - CORTINA MUSICAL QUE TRADUZA MISTÉRIO E ANCIÉDADE.
- TEREZA - Graças a Deus que, depois de muito rolar, Luizinha se acomodou. Como custou a dormir hoje, Nossa Senhora!
- EUGENIA - É verdade. Ele parece que anda excitadinho. Assim que melhorar a situação aqui em casa, vou levá-lo ao médico.
- TEREZA - A senhora <sup>ainda</sup> tem esperança <sup>melhor</sup> que a situação aqui, ~~melhor~~?
- EUGENIA - Tenho, Tereza. Dona Arabela tem falado com ele, o Padre Crispim também. Rodrigo foi ao escritório e parece que foi bem recebido... Tudo isto de monstra que ele está com o espirito mais sereno. <sup>PAUSA</sup> Ele avison alguma coisa se vem jantar em casa?
- TEREZA - Até agora, não. A não ser que tivesse telefonado quando eu estava no quarto com o menino e a cosinheira <sup>que</sup> tenho atendido.
- EUGENIA - Acho que não. Ela teria vindo me comunicar, em seguida. <sup>Sabe que eu fico à espera.</sup>



PETRONIO - E si eu lhe disser que tomo isto como condição para que continuemos a viver sob o mesmo teto?

EUGENIA - Eu continuarei firme na minha ideia e não há <sup>verdade</sup> que me faça mudá-la.

PETRONIO - Mas Eugênia, eu quero e imagino que você também há de querer continuar mantendo as aparências; não é verdade?

EUGENIA - Seria melhor pelo nosso filho, sem dúvida, *mas a verdade...*

PETRONIO <sup>(certa)</sup> - Não me fale ~~isso~~ *em Luizinho.*

EUGENIA - Mas como não hei de falar, si êle existe e é nosso filho?!

PETRONIO - Nosso, não. É seu... e de seu amante!

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE. FICA VIBRANDO EM BG.

EUGENIA - Você não sabe o que está dizendo, Petrônio. Luizinho é nosso. É filho do nosso amor, *da nossa ternura, da comunhão de nossas almas...*

PETRONIO - (Ódio surdo) Luizinho é filho de Rodrigo e por isso se parece tanto com <sup>ele!</sup>

TECNICA - ACORDE VIOLENTO

EUGENIA - (num grito) *Petrônio, isso é um sacrilégio que você está cometendo!*

PETRONIO - *E como explica a semelhança tão grande entre os dois?!*

EUGENIA - Da forma mais simples e racional. Ambos são filhos do mesmo pai.

PETRONIO - Mas Rodrigo não se parece comigo. É o retrato vivo da mãe.

EUGENIA - Só você acha assim. Todas as pessoas que me falam nele, são unânimes em achá-lo parecido com você. Por que há de pensar um absurdo dessa natureza, Petrônio? Pode me explicar?

PETRONIO - Acha pouco o que surpreendi, há dois dias? Não estavam de mãos agarradas e no meio dos enlevos?

EUGENIA - Você é um homem alucinado, Petrônio. Rodrigo disse-lhe a verdade. Ele examinava os brilhantes da aliança que você me deu, quando do nascimento do nosso primeiro filho. Ele estava realmente enlevado...

PETRONIO - Ah, então confessa? ~~firmemente?~~

EUGENIA - Mas enlevado com a beleza dos brilhantes, que exercem sobre êle um fascínio surpreendente. Por que há de imaginar coisas que não existem e torturar a sua paz interior com suspeitas infundadas? Você hoje parece mais sereno. ~~Eu~~ também estou. Vamos ver se nos entendemos, para que nossos filhos não sejam, amanhã, uns desajustados.

PETRONIO - Eu não aceito nenhum acordo, antes que você tenha procurado um médico para dar um jeito nessa criança que vem ~~por~~ aí. Se fizer isto, talvez tenhamos chance para um entendimento, se não quiser fazer... nada feito.

EUGENIA - E qual é a diferença que pode fazer um filho a mais, ou a menos?

PETRONIO - Muita. Eu terei que fazer por duas vezes o que vai me custar tanto fazer com o primeiro.

TÉCNICA - ACORDE DE SUSTO QUE FICA VIBRANDO NO AR.



EUGENIA - O que é que você quer dizer com isto, Petrônio? Eu não consegui alcançar bem o sentido das suas palavras.

PETRONIO - Não é preciso. Basta que eu saiba o que vou fazer. Na ocasião você ficará sabendo.

EUGENIA - Petrônio, se você fizer qualquer coisa a Luizinho, pode ficar bem certo que terá ~~que~~ <sup>de</sup> ver-se comigo. Você já viu uma leão ferida? É como eu me sentirei se voce atacar o meu filho. Toda a minha quietude se transformará em agitação, toda a minha resignação será substituída pela revolta, e todo o meu amor por você há de se transformar em ódio! E o ódio, não esqueça... o ódio gera vingança!...

TECNICA - SEPARAÇÃO MUSICAL E RENUNCIANDO TRAGÉDIA. 10<sup>m</sup>

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TECNICA - ABERTURA MUSICAL PARA INÍCIO DA SEGUNDA PARTE.

ARABELA - A Marina não esteve aí?

CATARINA - Esteve, sim senhora. Vinha lhe fazer uma visita, mas eu despistei, dizendo-lhe que a senhora estava com muita dor de cabeça.

ARABELA - Mas ela não bateu na porta da frente. Foi bater na de serviço. Que novidade foi essa?

CATARINA - (meio atrapalhada) Bem... não sei... A dona Marina parece que não é bem certa... de vez em quando faz umas coisas que a gente não fica entendendo... Não duvido nada que ela quizesse especular a copa e a cozinha. Ela não é desse mundo.

ARABELA - Eu que o diga! O que ela fez para evitar o casamento de minha filha com Petrônio foi algo assim que só se vê em cinema. Telefonava para ele, falando mal dela... telefonava para ela, falando mal dele... escrevia cartas anônimas, óra com denúncias... óra com ameaças... Marina é a mais terrível inimiga que pode existir sobre a face da terra. Quando minha filha adoeceu gravemente, apareceu uma macumba na porta de nossa casa e ninguém me tira da cabeça, até hoje, que foi ela quem mandou fazer.

CATARINA - Credo em cruz! Que mulher perigosa. Não pensei que fosse tanto.

ARABELA - É muito mais do que se possa pensar. Muito mais!

CATARINA - E como é que a senhora sabendo de tudo isto, ainda tem a coragem de recebê-la em sua casa? Eu queria distância, se fôsse comigo.

ARABELA - <sup>Mas eu</sup> ~~eu~~ prefiro que ela pense que ~~eu~~ ignoro tudo e que sou sua amiga, <sup>do que escorra-la,</sup> ~~porque,~~ na verdade, eu tenho medo dela. Quando minha filha morreu ela veio me visitar, eu não podia deixar de recebê-la. Daí para diante, na es

ARABELLA - (CONT.) esperança de conquistar, finalmente, o lugar que sonhou ao lado de Petrônio, ela continuou a frequentar minha casa, sob o pretexto de acompanhar-me. E foi indo... foi indo... que as coisas chegaram a um ponto que eu não pude mais coibir.

CATARINA - E ela não ficou zangada como senhora, quando seu Petrônio se casou com dona Eugênia?

ARABELLA - Não, porque eu trabalhei com a cabeça. Pingue torcer por ela e auxiliá-la. Se você ouvisse a prece que ela rogou para Eugênia, no dia do casamento... Ali, na frente daquele crucifixo que está em cima da cômoda. Eu fiquei toda arrepiada. E até hoje fico, quando me lembro. Veja os meus braços.

CATARINA - É mesmo. Todos empipocadinhos.

ARABELLA - Foi uma prece rogada com tanto ódio que a mulher chegava a tremer.

CATARINA - E parece que começou a fazer efeito, não é dona Arabela?

ARABELLA - Pois é. Eu tenho feito o possível para impedir Petrônio de consumir o que ele deseja, mas também tenho medo de me meter mais diretamente, por causa dela. A mulherzinha não é de brincadeira. Já me disseram que ela conhece todos os terreiros de macumba que existem na cidade. E que gasta uma grande parte dos seus rendimentos fazendo despachos.

CATARINA - Deus me perdoe! Não sabia disto.

ARABELLA - Por isso que eu estou cismada dessa batida dela lá na porta de serviço. Inda mais que ela trazia um pacotinho quadradinho, assim desse tamanho, na mão. Examine se ela não soltou qualquer porcaria por lá.

CATARINA - Acho que não, porque o pacotinho ela levou de volta.

ARABELLA - Não levou, não, porque eu vi que ela voltou sem ele.

CATARINA - Mas ela botou na bolsa, dona Arabela. Eu vi. Ela abriu a bolsa para tirar o lenço e assoar o nariz e quando guardou o lenço botou o pacotinho junto. Parece assim um rádio portátil daqueles pequenos, não é?

ARABELLA - Sei lá. Só sei que era um pacotinho que estava embrulhado num papel verde. Ele estava de luvas brancas, o contraste me chamou a atenção.

CATARINA - É isto mesmo. Um pacotinho embrulhado em papel verde. Ela guardou, sim.

ARABELLA - Mas em todo o caso não custa tá dres uma examinada na porta de serviço e na porta de frente também.

CATARINA - E se tiver qualquer coisa, o que é que eu faço?

ARABELLA - Varre para o meio da rua, depois passa um pano com mel na soleira, e depois de tudo isto, lava bem com água e sabão para não chamar os fornigas.

CATARINA - Sim senhora, eu vou ver isto agora mesmo.

ARABELA - É, vai. Vai de uma vez que eu não quero saber de macumbas na minha porta. Tenho horror! Dizem que é bobagem, que é ~~xxxxx~~ ignorância, que é isso, que é aquilo... mas eu não quero saber.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM E SE PERDEM NA DISTANCIA.

ARABELA - Eu não sei, não, mas essa vinda de Marina à minha casa, hoje, está me parecendo muito estranha. E mais vale a gente estar preparada do que ser apanhada de surpresa.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL DE EFEITO MISTERIOSO.

LEILA - Desculpe se o fiz esperar tanto tempo, mas a minha manicura se atrasou e não me deixou ser tão pontual como eu desejava. Estou com cinco minutos de atraso.

PETRÔNIO - Ora vamos! Isto não tem a menor importância. Principalmente para quem está habituado a esperar. Não se aborreça.

LEILA - O senhor não quer passar para aquela poltrona? Ficaria muito melhor acomodado.

PETRÔNIO - Não, obrigado, eu estou bem aqui. A minha demora é pouca.

LEILA - Eu fiquei muito contente que o senhor me tivesse dado essa oportunidade de conhecê-lo. Há muito que eu manifestava este meu desejo a Rodrigo.

PETRÔNIO - Pois eu não vim antes, por pena da senhorita.

LEILA - (extranhando) Pena?! Ora essa! Não posso compreender por que?

PETRÔNIO - Mas já irá compreender. E eu vou direto ao assunto, para não roubar muito o seu tempo.

LEILA - Seria um favor. Não pelo tempo, mas pela ansiedade que sinto.

PETRÔNIO - Saiba, senhorita, que nada me custa mais do que destruir a ilusão de uma jovem, cheia de vida... de entusiasmo... e de esperança, mas também não seria justo que eu visse essa jovem caminhar para um abismo profundo e sem salvação e não esboçasse um gesto para tentar salvá-la. É o que eu venho fazer aqui. Venho revelar-lhe uma verdade amarga... talvez cruel... mas uma verdade verdadeira que um homem de honra e dignidade não pode deixar de revelar, ainda que ela atinja diretamente o seu próprio coração, por que o alvo principal dessa verdade é o seu único filho! (PAUSA E TOM) A Senhorita, infelizmente, está sendo vítima de um embusteiro!

TÉCNICA - PANCADA MUSICAL VIOLENTA

LEILA - (abafada) Senhor Petrônio!...

PETRÔNIO - Sim, senhorita, desgrazadamente meu filho é um embusteiro e o meu dever é alertá-la contra a infâmia que ele pretende praticar, fazendo-a sua esposa

LEILA - Senhor Petrónio, peço-lhe que justifique as acusações que acabou de fazer o Rodrigo. Eu quero fatos, entendeu? Não basta que o senhor me diga que ele é isto ou aquilo. Amo-o com toda a pureza de minha alma e uma mulher que ama não se convence com acusações. Exige provas concretas e muitas vezes nem essas provas bastam para convencê-la.

PETRONIO - Bem sei que o ama e justamente por isto não mais me custa destruir o altar em que a senhorita o colocou. Meu filho é um homem tão vil, tão ignóbil, tão canalha e covarde, que seduzia, dentro de sua própria casa, a segunda esposa de seu pai amantíssimo!

TÉCNICA - ACORDE QUE SEJA UMA PAULADA VIOLENTA.

LEILA - (choque terrível) Não! Isto não é verdade! Isto não pode ser verdade!

PETRONIO - Bem desejava eu que não fosse! Mas Deus quis que eu visse a verdade com os meus próprios olhos e fez com que os surpreendesse em colóquio amoroso.

TÉCNICA - REBRETE O ACORDE ANTERIOR E FICA VIBRANDO EM B.

LEILA - Que horror, meu Deus!... Que horror!...

PETRONIO - Mas isto não é, ainda, o pior de tudo!

LEILA - Será possível alguma coisa pior? Que mais me falta ouvir, ainda?

PETRONIO - Luizinho, que eu acreditava ser meu filho... é filho dele!

TÉCNICA - ACORDE ANTERIOR, MAIS PORTE.

LEILA - (desesperada) Meu Deus, meu Deus!... Eu não quero acreditar... eu não quero acreditar!...

PETRONIO - Por isso se parecem tanto. Os mesmos olhos, a mesma boca, o nariz igual, o formato de rosto, da cabeça, a cor dos cabelos, tudo... tudo... e isto com a agravante, ainda, de que Rodrigo é o retrato vivo da mãe morta. Mas ainda não é tudo. Ainda não é tudo!

LEILA - Não preciso ouvir mais nada. Não quero ouvir mais nada, depois disto.

PETRONIO - Mas eu quero que ouça, para que se convença. E não foi uma loucura de momento, uma exaltação passageira de sentidos que então poderia ser uma atenuante para a infâmia inominável que praticaram. Foi uma coisa de longa data e da qual eles não chegaram a se arrepender, porque Eugênia espera, agora, um segundo filho dele!

TÉCNICA - PORREPADA MUSICAL PORTE.

LEILA - Chega, por favor, chega! Eu estou quasi morta; não está vendo?

PETRONIO - E a pior é que ela se nega a evitar o nascimento do filho. Falei-lhe da necessidade de man...

LEILA - (GORTA, PORTE, EXASPERADA) Chega. Eu já disse ao senhor que chega! Eu estou convencida. Não precisa me dizer mais nada.

PETRONIO - Está bem, eu me retiro. Queria ainda dizer-lhe algumas coisas, mas o principal já foi dito. Perdôe-me se lhe feri demasiadamente o coração, mas creia que o meu sofrimento é ainda maior, muito maior do que o seu. Eu talvez a separei de seu noivo, mas ele me separou de minha mulher... de meu filho... e do lar que preparei, com tanto carinho, para abrigar os *dois* grandes amores de minha vida. (Pausa) Adeus, senhorita Leila.

LEILA - (quasi morte) Adeus.

PETRONIO - É por ali que devo sair?

LEILA - Sim. Desculpe se não o acompanho, mas não tenho forças para me levantar.

C/REGRA - PASSOS QUE SE ATASTAM E SE SONEM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 3º PLANO.

LEILA - (depois de pausa, suspirando fundo) Meu Deus... e agora? Que faço?

RODRIGO - (*SURDINA*) Seja lá o que for que papai possa dizer contra mim, não me julgue e nem tome nenhuma atitude, sem ouvir a minha defesa. Promete?

C/REGRA - PASSOS QUE SE APROXIMAM, DE MULHER.

LEILA - (meio tom) Meu Deus, será mãe? Ela não pode me encontrar assim deste jeito. (TOM) Ah é você Belmira? Que há?

BELMIRA - O seu Rodrigo está chamando a senhora no telefone.

TÉCNICA - PAULADA MUSICAL FORTE

LEILA - O... o Rodrigo?... (Pausa) Belmira?

BELMIRA - Sim?

LEILA - Diz o ele que eu não posso atender.

TÉCNICA - ENTRA FORTE PARA ENCERRAR O CAPÍTULO.

A MARCA DO ÓDIO

- Novela original de Érico Cramer -

7º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

PEPRONIO - Eu talvez a separe de seu noivo, mas <sup>faulou</sup> ele me separou da minha mulher...  
... de meu filho... e do lar que preparei com tanto carinho para abri-  
gar os dois grandes amores de minha vida. (Pausa) Adeus, senhorita Leila.

LEILA - (Quasi morta) Adeus!

PEPRONIO - É por ali que devo sair?

LEILA - Sim. Desculpe se não o acompanho, mas não tenho forças para me levantar.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 3º PLANO.

LEILA - (depois de pausa, suspirando fundo) Meu Deus!... e agora?... Que faço?!...

RODRIGO - (EM SURDINA) Seja lá o que for que papai possa fazer contra mim, não me  
me julgue nem tome nenhuma atitude, sem ouvir a minha defesa. Promete?

C/REGRA - (PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM).

LEILA - (meio tom, assustada) Meu Deus, será mãe? Ela não pode me encontrar  
~~nessa~~ deste jeito. (TOM) Ah, é você, Belmira? Que há?

BELMIRA - Seu Rodrigo está chamando a senhora no telefone.

TÉCNICA - PAULADA MUSICAL FORTE

LEILA - O... o Rodrigo? (Pausa) Belmira?

BELMIRA - Sim?

LEILA - Diz a ele que eu não posso atender.

TÉCNICA - REPETE A PAULADA MUSICAL

BELMIRA - Como?!... A senhora não vai atender seu Rodrigo? Ele não vai se confor-  
mar, dona Leila.

LEILA - Pois que não se conforme. Eu não quero atendê-lo.

BELMIRA - Mas não é possível, dona Leila! Que aconteceu para a senhora fazer uma  
coisa dessas ~~para~~ ao rapaz?

LEILA - Não importa o que tenha acontecido. Importa é que eu não desejo falar  
com ele, nunca mais!...

BELMIRA - Desculpe, dona Leila, mas... a senhora enlouqueceu?

LEILA - Ainda não, mas acho que vou enlouquecer.

BELMIRA - A senhora está nervosa, eu vou ~~me~~ trazer aquele remédio que a senhora  
mandou preparar para ele, ontem.

LEILA - Não quero remédio Belmira. Quero deixar doer bem forte no meu peito a mi-  
nha desilusão, para que ela queime, no fogo do desespero, todo o carinho  
que dediquei àquele canalha!

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

BELMIRA - <sup>Meu Deus!... Mas!</sup> Dona Leila, fale com ele. Nem que seja <sup>para</sup> terminar tudo, mas fale. O que a senhora <sup>não deve é desafiá-lo</sup> ~~assim~~, sem mais nem menos, ~~assim~~.

RODRIGO - (em surdina) Não me vulgue, nem tome nenhuma atitude, sem ouvir a minha defesa. Promete?

LEILA - Eu prometi ouvi-lo, primeiro; eu sei que prometi. Mas que poderá alegar em sua defesa, depois das coisas todas que seu pai contou?

BELMIRA - O que?! Foi o pai <sup>dele</sup> mesmo que veio <sup>aqui</sup> entalar o filho? A senhora me desculpe, mas esse homem não presta.

LEILA - Pelo contrário. Mostrou <sup>que tem</sup> nobreza e dignidade.

BELMIRA - Mas afinal seu Rodrigo está lá esperando, no telefone. A senhora vai atender ou não vai?

LEILA - Não vou.

BELMIRA - Acho que a senhora devia. Pense bem. A gente, às vezes, por se precipitar, se arrepende, depois, amargamente. E eu sei porque lhe digo isto. Sou mais velha que a senhora e tenho experiência. (PAUSA LONGA) E então? Digo mesmo que a senhora não quer falar com ele?

LEILA - Faz o seguinte: diz a ele que eu estou deitada, com muita dor de cabeça e que amanhã, se melhorar, telefono para a casa dele.

BELMIRA - Está bem. Assim já é um shoot mais suave e <sup>fica</sup> ~~deixa~~ uma porta aberta por vinte quatro horas, para o caso que a senhora venha a se arrepender.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM E SE PERDEM NA DISTANCIA.

LEILA - Eu não quero voltar a falar com Rodrigo, não quero. Tenho medo de ceder aos seus rogos e ligar-me a um canalha para uma vida inteira de maldição e de arrependimento. (zangada) Belmira não tinha nada que insistir comigo. Devia ter-lhe dado o primeiro recado que mandei e acabou-se. Ficou matraçando nos meus ouvidos: não faça isto... não faça isto... e eu acabei fazendo tudo diferente do que devia ter feito. Mas não faz mal. Si ele voltar a insistir amanhã, eu faço o que devia ter feito hoje.

TÉCNICA - SEPARAÇÃO MUSICAL AGITADA.

ARABELA - Meu neto querido! Parece até que você adivinhou! Eu estava mesmo pensando em você!

RODRIGO - E eu desesperado para encontrá-la e abrir-lhe ~~o~~ meu coração.

ARABELA - Que tem você, Rodrigo?!

RODRIGO - Vôvó, eu estou sofrendo como nunca pensei que se pudesse sofrer na vida.

ARABELA - Brigou com sua noiva? O "é" é por causa de uma certa questão que seu pai me falou, há dois dias?

RODRIGO - Papai está louco, Vóvó. Completamente louco! Então a senhora acha que eu seria capaz de cometer a baixeza de que ele me acusa?

ARABELA - Para dizer a verdade, não, porque sempre tive você na melhor conta, mas sabe como são os jovens... às vezes a mulher vem... envolve-os com os seus encantos... faz um jogo de sedução... inebria o sentido dos homens e pronto: está a bobagem feita. Depois eles se arrependem, mas não é mais possível apagar a mancha do pecado.

RODRIGO - Nada disto aconteceu, Vóvó. Dona Eugênia é uma mulher sensata, uma mulher honesta, uma mulher digna. Está sendo chicoteada com a mais vil das infâmias. Ela não merece o que está sofrendo. Asseguro-lhe.

ARABELA - Mas seu pai me garantiu que os surpreendeu agarrados. Será que agora, depois de velho, ele se tornou mentiroso?

RODRIGO - Papai foi envenenado por alguém que o ama e deseja, ou então por um secreto inimigo que lhe vota um ódio terrível. E foi em consequência desse veneno, de efeito lento mas seguro, que ele viu traição onde não existia. Eu juro, Vóvó, por alma de mãe, como estava simplesmente olhando e examinando a aliança de brilhantes que papai deu a dona Eugênia, quando nasceu Luizinho. Pegava a mão dela, é verdade, mas simplesmente para colocar a aliança numa posição mais adequada, em relação à luz. Lembro-me, até, das palavras que ela disse, notando o meu desejo de ver a joia mais de perto.

EUGENIA - (VOZ DE SOPRO) Pode pegar minha mão sem constrangimento. Eu sou quase sua mãe.

RODRIGO - Papai entrou justamente nessa ocasião, disse os maiores horrores a mim e a ela e como se isto não bastasse, sabe o que fez hoje?

ARABELA - Diga.

RODRIGO - Foi à casa de minha ~~querida~~ noiva, contar todo esse romance fantástico que a sua alucinação engendrou.

TÉCNICA - PAULADA MUSICAL FORTE.

ARABELA - Meu filho, que horror!... E ela? Deve ter ficado desesperada, não?

RODRIGO - Com toda a certeza. Basta lhe dizer que telefonei para lá e ~~ela~~ não quis me atender. Vóvó, faça alguma coisa por mim, vóvó, ajude-me! Eu não posso perder Leila, não posso! Amo-a com todas as forças do meu coração e si ela insistir em recusar-me, eu não sei o que serei capaz de fazer!

ARABELA - Veja lá, menino, tenha calma. Um homem mostra-se verdadeiramente homem quando é capaz de suportar o peso de uma dor tremenda, sem vergar os ombros.

RODRIGO - Mas eu não posso, Vóvó. Sinto que não posso! E justamente porque receio



RODRIGO - (CONT.) perder-me, é que venho lhe pedir socorro.

ARABELA - O que é que você quer que eu faça? Que ~~me~~ fale com a moça?

RODRIGO - A senhora acha? Seria êste um meio eficaz? Eu não sei, francamente...  
Estou tão desarvorado que nem tenho calma para pensar.

ARABELA - Você já falou com seu pai, depois disto?

RODRIGO - Quando Leila se recusou a atender-me, ~~fui~~ fui, como uma bala, para o seu escritório. Felizmente ele não estava porque naquele momento eu não sei o que poderia ter feito. Sai dali desatinado e comecei a procurá-lo, com avidez, em todos os lugares que ~~ele~~ costuma frequentar. Nada. Foi então que, necessitando desabafar com alguém, disparei para cá.

ARABELA - Foi melhor. E não convem que você fale com seu ~~pai~~ *êbe*, antes que seu espírito ~~tenha~~ *tenha* serenado. Deixe-me ~~interrogá-lo~~ *interrogá-lo*, primeiro.

RODRIGO - A senhora acha que poderá adiantar alguma coisa?

ARABELA - Claro. Pelo menos ~~me~~ ficarei sabendo as coisas que êle disse para a menina. ~~É~~ *É* pode ser, até, que o convença a voltar lá e desfazer tudo. ~~-----~~.

RODRIGO - Isto ~~é~~ *é* que seria o melhor de tudo. O que ~~ê~~ *ê* disse, eu já mais ou menos imagino. Sô pelo fato de Leila recusar-se a atender-me, depois de ~~prometer~~ *prometer* ~~prometer~~ ouvir-me primeiro, para julgar os fatos, é uma prova irrefutável de que ficou verdadeiramente arrasada com os horrores todos que ~~escutou~~ *escutou*.

ARABELA - Está bem, Rodrigo, você se acalme porque hoje mesmo vou mandar chamar seu pai aqui em casa e vou conversar com êle. E si êle se negar a remendar a ~~trabalhada toda~~ *a trabalhada toda* ~~que~~ fez, eu já tenho ~~aqui~~ uma ideia que talvez resulte eficaz em sua defesa.

RODRIGO - Que ideia é essa, Vóvó? Posso saber?

ARABELA - Irei à casa da menina dizer ~~-----~~ que seu pai perdeu o juízo e se fôr necessário comprarei um atestado de insanidade mental para apresentar a ela.

RODRIGO - Oh, minha avósinha querida, como eu lhe ficarei grato se a senhora conseguir acertar as coisas e botar tudo nos seus lugares!

ARABELA - Vou conseguir, sim. Tú verás. Queres dormir aqui, para não ficares sósinho esta noite? Estás tão nervoso...

RODRIGO - Não, não... agora já tenho uma esperança e isto me acalma. Vai um colega da Faculdade estudar comigo até tarde e isto também me distrairá. Obrigada avósinha. Boa tarde. (beijo)

ARABELA - Vai com Deus.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM E SE SOMEM NA DISTANCIA.

ARABELA - (chamando) Catarina! Oh Catarina! Csta... (corta. Muda o tom) Ah, estás aí? Pensei que estivesse lá dentro.

CATARINA - (meio atrapalhada, mentindo) Não, não... quer dizer... sim, eu estava lá dentro, mas justamente vinha vindo, para saber se o rapaz ia jantar aqui... porque, então, ~~eu~~ teria que ir no açougue, buscar carne para fazer uns bifés.

ARABELA - Telefona para o meu genro e pede-lhe que venha aqui em casa, amanhã de manhã bem cedo.

CATARINA - ~~Exixêta~~ Sim senhora. Mas si êle não estiver no escritório o que é que eu faço? Deixo o recado?

ARABELA - Deixa, mas mesmo assim torna a telefonar amanhã. Preciso falar com êle o mais depressa possível.

CATARINA - Sim senhora.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM E SOMEM.

ARABELA - Será por castigo de Deus que meu neto foi atingido? <sup>Eu juro que</sup> ~~eu~~ não queria. ~~eu~~ Não queria e hei de fazer tudo para defendê-lo!

TÉCNICA - SOBE MUSICA FORTE PARA FIM DA 1ª PARTE

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - SOBE MUSICA FORTE PARA INICIO DA SEGUNDA PARTE.

MARINA - Mas então Petrônio pensa que está sendo traído pelo próprio filho?

CATARINA - Pensa, ou está de fato. A gente mesmo é que não pode saber.

MARINA - Você tem certeza disto, Catarina?

CATARINA - Certeza absoluta. Ouvi toda a conversa de seu Rodrigo com Dona Arabela.

MARINA - E que diz a velha a tudo isto?

CATARINA - Bem... a senhora sabe... o rapaz é os quindins da velha. Ela está muito enjoada. Mandou chamar o genro com toda urgência. Pediu que êle fôsse lá hoje de manhã.

MARINA - E êle foi?

CATARINA - Não sei. Eu saí para fazer as compras <sup>do dia</sup> e aproveitei para dar uma fugida até aqui e lhe contar o que se passou. Amarrei a saída, amarrei, amarrei, para ver si êle chegava, mas êle não chegou.

MARINA - E o que é que você acha que ela vai dizer ao genro?

CATARINA - Acho que ela vai defender o neto, tudo que puder.

MARINA - Mas nós temos que fazer com que êle continue acreditando na infidelidade da mulher, mesmo que seja com o enteado. Não era esta a nossa intenção, mas se o carro empacou por esse lado, vamos aproveitar e enterrar<sup>lo</sup> mais ainda, para evitar que ele siga rodando.

CATARINA - O que é que nós podemos fazer?

MARINA - Antes de tudo, você deve voltar para casa, para ver se ainda alcança a visita de Petrônio a dona Arabela e ouvir pelo menos uma parte do que eles conversarem. Depois, conforme o rumo que as coisas tomarem, a gente vê por onde convem mais atacar.

CATARINA - Bem, então eu vou andando para ver se chego a tempo de pescar alguma coisa. Amanhã, mais ou menos a esta hora, eu apareço por aqui; está bem?

MARINA - Está ótimo! Como é? O radinho tem funcionado bem?

CATARINA - Muito bem. Eu me deito com ele ligado e me esqueço da vida. (TOM) Bem, então até amanhã, dona Marina.

MARINA - Até amanhã, Catarina. *Fico à sua espera.*

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM E SOMEM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 3º PLANO.

MARINA - Não era minha intenção envolver o rapaz no meu ódio, mas uma vez que ele foi envolvido... deixa <sup>de</sup> que fique. De toda maneira, ele é filho dela. Ela morreu, mas eu nunca a percebi de haver roubado a minha felicidade ao lado de Petrônio. E enquanto ela ~~recebia~~ <sup>saboreava</sup> os beijos que deveriam ser meus, eu chorava, na tristeza do meu quarto de moça solteira e abandonada, a desventura de ser só! Depois, fui roubada pela segunda vez. Alguém pode reprimir-me por desejar vingar-me da vida? Ninguém. De Berenice eu me vingarei no filho, uma vez que está morta e de Eugênia eu me vingarei nela mesma, fazendo com que seja abandonada pelo homem que ama, coberta de opróbrio e de vergonha! Oh como é doce uma vingança assim!... *Como é doce!...*

TÉCNICA - SEPARAÇÃO MUSICAL FORTE, SUGERINDO UMA GRANDE BATALHA.

TEREZA - Mas afinal em que deu toda aquela sua discussão com seu Petrônio, dona Eugênia? Ele aceitou que a senhora deixasse nascer a criança?

EUGENIA - Aceitar, propriamente, não aceitou, mas ~~ela~~ não tomou a atitude que eu esperava que ~~ele~~ tomasse. Limitou-se a fazer uma ameaça a Luizinho, mas eu já lhe fiz ver que defenderei o meu filho com unhas e dentes.

TEREZA - Que espécie de ameaça foi essa?

EUGENIA - Não sei bem lhe dizer, Tereza. Só sei que quando lhe perguntei que diferença fazia uma criança a mais ou a menos, ~~ele~~ respondeu que eu ia obrigá-lo a fazer por duas vezes o que ele contava fazer uma vez só.

TEREZA - E a senhora acha que ele será mesmo capaz de fazer alguma coisa para o menino, ou apenas ameaçou-o para assustá-la?

EUGENIA - Não sei, Tereza. Depois da loucura ~~que ele fez~~ de acusar-me de amante do seu próprio filho, eu comecei a duvidar da sua sanidade mental. Por isso, convem trazermos o menino sempre vigiado, para evitar qualquer surpresa desagradável.

TEREZA - É, convem, sim. A partir de hoje, não vou deixar ninguém botar a mão nas mamadeiras da criança. Eu mesma vou comprar o leite, vou ferver, vou fazer a mamadeira e vou dar. Não tem cosinheira... não tem copeira... não tem arrumadeira... não vou confiar em ninguém.

EUGENIA - Não acredito que seja necessário chegarmos a este ponto, Tereza. Afinal, todas elas são boas pessoas e mostram estimar-me bastante.

TEREZA - Eu sei. Todas elas são boas pessoas, mas o dinheiro tem muita força. E a consciência, hoje em dia, é uma das coisas mais fáceis de se comprar.

TÉCNICA - SEPARAÇÃO MUSICAL FORTE

ARABELA - Você não vai retirar o que disse, Petrônio?

PETRÔNIO - Nem uma só palavra, dona Arabela. O que disse está dito e acabou-se.

ARABELA - Mas você vai fazer a infelicidade de seu filho, homem de Deus!

PETRÔNIO - E ele não fez, também, a minha? ~~o meu~~ Olho por olho, dente por dente!

ARABELA - Mas ele é seu filho, Petrônio!

PETRÔNIO - E esqueceu-se <sup>de</sup> que eu era o seu pai!

ARABELA - Petrônio, eu tenho certeza <sup>de</sup> que você está enganado. Falei com Rodrigo. Ele me jurou pela memória de sua mãe. ~~Ele~~ <sup>E</sup> não faria um juramento desta natureza em vão. E depois ele ama Leila apaixonadamente. Desesperadamente. Você não tem medo que, vendo-se perdido, ele cometa uma loucura por sua culpa?

PETRÔNIO - Por minha culpa, não; por culpa dele que fez o que não devia. Portanto agora que sofra as consequências do seu <sup>desvario</sup> ~~delirio~~. Para mim, dona Arabela, meu filho morreu desde aquele maldito instante em que o encontrei agarrado ~~às~~ <sup>de</sup> mãos de sua madrasta e tendo, ambos, nos olhos, o brilho do pecado.

ARABELA - Quer dizer que você não atenderá às minhas súplicas, nem mesmo si eu me ajoelhar aos seus pés, pedindo-lhe pela memória de Berenice?

PETRÔNIO - Ouça, minha sogra: Custou-me muito resolver a atitude que deveria tomar, no caso. Meu coração oscilou, várias horas, entre o perdão e a vingança. O perdão seria fruto do amor. A vingança produto do ódio. O ódio foi mais forte do que o amor. *Venceu-o.*

ARABELA - Que pena! Eu ainda estava com esperanças de salvar seu coração da fogueira futura do remorso, mas já vi que é inútil. Você respira vingança por todos os ~~seus~~ poros.

PETRÔNIO - Ódio, minha sogra, ódio é que os meus poros respiram. E pela força desse ódio incontido, eu hei de esmagar todos aqueles que destruíram a mi-

PEPRONIO - (CONTINUAÇÃO) a minha felicidade!

TÉCNICA - SEPARAÇÃO MUSICAL FORTE E DRAMÁTICA.

BELMIRA - Está aí uma senhora que deseja falar-lhe, dona Leila.

LEILA - Uma senhora? Que é que ela quer? Eu não estou em condições de receber ninguém.

BELMIRA - Eu sei e disse ~~que~~ que a senhora estava indisposta, mas ela insistiu, dizendo que o assunto é de seu interesse.

LEILA - Como é essa senhora? Que tipo ela tem? Não disse seu nome?

BELMIRA - Se disse o nome eu não me lembro, mas é uma senhora idosa, de aspecto muito simpático e muito bem vestida. Traz até uma coisa que eu nunca mais tinha visto. Um chapéusinho com veu, cobrindo todo o rosto.

LEILA - Fizeste-a entrar?

BELMIRA - Claro. Não ia deixar uma pessoa distinta na porta da rua. Ela está sentada na sala.

LEILA - Está bem. Vai dizer ~~que~~ ela que vou recebê-la, enquanto eu passo um pente nos meus cabelos que estão muito em desalinho.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL RÁPIDA.

ARABELA - Pois eu tinha muita vontade de conhecê-la, de tanto ouvir o meu neto falar no seu nome, mas digo-lhe, sinceramente, que nunca imaginei que <sup>essa</sup> ~~essa~~ <sup>oportunidade viesse</sup> ~~nessas~~ condições em que nos <sup>encontramos</sup> ~~encontramos~~ agora. Eu venho aqui interceder ~~por ela~~ pelo Rodrigo.

LEILA - Quando a senhora se identificou, eu logo calculei.

ARABELA - Rodrigo a ama com todo o vigor dos seus vinte um anos e não se conforma de perdê-la, como castigo de um pecado que ele não cometeu.

LEILA - Dona Arabela, peço que a senhora me dê licença para lembrar-lhe que tudo quanto fiquei sabendo foi o pai dele que veio aqui em minha casa, <sup>expontaneamente</sup> ~~expontamente~~ para me contar.

ARABELA - Sabemos disto, tanto eu quanto Rodrigo. Parece que <sup>meu neto</sup> ~~Rodrigo~~ estava aqui, quando ~~ela~~ telefonou, pedindo licença para vir; não foi?

LEILA - Exatamente.

ARABELA - E si naquele momento <sup>ele</sup> ~~meu neto~~ tivesse pedido que você não recebesse o pai ~~dele~~, você o teria feito?

LEILA - É claro que não.

ARABELA - Já vê ~~que~~ que ele estava com a consciência tão tranquila que, mesmo sabendo que o pai vinha para procurar prejudicá-lo, não fez nada para evitar o seu encontro com ele.

LEILA - Rodrigo estava nervoso demais... preocupado demais... medroso e indeciso. Isto me fez desconfiar.

ARABELA - Rodrigo estava temeroso, sim. Mas temeroso com toda a razão. Depois de todas as loucuras praticadas por seu pai, nos últimos quinze dias, loucuras que nos obrigaram a procurar vários médicos, ele não podia imaginar o que estaria para acontecer naquela visita.

LEILA - Como?! Seu Petrónio está doente, disse a senhora?

ARABELA - Infelizmente é a verdade. Tanto assim que estamos pensando seriamente em interná-lo num sanatório qualquer.

TÉCNICA - PAULADA MUSICAL.

LEILA - Meu Deus!... Mas Rodrigo devia ter me prevenido dessa particularidade.

ARABELA - Pense bem nas palavras dele, antes da fatídica visita.

RODRIGO - (VOZ DE SOPRO) Seja lá o que for que papai possa dizer contra mim, não me julgue, nem tome nenhuma atitude, sem ouvir a minha defesa. Promete?

ARABELA - E você prometeu, lembre-se bem. Prometeu... e não cumpriu. Simplesmente acreditou nas palavras de um louco e escurraçou seu namorado inocente. Acha que está certo o que fez? (Pausa) Vamos, responda: acha que está certo o que fez?

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA FORTE, PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

---

A MARCA DO ÓDIO

- Novela original de Erico Cramer -

82 CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LEILA - Como?! Seu Petrônio está doente, disse a senhora?

ARABELA - Infelizmente é a verdade. Tanto assim que estamos pensando seriamente em interná-lo num sanatório qualquer.

TÉCNICA - PAULADA MUSICAL

LEILA - Meu Deus!... Mas Rodrigo devia ter me prevenido dessa particularidade.

ARABELA - Pense bem nas palavras dele, antes da fatídica visita.

RODRIGO - (VOZ DE SOPRO) Seja lá o que for que papai possa dizer contra mim, não me julgue, nem tome nenhuma atitude, sem ouvir a minha defesa. Promete?

ARABELA - E você prometeu, lembre-se bem. Prometeu... e não cumpriu. Simplesmente acreditou nas palavras de um louco e escorraçou seu namorado inocente. Acha que está certo o que fez? (Pausa) Vamos, responda: acha que está certo o que fez?

LEILA - (indecisa e nervosa) Não, não... realmente eu... eu prometi escutá-lo... deveria tê-lo feito, mas... fiquei tão desiludida... tão chocada... não quis mais nem vê-lo.

ARABELA - Pois aí é que ~~foi~~ <sup>foi</sup> o mal. Tinha que vê-lo, tinha que enfrentá-lo, tinha que interrogá-lo, para depois então poder fazer um juízo seguro. Desculpe-me, mas você agiu sem lógica e precipitadamente.

LEILA - Eu sei... eu sei... mas o meu medo foi que, mesmo ele sendo culpado, eu, pela influência da sua presença, não tivesse forças para rechassá-lo. Si ele me olhasse com ternura... me abraçasse... me afagasse os cabelos... ~~mesmo que fosse o maior dos canalhas, amando-o da maneira que o amo, eu não teria coragem de mandá-lo embora.~~ mesmo que fosse o maior dos canalhas, amando-o da maneira que o amo, eu não teria coragem de mandá-lo embora.

ARABELA - Seu noivo é um rapaz correto, um rapaz bom. Tem um caráter excelente e firme. Amou, sempre, com o mais puro e santo amor, o autor dos seus dias. Você acha que, com tudo isto, ele poderia cometer uma baixeza tão grande? Não creia. Rodrigo está inocente. É uma vítima das alucinações do pai, cujas acusações ele podia desmanchar com a simples apresentação de um atestado médico. E por que não o fez? Por delicadeza de sentimentos. Não desejava que os outros ficassem conhecendo a enfermidade do pai. Quer ver o documento de que acabei de lhe falar? Si não o tiver aqui na bolsa, poderei...

LEILA - (CORTA, LIGEIRA) Não, não, não é preciso. Absolutamente. Eu creio na senhora.

ARABELA - Mas eu gostaria de mostrá-lo. Pedi a Rodrigo que m'o emprestasse, para trazê-lo e parece que deixei em casa...

LEILA - Mas não há necessidade. Eu não quero ver. A sua palavra é o bastante para mim.

ARABELA - Que pena! Não trouxe, mesmo. Mas pedirei a <sup>meu neto</sup> ~~Rodrigo~~ que o traga, na primeira visita que lhe fizer.

LEILA - Não senhora. Por favor, eu lhe peço que não faça isto.

ARABELA - Mas então... que devo dizer ao meu neto? Afinal, até agora você só me ~~me~~ ouviu e não me disse nada com relação ao rapaz. Está disposta a recebê-lo e ouvir as suas alegações?

LEILA - Sim, sim, mas...

ARABELA - ~~Mãe~~ (depois de pausa) Mas o que?

LEILA - Ele que não venha hoje, ainda. Estou muito abatida e o meu aspecto não seria agradável. Amanhã... na parte da tarde, ou da noite, eu estarei à sua espera.

ARABELA - Muito bem e muito obrigada por ter reconsiderado uma situação injusta. E de agora em diante - aceite o conselho que lhe vou dar - não dê ouvidos a nenhuma acusação nova que possa surgir, porque eu conheço o meu genro e sei que êle não se entrega facilmente. Depois que mete uma coisa na cabeça... é um custo ~~para~~ arrancá-la. (PAUSA E TOM) Então minha filha muito prazer em conhecê-la, obrigada pela delicadeza com que me recebeu ~~em~~ sua casa e saiba que a vó está sempre às ordens para o que você possa precisar dela.

LEILA - Obrigada à senhora, por me ter restituído a tranqüilidade de coração. Permite que a beije?

ARABELA - Com o maior prazer. Não reclamei o seu beijo na entrada, porque não era oportuno. Agora faço questão dele. Questão absoluta. (BEIJOS)

LEILA - Obrigada. Muito obrigada. A senhora foi como as fadas boas que a gente vê nas histórias de crianças.

ARABELA - Só que a fada deve permanecer incognita e por isso peço a você que não diga a ninguém que ~~eu~~ estive aqui.

LEILA - Nem mesmo a Rodrigo?

ARABELA - Rodrigo pode saber. Deve saber. Como lhe vou dar um recado seu, sem lhe dizer que nos falamos pessoalmente, ou pelo telefone?



LEILA - Tem razão. Eu não havia pensado nesse detalhe.

ARABELA - Bem, então adeus, minha querida futura neta.

LEILA - Eu vou acompanhar a senhora até à porta.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DE CENA

PETRONIO - ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ Onde está minha sogra?

CATARINA - Saiu. Disse que ia fazer uma visita, mas até agora não voltou.

PETRONIO - Minha sogra fazendo visitas? Acho muito estranho. Nunca foi dada a isto.

CATARINA - Eu também estranhei, quando ela me falou, mas como sou uma simples empregada, dentro de casa, tenho que ouvir o que me dizem e calar.

PETRONIO - Não, Catarina, tu estás exagerando. Não és uma simples empregada, em casa de dona Arabela. És uma dama de companhia e pessoa de absoluta confiança para minha sogra. Aposto que muitas vezes terás sido também sua conselheira.

CATARINA - Noutros tempos... noutros tempos... Hoje dona Arabela está muito mudada. Misteriosa... enigmática... Nem parece mais a mesma. <sup>às vezes até penso</sup> ~~é parecida~~ que andaram fazendo mandinga contra mim. Ela mudou, de repente, como do dia para a noite, sem nenhuma razão justificada.

PETRONIO - Tu falaste aí em mandinga... Essas coisas existem? ~~senhor~~ <sup>Tu</sup> acreditas, realmente?

CATARINA - Si eu acredito? Mas não posso deixar de acreditar, seu Petronio. Tenho visto cada coisa de estarrecer!

PETRONIO - Escuta, Catarina: e tu sabes onde estas coisas são feitas?

CATARINA - Eu conheço aí uma mãe de santo que faz cada despacho que é um espetáculo é bater e valer.

PETRONIO - E eu ~~quero~~ <sup>precisava</sup> ir lá, <sup>pensalmente,</sup> ou poderia incomodar o trabalho por teu intermédio?

CATARINA - Si o senhor tem confiança em mim, eu posso me encarregar do negócio, não é preciso o senhor ir, mas eu tenho que saber tudo direitinho; para o que é para quem é.

PETRONIO - Isso não tem problema, eu te digo, só que tu não podes deixar escapar para mais ninguém. Prometes?

CATARINA - Claro. Eu lá sou mulher de andar batendo com a língua nos dentes, principalmente os assuntos dos outros? Eu não. ~~Eu~~ Sou pessoa de responsabilidade. Sempre fui e tenho orgulho disto.

PETRONIO - Pois muito bem. Tu não perderás por me ajudar, podes estar certa.

CATARINA - Si o senhor quizer me dar <sup>algo</sup>, me dê e se não quizer é a mesma coisa, <sup>porque</sup> eu não faço isso por interesse. Faço por amizade ao senhor.

PETRONIO - Obrigádo. Eu não esperava outra coisa de ti. Sabes o que quero?

CATARINA - Digá.

PETRONIO - Que morram as ~~duas~~ crianças de Eugênia!

TECNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE, BEM FORTE.

PETRONIO - A que nasceu... e a que está ~~por~~ nascer.

TECNICA - ~~REPETE~~ a VERGASTADA MUSICAL ANTERIOR.

PETRONIO - E para que não me consideres um pai desnaturado devo esclarecer-te que são filhos de minha mulher, mas não são meus filhos. São produtos da in dignidade <sup>da infâmia</sup> e da traição dela.

CATARINA - O senhor tem certeza disto, seu Petrónio?

PETRONIO - Absoluta. ~~Me~~ Surpreendi os dois em colóquio amoroso.

CATARINA - ~~Sim mesmo?~~ Não diga! É ~~o~~ ~~meu~~ ~~filho~~?!?

PETRONIO - Abraçados, aos beijos, dentro da minha própria casa.

CATARINA - Nossa! E ele? Quem é?

PETRONIO - Segura-te para não cair, Catarina. É Rodrigo, meu próprio filho!

CATARINA - (fingindo espanto) Que horror! ~~meu Deus! Que coragem!~~ <sup>A CORAGEM DESSE RAPAZ!</sup> Mas o senhor tem mesmo certeza, seu Petrónio?

PETRONIO - Pois já não te disse que os surpreendi em ~~um~~ colóquio amoroso?

CATARINA - E como foi que o senhor começou a desconfiar? Conte.

PETRONIO - Comecei a receber telefonemas misteriosos. Eram de uma mulher. Ela me dizia que vigiasse Eugênia porque estava sendo traido. Ao princípio não quis dar ouvidos <sup>às</sup> ~~suas~~ <sup>SUAS PALAVRAS</sup>, mas todos os dias o telefone tocava e a mesma voz me fazia <sup>novas</sup> advertências. Sabes como é... água mole em pedra dura... tanto bate até que fura. A dúvida começou a se apossar de mim. sem que eu me apercebesse Comecei a espionar minha mulher. ~~É quando comecei a notar~~ <sup>É foi quando comecei a notar</sup> ~~umas~~ <sup>umas</sup> coisas ex- quisitas, <sup>cujas</sup> ~~suas~~ explicações <sup>(não pareciam)</sup> muito lógicas. E a coisa foi indo, foi indo, foi indo e um <sup>certo</sup> dia a realidade se apresentou aos meus olhos, crua, terrível e incontestável. E para cúmulo da minha tristeza e da minha vergonha, era o meu próprio filho o sedutor de minha esposa.

CATARINA - E o senhor ~~separou-se dela?~~ <sup>separou-se dela?</sup>

PETRONIO - Não. E sabes por que? Por duas razões. Primeira: para que a sociedade que frequento não tome <sup>me</sup> conhecimento do ridículo e da miséria <sup>que se abateram</sup> ~~que~~ <sup>se abateram</sup> sobre mim; segunda: para que eu a tenha bem a ~~na~~ <sup>na</sup> mão, no momento em que desejar completar a minha vingança. E esta vai ser terrível, Catarina. Terrível porque todo o amor que lhe devotava se transformou num ódio aceso e sem limites. Quero que ela sofra mais, muito mais, do que eu estou sofrendo com a sua traição!

CATARINA - Pois seu Petrónio, pode contar comigo. Sempre estimei o senhor e estou disposta a ajudá-lo em tudo que precisar de mim.

PETRONIO - Já te disse e muito que não vais te arrepender. Que mais desejás não vias?

CATARINA - Ter um canto, qualquer que seja, para a minha velhice.

PETRONIO - Pois se conseguires fazer com que se realize o meu desejo... há de ter esse canto.

CATARINA - Amanhã mesmo já vou começar a agir.

PETRONIO - E estas bem lembrada do que quero; não é verdade?

CATARINA - Estou. Fazer desaparecer as duas crianças.

PETRONIO - Exato.

CATARINA - Não vou dizer ao senhor que vá conseguir isto de hoje para amanhã, mas o que posso lhe garantir é que dentro do limite máximo de tres ou quatro mezes, a sua vingança estará consumada.

PETRONIO - Muito bem. Só desejo que não te enganes nos teus prognósticos.

CATARINA - Conheço os trabalhos de mãe Jacinta, seu Petrónio. Nenhum levou mais tempo do que isto. Amanhã mesmo irei procurá-la.

PETRONIO - E depois vai ao meu escritório me dizer qualquer coisa.

CATARINA - Combinado.

PETRONIO - Até amanhã, então e não precisas dizer à dona Arabella que estive aqui.

CATARINA - Perfeitamente.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO.

PAUSA. PASSOS DE CATARINA. LEVANTAR TELEFONE DO GANCHO E DISCAR.

TECNICA - CORTINA MUSICAL FORTE PARA FINAL DA 1ª PARTE

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TECNICA - ABERTURA MUSICAL PARA INICIO DA 2ª PARTE

MARINA - É Marina quem fala aqui. Ai quem é?

CATARINA - (filtro) É Catarina. Tenho grandes novidades para a senhora.

MARINA - Não me digas!...

(filtro)

CATARINA - O seu Petrónio saiu daqui neste momento.

MARINA - Não me digas!...

(filtro)

CATARINA - Esteve conversando comigo a respeito daquele assunto <sup>em</sup> que a senhora está interessada.

MARINA - Não me digas!...

(filtro)

CATARINA - Contou-me toda a história da traição da mulher.

MARINA - Não me digas!...

CATARINA - (filtro - tom) Escute aqui, dona Marina, a senhora quer saber o negócio ou não quer?

MARINA - Mas claro que quero, Catarina, então eu não vou querer?

CATARINA - (filtro) Pois então pare com esse "não me diga" que daqui a pouco eu me enfezo e não digo mesmo.

MARINA - Está bem, Catarina, já parei. Não digo mais. Contá, contá.

CATARINA - (filtro) O resto é muito sério, não dá para ~~xxxxxxxxxxxx~~ fazer blá-blá-blá pelo telefone. É muito perigoso.

MARINA - Escute aqui, por que você não dá um pulo aqui em casa, agora?

CATARINA - (filtro) Porque dona Arabela saiu e não demora chegar. Se não me encontrá em casa vai fazer barulho comigo.

MARINA - Nesse caso também não adianta ir até aí. Mas eu não posso ficar assim sem saber de tudo. Dê uma ideia, Catarina.

CATARINA - (filtro) Se a velha não vier muito tarde, eu arranjo um pretexto para dar uma saída, do contrário terá que ficar para amanhã de manhã.

MARINA - Puxá, que castigo! Olhá, se deres um jeito de vir hoje, eu te esperarei com um presente, ~~presente~~ bonito.

CATARINA - (filtro) E amanhã também, sino eu me fecho em copas e não conto nada.

MARINA - Ven hoje, Catarina, ven hoje que eu estou ardendo em curiosidade.

CATARINA - (filtro) Está bem, eu vou fazer força. Tcháu.

TÉCNICA - TELEFONE DESLIGANDO APASTADO.

C/REGRA - DESLIGA TELEFONE EM 1º PLANO

MARINA - Catarina me pareceu muito alvoroçada e isto é sinal certo de que as notícias devem ser muito boas para nós.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DE CENA

TEREZA - Que coisa estranha o procedimento desse homem, dona Eugênia! Não sei como a senhora pode suportar tudo isto em silêncio. Francamente que não sei!

EUGENIA - Achás que me adiantaria alguma coisa discutir? Pelo contrário. Só poderia irritá-lo. Portanto, a melhor técnica é está que estou empregando: vencê-lo pela paciência e pela persistência. Um dia ele cansa de desconfiar e volta a confiar. E podes crer que o que mais lamento, em tudo isto, é o sofrimento dele.

TEREZA - Ora deixe isso pra lá, Dona Eugênia. Ele sofre porque quer ou porque é louco e quem corre por gosto, não cansa.

EUGENIA - Ele não corre por gosto, Tereza. Está doente dos nervos, podes crer. Mas tenho fé em Deus que isto passará e ele volte a ser o que era antes.

TEREZA - A senhora é muito boa, Deus me perdoe! Eu, hein? Se um homem me dissesse a metade dos desforos que seu Petrônio disse à senhora, ele não ficava

TEREZA - (CONTINUAÇÃO) com um dente inteiro na boca. Eu desmontava o sujeito.

EUGENIA - A violência gera violência; Tereza e muito mais facilmente se ganha uma batalha com a astúcia, do que com a força. Você reparou que ele hoje, por duas vezes, chegou perto da caminha do filho e olhou ligeiramente para ele?

TEREZA - Reparei, sim, mas não me pareceu que fosse para coisa boa, não. Mas também eu não arrediei pé de perto da criança. Estava ali, firme como um cão de fila. Ele me olhava com cara de ódio e eu nem contava.

EUGENIA - Pois eu interpretei diferente a atitude dele. Sabes o que pensei? Que ~~ele~~ tinha saudade do menino, mas não queria olhar muito tempo, com medo de se prender.

TEREZA - Na minha opinião o que a senhora tem é muito boa fé com toda essa canalharia para mim, ninguém presta. Estou sempre de pé atrás com todos eles. Até mesmo com a velha.

EUGENIA - Com dona Arabela? Coitada!

TEREZA - Com dona Arabela mesma. Principalmente com ela. Minha avó sempre dizia que quem vê cara não vê coração e é uma grande verdade. Às vezes estou com os dentes de fora e por dentro o fel está fervendo, espumando! Eu não sei, não... talvez seja melhor ser como a senhora do que como eu, mas eu prefiro continuar como sou. Pelo menos, já estou prevenida contra todos e não sofro decepções.

EUGENIA - Dona Arabela, coitada, ainda hoje telefonou para saber como eu ia. Perguntou por Luizinho e deu-me notícias de Rodrigo.

TEREZA - Está bem, a senhora quer acreditar nela, acredite. Eu não posso. E ouça bem o que eu estou lhe dizendo agora: o tempo, um dia, vai lhe mostrar que a razão estava do meu lado.

EUGENIA - Nada é impossível, mas eu não acredito. <sup>(Tom)</sup> Volhe, são quase seis horas. Trate logo da mamadeira do esganadinho, senão ele acorda e faz um berreiro dos diabos.

TEREZA - Vou fazer, sim. Não demora nada ele está reclamando.

C/REGRA - PASSOS QUE SE APASTAM E SE PERDEM.

EUGENIA - Coitada da Tereza! É uma criatura boníssima, mas com a sua eterna desconfiança, ela não poupa ninguém. Está sempre desconfiando de tudo e de todo.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL ADEQUADA.

BELMIRA - Ela já vem. Está se arrumando um pouco para não parecer tão desfeita. Coitada, sofreu tanto nestes três últimos dias...

RODRIGO - Eu também sofri, Belmir<sup>a</sup>. Não notou como estou desfigurado?

BELMIR<sup>A</sup> - Est<sup>a</sup>, sim. O senhor parece até que emagreceu.

RODRIGO - E emagreci, realmente, mas também... não passei a pão e água, <sup>Como certos presos,</sup> mas a cafésinho e cigarro.

BELMIR<sup>A</sup> - E tudo por um mal entendido, segundo ouvi dizer; não é isto?

RODRIGO - Mais ou menos, Belmir<sup>a</sup>.

BELMIR<sup>A</sup> - Dona Leila não me falou nada, mas às vezes pensava alto e eu ia apanhando as coisas. Uma aqui... outra lá... outra mais adiante... e ia juntando e tirando as minhas conclusões.

C/BELMIR<sup>A</sup> - PORTA QUE SE ABRE EM 3<sup>o</sup> PLANO. FECHA. PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM.

BELMIR<sup>A</sup> - Ai vem dona Leila. Não diga nada do que eu lhe falei que ela pode não gostar. Com licença, vou deixá-los à vontade.

RODRIGO - É sua, Belmir<sup>a</sup>. Obrigado.

C/REGRA - PASSOS DE BELMIR<sup>A</sup> QUE SE AFASTAM E SOMEM.

LEILA - Boa tarde, Rodrigo. (Está abatida e constrangida também)

RODRIGO - Boa tarde, Leila.

LEILA - Sente-se.

RODRIGO - Obrigado.

LEILA - (PAUSA) Você... você pode me perdoar, Rodrigo?

RODRIGO - Perdoar de que? Você não teve culpa de nada.

LEILA - Tive, sim. Eu devia ter esperado as suas explicações.

RODRIGO - É... realmente... você me prometeu, mas... bem, eu compreendo. Foram tão chocantes as coisas que meu pai lhe disse, que você não pode mais controlar a sua vontade. É como a pessoa que leva um choque elétrico e os nervos se retraem, *sem querer*.

LEILA - Sim, sim... talvez tenha sido tal qual você descreve. Mas de qualquer forma, eu andei mal, porque duvidei de você. No primeiro momento vi lá que eu não tivesse tido forças para reagir, mas depois, considerando o seu passado e tudo mais que eu sabia de você, deveria ter visto que os fatos não poderiam ter se passado da maneira como me foram contados.

RODRIGO - Isto acontece, Leila. Quantas vezes o coração nos pede para agir de um modo e agimos de ~~outro~~ modo diferente? Também com o raciocínio acontece dessas coisas: estamos vendo tudo para um lado e nos desviamos para uma direção contrária. (TOM) Bem, mas deixemos de parte o que já passou. O melhor de tudo é esquecermos este triste episódio de nossas vidas e não fazermos mais a menor alusão a ele. Passou, passou, está acabado!

LEILA - (ternã) Você perdoã; não perdoã?

RODRIGO - Já lhe disse que não tenho o que perdoãr, querida.

LEILA - Tem, sim. É que você é muito bom e quer deixar-me sem esse peso na consciência.

RODRIGO - Pois bem, não é nada disto, mas se lhe faz bem ouvir dizer que lhe perdoã, está perdoãda.

LEILA - Nunca mais quero sofrer como sofri nestes dias. Nunca mais!

RODRIGO - Nem eu, querida. Parecia que o mundo havia desmoronado <sup>aos meus pés.</sup> ~~em meu redor.~~ Tudo era treva, em volta de mim. O sol brilhava, no céu, mas eu não via a sua luz, nem sentia o seu calor. Foi horrível!

LEILA - Já nos propuzemos a deixar esse assunto de lado, mas sem querer e sem sentir, voltamos a bater na mesma tecla.

C/REGRA - PASSOS QUE SE APROXIMAM, DE MULHER.

RODRIGO - Vamos procurar reagir contra essa impressão que <sup>está</sup> ~~dominando~~ <sup>ando</sup> o nosso espirito.

BELMIRA - Da licença, dona Leila?

LEILA - Que há, Belmira?

BELMIRA - Telefone para a senhora.

LEILA - Quem quer falar comigo? Não ~~é~~ <sup>disse</sup> o nome?

BELMIRA - *Disse*, sim senhora. É o senhor Petronio Larrét.

TÉCNICA - ENTRA FORTE COM MUSICA PARA ENCERRAR O CAPITULO.

---

A MARCA DO ÓDIO

- Novela original de Erico Crâmer -

92 CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

LEILA - Nunc<sup>o</sup> mais quero sofrer como sofri nestes dias. Nunc<sup>o</sup> mais!

RODRIGO - Nem eu, querida. Parecia que o mundo havia desmoronado nos meus pés. Tudo era treva, em volta de mim. O sol brilhava, no céu, mas eu não via a sua luz nem sentia o seu calor. Foi horrível!

LEILA - Já nos propuzemos a deixar esse assunto de lado, mas sem querer e sem sentir, voltamos a bater na mesma tecla.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM.

RODRIGO - Vamos procurar reagir contra essa impressão que está dominando o nosso espírito.

BELMIRA - Da licença, dona Leila?

LEILA - Que há, Belmira?

BELMIRA - Telefone para a senhora.

LEILA - Quem quer falar comigo? Não disse o nome?

BELMIRA - Disse, sim, senhora. É o senhor Petrônio Larret.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

RODRIGO - Papai?!...

LEILA - (DEPOIS DE PAUSA) E agora? Que faço?

RODRIGO - Não sei. Faça o que seu coração lhe pedir.

LEILA - (DEPOIS DE PAUSA) Sinceramente, não sei... eu... eu não gostaria de voltar a falar com ele, mas... não sei, não sei... Ajude-me, Rodrigo.

RODRIGO - Papai já mostrou que é meu inimigo. Talvez fosse conveniente fingir aceitar o que ele diz.

LEILA - Essa maneira de agir é contra os meus princípios de lealdade, mas em se tratando de uma pessoa doente... um caso excepcional... talvez seja melhor proceder como você diz.

RODRIGO - Vá, então, para que ele não espere tanto tempo.

LEILA - Vou, sim. Com licença, Rodrigo, eu volto já.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM E SE SOMEM

BELMIRA - O senhor desculpe, mas eu ouvi dona Leila dizer que seu pai está doente? O que é que ele tem?

RODRIGO - O que é que ele tem? Bem... quer dizer... Ele está muito nervoso, entende?

BELMIRA - E por que não dá o chá de laranja para ele tomar como água? É tão bom!



LEILA

RODRIGO - Chá de laranja é um remédio de muito pouco efeito para o que ele tem. Seu estado exige algo bastante mais forte.

BELMIRA - Ah, espere! Eu parece que estou me lembrando agora de umas coisas que ouvi dona Leila falar sósinha... Foi ele que telefonou para ela, outro dia, não foi? Ela ficou quasi louca com o que ele disse.

RODRIGO - Sim, sim, mas... não o julgue mal, Belmira... Ele está doente, entende? Papai, em seu estado normal, não seria capaz de fazer o que fez.

BELMIRA - Eu entendo, seu Rodrigo. E o senhor sabe o que é que pode ter acontecido? Vai ver que fizeram algum despacho para o coitado.

RODRIGO - Despacho?! Que é isso, Belmira?!

BELMIRA - Credo, seu Rodrigo o senhor não sabe o que é despacho?

C/REGRA - PASSOS DE MULHER SE APROXIMAM.

BELMIRA - Cuidado que a dona Leila vem aí. Não diga a ela que eu lhe falei neste assunto que ela vai ficar zangada comigo. (LEILA VAI CHEGANDO)

RODRIGO - Que foi, querida? Por que estás assim tão pálida?

LEILA - Podes ir, Belmira.

BELMIRA - Sim, senhorá. Com licença.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM E SE PERDEM.

RODRIGO - Que foi, meu amor, fala. Eu estou até assustado com a tua palidez e o teu nervosismo.

LEILA - Teu pai quer vir novamente aqui. Diz que deseja trazer-me umas flores e um presente, pela maneira gentil como eu o recebi.

TÉCNICA - ACORDE DRAMÁTICO. A MÚSICA FICA EM FUNDO, NERVOSA E TENSÁ.

RODRIGO - E tá? Que lhe respondeste?

LEILA - Fiquei desorientada... sem saber o que dizer... e fiquei de telefonar para ele, amanhã, dizendo-lhe se entraria em casa à tarde. Queria ganhar tempo, entende? Combinar com você.

RODRIGO - (Pausa) O melhor de tudo sabe o que me parece? Recebê-lo ainda esta vez, não dar ouvidos ao que ele possa contar e no fim da visita dizer-lhe que vai embarcar para o norte, onde pretende ficar seis meses ou um ano para esquecer o que aconteceu.

LEILA - É uma ideia. Uma grande ideia. Será isto mesmo que lhe direi.

TÉCNICA - SEPARAÇÃO MUSICAL

MARINA - Mas então ele quer que você mande fazer um trabalho para as crianças?

CATARINA - Quer. Deseja que as duas desapareçam do mapa. Isto é, as duas é modo de dizer, porque uma nem chegou ainda a aparecer.

MARINA - Eu sei. É a que ela está esperando. Parece que tem três ou quatro meses.  
E onde é que você vai mandar fazer o trabalho?

CATARINA - Em parte alguma.

MARINA - Como?! Você não vai mandar fazer?

CATARINA - Eu não. Si eu mesma posso fazer e guardar o dinheiro para mim, por que hei de dar para outros?

MARINA - Mas você sabe preparar esse trabalho, Catarina?

CATARINA - Não sei, mas não se incomode porque, do jeito que eu vou fazer, ele não vai falhar.

MARINA - Palavra de honra que eu não estou lhe entendendo.

CATARINA - Existem tantas drogas na farmácia; não existem?

TÉCNICA - CHICOTADA MUSICAL

MARINA - Catarina! Você vai ter coragem de fazer isto?!

CATARINA - E por que não? Si ele, que é o pai das crianças, está pagando para que elas desapareçam, por que eu, que não sou nada, hei de jogar fora esse dinheiro que ele oferece?

MARINA - Eu sou corajosa e perversa, mas a esse ponto acho que não teria coragem de chegar.

CATARINA - Ah, não? E quem foi que mandou fazer mandinga para a dona Berenice juntar os péssimos? Foi eu?

MARINA - Bem, mandar fazer é uma coisa, mas a gente mesmo fazer é outra muito diferente.

CATARINA - O resultado total é o mesmo, portanto a diferença não é tanta.

MARINA - E eu só quero ver como é que você vai conseguir chegar perto da criança, para poder aplicar a tal droga.

CATARINA - Eu dou um jeito. Você pensa que eu durmo de touca? Já indaguei e sei que a casa tem três empregadas e mais um jardineiro. Não é ~~impossível~~ possível que todos eles sejam insensíveis ao poder do dinheiro. Algum há de entreger os pontos.

MARINA - E depois que você tenha conquistado a confiança dele, trate logo de aproximar-lo de mim que você ganhará pelos dois lados.

CATARINA - Claro! É exatamente isto que estou contando fazer. Eu sempre pensei que a vida, um dia, havia de me dar uma oportunidade. Esperei, pacientemente, que ela chegasse. E parece que finalmente agora, vou tirar os meus pés do sargate. E se não tirar é porque sou burra e mereço a miséria em que vivo.

MARINA - Quando é que você vai estabelecer o primeiro contato com a turma lá?

CATARINA - Seu Petrônio me disse que espere um aviso dele por toda a semana que vem. Parece que um das empregadas da casa vai viajar.

MARINA - E você vai deixar dona Arabela?

CATARINA - Arranjo alguém que a sirva na minha ausência e digo-lhe que vou passar uns dias no interior, na casa de minha irmã Joana.

MARINA - Escute aqui, Catarina, você já pensou que eu estou com todo o seu plano na mão e se quiser posso atrapalhá-la? .. .. .

CATARINA - Não pode, porque si me atrapalhar, atrapalha a senhora mesma. Os nossos planos estão entrelaçados. Um depende do outro...

MARINA - Eu sei e só estou te falando isto pra te lembrar que deves ter cuidado com a língua. Tu não podes revelar o teu plano a mais ninguém, sino pe rigar de terminares os teus dias num prisão de mulheres. ..

CATARINA - Mas a senhora pensa que eu sou bobá, dona Marina? Não se afobe que eu sei muito bom onde piso. Se o terreno é escorregadio eu passo e não vou adiante. Fique descansada. (TOM) Bem e agora eu vou pra não chegar muito tarde em casa que dona Arabela pode desconfiar.

MARINA - Assim que fores para a casa de Petrônio avisa-me por telefone.

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA SEPARAÇÃO.

TEREZA - A Dorotea me pediu para avisar a senhora que vai ter que embarcar amanhã, de noite, para o interior.

EUGENIA - Por que, Tereza?

TEREZA - Porque recebeu um telegrama, avisando que a irmã está doente e pedindo que ela fosse.

EUGENIA - Avisa ao seu Petrônio e pede para ele botar um anúncio, pedindo, com urgência, uma cosinheira para substituí-la.

TEREZA - Seu Petrônio já sabe. Ele ouviu quando ela mandou o aviso à senhora.

EUGENIA - E ele não disse nada a respeito?

TEREZA - Para mim, não, mas para Doroteia disse que ela podia ir sem preocupação que ele dava um jeito. Acho que o jeito é arranjar uma substituta, a senhora não acha?

EUGENIA - Está claro, inda mais que foi sempre ele quem tratou dessas coisas.

TEREZA - E por que não a senhora, que era a dona da casa?

EUGENIA - Porque eu, a princípio, não tinha a menor ideia de como tratá-las, uma vez que nunca tinha tido empregadas. Depois... como se tornasse um hábito para mim e uma comodidade para ele, eu fui deixando que continuasse. Em todo caso, seria bom que você falasse com ele, de minha parte, para evitar qualquer complicação.

- TEREZA - Eu falo porque a senhora está mandando e eu tenho que obedecer, mas a coisa que mais me custa, dentro desta casa, é falar com esse homem.
- EUGENIA - Ele não é mau, Tereza. Está com o sistema nervoso alterado, mas você vai ver que um dia isso passa. Você ficou com raiva dele por minha causa, não é verdade?
- TEREZA - Por causa da senhora e do menino. Onde é que se viu esconder uma santa e um anjo? Só mesmo um demônio.
- EUGENIA - Tereza, não fale assim que me desagrada e se é mesmo por nossa causa que você pegou tamanho horror a Petronio, lembre-se de tudo de bom que ele nos proporcionou, quando vivíamos em harmonia, para poder perdôá-lo.
- TEREZA - Está bem, dona Eugênia, desculpe. Uma vez que lhe desagrada, eu não tornarei a falar mal dele, mas também não farei nada para <sup>perdoá-lo</sup> ~~desagradá-la~~, porque a isto a senhora não pode me obrigar.
- TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA FIM DA 1ª PARTE DO CAPÍTULO.
- LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL
- TÉCNICA - MÚSICA DE ABERTURA PARA A 2ª PARTE.
- PETRONIO - Forgei um telegrama para a cosinheira e, para todos os efeitos, ela vai embarcar amanhã para o interior que a irmã está doente e pedem a sua presença lá.
- CATARINA - Justamente a desculpa que eu pensava dar para dona Arabela. Acho que agora é preferível ~~me~~ pensar noutra coisa qualquer.
- PETRONIO - Por que? Não vejo a menor necessidade. Dona Arabela nunca vai à nossa casa, não conhece nenhuma das nossas empregadas, não haverá, portanto, complicação nenhuma. Você já arranjou quem fique no seu lugar?
- CATARINA - Dona Marina, uma ex-patroa e amiga, vai me mandar hoje a empregada dela.
- PETRONIO - Então está tudo arranjado. Amanhã de tarde sai a nossa e você entra. E depois é tratar de agir.
- CATARINA - Quanto a isto pode ficar descansado que eu não perderei tempo. Chego num dia e no outro já entro em atividade.
- PETRONIO - A primeira coisa que você vai ter que fazer é captar as boas graças de Tereza. Aquela é uma velha danada. Não vai ser muito fácil tapeá-la por que ela está sempre de pé atrás com todo o mundo.
- CATARINA - Pode deixar comigo que eu a obrigarei a botar o pé para frente.
- PETRONIO - Você vai precisar de algum dinheiro inicialmente?
- CATARINA - Sim. Vou precisar de cinco mil cruzeiros para mandar preparar um breve afim de entrar com êle na sua casa.

PETRONIO - E que efeito terá esse breve?

CATARINA - O de afastar de mim todos os maus fluidos que possa prejudicar o trabalho que vou fazer. É preciso, também, outros cinco mil para mandar mãe Jacinta fechar o meu corpo.

PETRONIO - São dez mil cruzeiros, então. (PAUSA) Aqui os tem.

CATARINA - Amanhã eu vou na tenda de Mãe Jacinta e de lá já sigo reto para a sua casa. Devo chegar lá pelas oito horas da noite, mais ou menos.

PETRONIO - Perfeitamente. É o primeiro trabalho contra eles, quando pensa fazer?

CATARINA - Não posso saber. Vai depender da oportunidade e eu espero que ela apareça logo.

PETRONIO - Se não aparecer, a gente prepara.

CATARINA - Vamos ver, vamos ver.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

C/REGRA - CAMPAINHA DE TELEFONE CHAMA UMAS QUATRO OU CINCO VEZES SEGUIDAS. PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM. PABAM. RETIRAR O FONE DO GANCHO.

BELMIRA - Pronto, quem fala aí?

RODRIGO - (FILTRO) Aqui é Rodrigo, Belmira.

BELMIRA - Ah, seu Rodrigo, como vai o senhor?

RODRIGO - (FILTRO) Vamos indo. Leila está aí por perto?

BELMIRA - Não senhor, está no quarto de vestir, fazendo as unhas. O senhor quer falar com ela?

RODRIGO - (FILTRO) Não, Belmira, se ela está ocupada não há uma razão maior para interrompê-la. Papai ainda não chegou aí, pois não?

BELMIRA - Não senhor, ele ficou de vir só às quatro e meia.

RODRIGO - (FILTRO) Avise a Leila que eu estou em casa e que assim que papai sair que ela me telefone, ouviu?

BELMIRA - Sim senhor. Eu acho que a visita dele vai ser curta e lá pelas cinco já ela vai poder telefonar para o senhor.

RODRIGO - (FILTRO) Está bem. Obrigado então, Belmira.

BELMIRA - Não há de que, seu Rodrigo. Qualquer coisa estamos às ordens.

C/REGRA - DESLIGA TELEFONE.

BELMIRA - (Monologando) Seu Rodrigo está aflito. Também pudera! Até eu estou, quanto mais ele. (TOM) Um homem louco, como ele, não devia andar solto incomodando os outros. Deviam trancafiá-lo num sanatório. Se fosse pessoa de minha família era o que eu fazia, mas felizmente não é.

C/REGRA - CIGARRA DE PORTA DE RUA.

BELMIRA - Deve ser ele que vem chegando. Vou atendê-lo de uma vez porque em geral as pessoas nervosas não gostam de esperar.

TÉCNICA - ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ PASSAGEM MUSICAL RÁPIDA.

LEILA - As rosas estão belíssimas. Não era preciso o senhor se incomodar. Toma, Belmira, bota-as na água porque será uma pena si elas marcharem.

BELMIRA - (meia voz) A senhora quer que eu volte para lhe acompanhar?

LEILA - (meia voz) Não há necessidade.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM E SE PERDEM.

LEILA - Mas o senhor sente-se, por favor.

PETRONIO - Obrigado.

LEILA - Alguma outra novidade a respeito de Rodrigo?

PETRONIO - Não. Acho que ~~XXXXXXXXXX~~ depois de tudo que lhe disse a respeito dele, não deve faltar mais nada.

LEILA - Realmente. Em todo caso... quando me anunciou a sua visita, foi o que pensei.

PETRONIO - Não, não, é que... segundo fui informado, ele continua vindo à sua casa, mesmo depois de tudo que lhe contei.

TÉCNICA - CHICOTADA MUSICAL

LEILA - Bem... quer dizer... ele esteve realmente aqui uma única vez, mas para buscar as coisas que lhe pertenciam e que se encontravam em meu poder.

PETRONIO - Tem certeza absoluta de que foi uma única vez que ele veio?

LEILA - Bem... quer dizer... ele talvez tenha vindo outras vezes, sem que eu tenha sabido. A empregada tinha ordem de dizer que eu não estava e talvez tivesse também ordem de minha mãe de não me dizer que ele tinha estado. Que eu tivesse sabido ele entrou uma vez na nossa sala de visitas para receber de volta, das mãos de minha mãe, os presente que me havia dado.

PETRONIO - Desculpe-me voltar a insistir nesse ponto, mas... minha sogra não esteve aqui, intercedendo por ele?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

LEILA - (atrapalhada) Bem... eu... eu também não posso lhe garantir... Talvez minha mãe a tenha recebido e conservado em segredo essa visita.

PETRONIO - Senhorita Leila, eu não sou um homem que se deixe enganar facilmente. Sei que voltou às boas com meu filho e vim aqui adverti-lo do grave perigo que está correndo. Digo-lhe mais: gostaria de conversar com sua mãe a respeito desse assunto. Ela poderá me atender?

LEILA - Minha mãe não está em casa, de momento, mas mesmo que estivesse, é bom que saiba que sempre tive carta branca para resolver os meus assuntos de coração. Ela foi contrariada nos seus amores e casou pela vontade do pai. Teve uma vida toda de infelicidade e jurou que com sua filha não havia de acontecer a mesma coisa. Se pensa utilizá-la para me coagir, perde o seu tempo.

PETRONIO - Estou vendo que a senhorita não entendeu a minha verdadeira intenção neste caso.

LEILA - Justamente porque entendi, é que estou reagindo contra a sua insistência, senhor Petrônio. E digo-lhe mais: preferia não ter entendido, porque então a minha decepção, com o senhor, não teria sido tão grande.

PETRONIO - Vejo que minha sogra trabalhou muito bem, em defesa do neto. Mas foi sempre assim que ela fez. Desde quando ele era pequenino. Escondia, ~~com~~ ~~mas~~ de mim e de Berenice, todas as coisas más que ele fazia, assumindo a responsabilidade de ~~todo~~ <sup>tudo</sup> ~~as coisas~~, ou então mentindo-nos, com a maior desfezatez. Naturalmente, não lhe custou quasi nada representar, diante da senhorita, aquelas cenas patéticas de que lançava mão para convencer-nos. Há uma diferença, no entanto, e bastante sensível, entre o que se passava connosco e o que se passa hoje com a senhorita: nós fingíamos acreditar nas cenas que ela preparava, não só para satisfazê-la, como também porque, intimamente, não desejávamos castigar o menino. A senhorita acreditou realmente nela e um dia vai colher os frutos da sua boa fé. E então há de ver que esses frutos são bem mais amargos e capazes de aniquilar uma vida. Vai lembrar-se das minhas palavras e vai chorar lágrimas de sangue.

LEILA - Não importa. Eu sei, perfeitamente, porque o senhor está fazendo tudo isto. Eu sei.

PETRONIO - E eu também sei porque a senhorita não acredita nas coisas que lhe digo. Minha sogra afirmou que sou um desequilibrado mental e ameaçou apresentar-lhe um atestado de um sanatório ou de um médico, confirmando as mentiras que lhe disse. Mas vejo bem que ela apenas ameaçou mostrar o <sup>tal</sup> atestado. Ela não mostrou, não é verdade? Procurou na bolsa e fingiu que o havia esquecido em casa. Mas se a senhorita tivesse exigido a apresentação desse atestado, toda a grosseira comédia que preparou teria descaído para o ridículo, porque, em verdade, ela não possui atestado algum.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE. A MÚSICA PERMANECE TENSA NO AR.

PETRONIO - Está perplexa de ouvir o que estou lhe dizendo; não é verdade? Admirada de que eu saiba tudo que se passou aqui, com os mínimos detalhes. É muito simples. Eu já conheço a minha gente e os métodos que costumam empregar para abafar a verdade. Já uma vez minha sogra fez exatamente isto, em defesa de uma das grandes patifarias de meu desastrado filho. Foi fácil imaginar que tivesse repetido a farsa. E então? Que me diz? (PAUSA) Está sem saber o que dizer, não é verdade? E o pior, ainda, é que também não sabe o que pensar. Pois bem, pela simpatia que lhe devo e pelo bem que lhe desejo, sugiro-lhe que exija a apresentação do atestado, mas note: um atestado real, de um verdadeiro médico e não de um vendilhão qualquer. (PAUSA) Não lhe parece boa a sugestão? (PAUSA) Bem senhorita, deixo-a a sós com suas <sup>mais</sup> meditações. E pense o seguinte: eu sempre amei e amo o meu filho, apesar de todas as infâmias que ele tem praticado. Não seria, portanto, por vingança ou desamor que viria aqui tentar destruir a sua vida. O que <sup>contra ele</sup> faço é com dor de coração e alma dilacerada. Boa tarde.

C/NEGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA, AFASTADA.

LEILA - (DEPOIS DE PAUSA LONGA) Que horror, meu Deus, que horror! Esse homem parece um demônio. A gente não quer acreditar nele, mas não <sup>consegue</sup> fugir à realidade das suas palavras! E agora, meu Deus? // Que faço?!...

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA PORTE PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO



A MARCA DO ÓDIO

- Novela original de Érico Cramer -

10º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA ABERTURA

PEPRONIO - Pela simpatia que lhe devoto e pelo bem que lhe desejo, sugiro-lhe que exâja a apresentação do atestado de minha insanidade mental, mas note bem: um atestado real, de um verdadeiro médico e não de um vendilhão qualquer. (PAUSA) Não lhe parece boa a sugestão? (PAUSA) Bem senhori-ta, deixo-a a sós com suas meditações. E pense mais o seguinte: eu sem-pre amei e amo o meu filho, apeza de todas as infâmias que êle tem pra-ticado. Não seria, portanto, por vingança, ou desamor, que viria aqui tentar destruir a sua vida. O que faço contra êle é com dor de coração e a alma dilacerada. (LUM) Boa tarde.

C/ REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA, AFASTADA

LEILA - (Depois de pausa longa) Que horror, meu Deus! Que horror!... Esse homem parece um demônio. A gente não quer acreditar nele, mas não consegue fu-gir à realidade das suas palavras! (Pausa, desespero) E agora, meu Deus que faço?!... Eu estava tão disposta a enfrentá-lo, mas fiquei esmagada com os seus argumentos. (PAUSA) Existe a solução que êle sugeriu de exi-gir a apresentação de um atestado. Mas como vou pedir isto a Rodrigo, sem magoá-lo? (PAUSA) Poderia falar com dona Arabela, contar-lhe o que se passou. Repetir as palavras de seu Patrônio. Podia ser que, falando no atestado, ele se prontificasse a apresentá-lo.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM.

BELMIRA - Uê! O homem já foi?

LEILA - Há uns cinco minutos, mais ou menos.

BELMIRA - Seu Rodrigo telefonou, neste instante...

TÉCNICA - PAZ SOAR UM ACORDE DE SUSTO EM MEIO DA FRASE.

BELMIRA - (continuando) ... e eu disse a êle que o pai ainda estava aqui. Ele pe-diu que assim que o velho sâisse que a senhora telefonasse para êle.

LEILA - Mas eu acho que não vou telefonar, Belmira.

TÉCNICA - REPETE O ACORDE DE SUSTO, ANTERIOR.

BELMIRA - Pronto! Esta agora é que eu não esperava. A senhora não vai me dizer que êsse demônio que saiu daqui, conseguiu outra vez convencê-la.

LEILA - Não sei se me convenceu ou não, Belmira, sô sei que lançou novamente a dúvida no meu espírito.

BELMIRA - Nossa mãe! Quando a gente pensa que o carro vai pra frente, ele vem de marcha ré.

LEILA - Se tú ouvisses as coisas que seu Patrônio disse aqui, acabarias também na dúvida, como eu.

BELMIRA- Não acabaria porque, para princípio de conversa, eu não ouviria nada. Quando êle abrisse a boca para me dizer qualquer coisa a respeito do assunto, eu pediria a êle que calasse e si êle teimasse, eu me levantaria e o deixaria falando sósinho.

LEILA - Tens razão, Belmira. Talvez si eu tivesse procedido assim, não estivesse, agora, nesta indecisão e nesta dúvida atroz em que me encontro.

BELMIRA- A senhora precisa deixar de ser indecisa. Isto é que a senhora precisa. Aliás desde que lhe conheço que a senhora é assim. Nunca sabe bem como fazer as coisas. Está sempre na dúvida.

LEILA - Herança de mãe. É bem verdade que ela ficou assim por força do gênio violento de papai, mas de toda forma eu me habituei com o seu sistema e acabei assimilando-o.

BELMIRA- Vá telefonar para o seu Rodrigo, ande. O coitado está tão ansioso que a todo momento pergunta se o pai já saiu.

LEILA - Eu não posso telefonar para êle no estado de espírito em que estou, Belmira, não posso. Eu trairia a minha desconfiança, por maior esforço que fizesse. Preciso ganhar tempo para fingir calma.

BELMIRA - Mas se êle voltar a telefonar, o que é que eu vou dizer, dona Leila?

LEILA - Não sei... inventa qualquer coisa... Diz que seu Patrônio altercou comigo, que eu fiquei com muita dor de cabeça, tomei um remédio e me deitei.

BELMIRA- Ele vai ficar quasi louco de ansiedade.

LEILA - Paciência. Da maneira como estou, já te disse que não poderei falar com êle sem trair-me.

BELMIRA- Por que a senhora não telefona antes para dona Arabela e não conta o que se passou? Pode ser que ela consiga acalmá-la.

LEILA - Eu já tinha pensado nisto.

BELMIRA- Então vamos lá na saleta, para fazer isto de uma vez e não deixar o rapaz esperando tanto tempo, coitado.

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL RÁPIDA. EMENDA COM CAMPAINHA DE TELEFONE EM 1º PLANO.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM SE APROXIMAM. SUSPENDE O FONE DO GANCHO.

PETRÔNIO- Pronto.

LEILA - (filtro) De onde é que fala?

PETRÔNIO - Da casa de dona Arabela Martins. Quem fala aí?

LEILA - (Filtro) Desculpe, é engano.

TÉCNICA - RUDO DE DESLIGAR TELEFONE DO OUTRO LADO DA LINHA.

C/REGRA - BOTAR O FONE NO GANCHO.

PETRONIO - Não era engano, não. Era ela. O meu veneno está produzindo efeito.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL RÁPIDA

LEILA - Você sabe quem atendeu o telefone, Belmira? Ele.

BELMIRA - Não pode ser. Só se foi de automovel. Não faz dez minutos que saiu daqui.

LEILA - É claro que foi de automovel. Ele tem carro.

BELMIRA - E que terá ido fazer lá?

LEILA - Pode-se lá saber? (PAUSA) E agora? Que faço?

BELMIRA - Mais tarde a senhora torne a telefonar e fala com ela.

LEILA - E se Rodrigo chamar, antes disto?

BELMIRA - Eu, com a maior cara de pau, digo que o velho ainda está aqui.

C/REGRA - CAMPAINHA DE TELEFONE COMEÇA A CHAMAR E SEGUE CHAMANDO ATÉ SER ATENDIDO.

LEILA - É êle. Atende Belmira.

BELMIRA - Espere. Deixe o telefone chamar um bocadinho, sinão ele vai ver que estamos aqui, junto do aparelho.

LEILA - Diz que seu Petrônio ainda está lá na sala e que nós estamos discutindo o assunto. Si êle pedir que tu me chames, diz que tens ordem para não me interromper.

C/REGRA - SUSPENDE FONE DO GANCHO. A CAMPAINHA PARA, AUTOMATICAMENTE.

BELMIRA - Pronta.

RODRIGO - (Filtro) És tú, Belmira? Cistaste tanto a atender. Por que?

BELMIRA - É que eu já sabia que era o senhor e fui lá na sala espiar se o velho já tinha saído.

RODRIGO - (filtro, admirado) Ele continua aí?

BELMIRA - Continua. E parece que estão discutindo.

RODRIGO - (Filtro) Discutindo? Quem sabe seria conveniente eu tomar umá taxi e ir até aí?

BELMIRA - Não, não... não faça isto. Deixe que a dona Leila sabe se defender. Não se preocupe.

RODRIGO - (Filtro) Pois é, mas êle pode perder a calma...

BELMIRA - Não perde, não. E se perder eu estou aqui para jogá-lo no olho da rua. Pode ficar bem descansado.

RODRIGO - (filtro) Obrigado, Belmira, eu confio em você. E assim que êle sair, já sabe.

BELMIRA - Pode deixar. Ele bateu a porta... eu bato o telefone.

C/REGRA - COLOCA O FONE NO GANCHO.

BELMIRA - Coitado! Ele dizendo que confia em mim e eu fazendo falseta para o pobre.

LEILA - (PENSATIVA) Eu pensei que a questão estivesse resolvida e volta tudo à estaca zero. É horrível esta situação! Insustentável!

BELMIRA - Dona Leila, eu tive uma ideia.

LEILA - Fale, Belmira. Pense, por mim, já que eu não consigo pensar.

BELMIRA - Se a madrasta do seu Rodrigo realmente tiver filhos dele é porque o ama; não lhe parece?

LEILA - Está claro.

BELMIRA - E se o ama, não há de querer que ele case com outra. Também não lhe parece?

LEILA - É lógico.

BELMIRA - Por que a senhora não procura dona Eugênia para falar sobre o assunto? Era a maneira mais fácil de saber toda a verdade.

LEILA - Grande ideia, Belmira! Grande ideia! É isto mesmo que vou fazer. E quanto ao Rodrigo...

BELMIRA - Eu vou dando o jeito que puder.

TÉCNICA - MUSICA QUE SUGIRA TENSÃO NERVOSA, PARA TRANSIÇÃO DE CENA.

ARABELA - Desculpe a demora, Petrônio. Eu tinha terminado a minha sêsta, quando a empregada me avisou que havia visitas. Si ela me tivesse dito que era você, eu não precisava ter me arrumado tanto e já teria vindo há mais tempo. Catarina viajou ontem à noite, eu estou de secretária nova, *ela* não conhece, ainda, ~~os~~ os hábitos, nem as pessoas de casa.

PETRONIO - Não tem importância. O essencial era que eu falasse com ~~lha~~ <sup>a senhora</sup> ainda hoje, para dizer-lhe um série de coisas muito interessantes e que ~~lha~~ <sup>a senhora</sup> vai ficar muito admirada de ouvir.

ARABELA - Ih, Petrônio, eu não gosto nada ~~quando~~ quando você me fala nesse tom de ironia. Já sei que vem coisa para me atingir.

PETRONIO - Ora esta, minha sogra! A senhora parece que está de pé atrás comigo.

ARABELA - Não é de hoje que eu lhe conheço, meu caro. Você jamais poderia enganar-me.

PETRONIO - O que justamente não acontece com a senhora; não é verdade?

ARABELA - Como assim? O que é que você quer dizer com isto?

PETRONIO - Não imagina o que seja? Pense bem em todas as coisas que fez, nestes últimos dias *há de ver que me enganou.*

ARABELA - Não posso me lembrar. Petrônio, deixe-se de rodeios, que são próprios das mulheres fofoqueiras e diga logo ~~as~~ <sup>as</sup> queixas tem contra mim.

PETRONIO - Vou lhe refrescar a memória. A senhora esteve em casa da noiva de Rodrigo, fazendo-lhe uma visita esta semana; não esteve?

ARABELA - Estive, sim. Uma visita de cortezia. Por que?

PETRONIO - E aproveitou essa visita de cortezia para fazer a defesa do seu neto, mas dizendo que o seu genro era um louco. Não foi isto?

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL NA PALAVRA "LOUCO".

ARABELA - Eu não me lembro, absolutamente, de ter dito uma coisa destas. ~~textos~~

PETRONIO - Ah, não se lembra? Pois então eu vou lhe dizer mais: ameaçou mostrar um atestado médico da minha insanidade mental que no momento, casualmente,

a senhora se esquecerá de botar na bolsa. (TOM) Foi ou não foi?

TÉCNICA - REPETE O ACORDE ANTERIOR.

ARABELA - Petrônio, eu estou estupefacta!

PETRONIO - Está, não é? Pois eu também fiquei, quando me contaram isto.

ARABELA - E quem contou estas coisas a você? Posso acaso saber?

PETRONIO - Pode, por que não? Acho mesmo que a senhora deve saber com quem lida.

ARABELA - (Rápida) Foi a Catarina?

PETRÔNIO - Não. A Catarina não faria uma sujeira dessa ordem. É uma mulher direita. É sua amiga. Mesmo que soubesse disto, não seria capaz de trai-la.

ARABELA - Mas então não posso saber quem tenha sido. Só ela sabia.

PETRONIO - (valorizando as palavras) A noiva do seu querido neto!

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL FORTE, PARA FINAL DA 1ª PARTE DO CAPÍTULO

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MUSICA PARA ABERTURA DA 2ª PARTE.

ARABELA - Você diz que não foi Catarina quem lhe contou todas essas coisas? Mas então eu não posso saber quem tenha sido. Só ela sabia.

PETRÔNIO - Foi a noiva do seu querido neto.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

ARABELA - (Estupefacta) Não é possível!... Você está brincando comigo!

PETRONIO - Não estou brincando, não. Estou falando sério. Estive hoje na casa dela e fiquei sabendo de tudo. Se duvida, telefone para lá e pergunte.

ARABELA - Mas então essa moça não é bem certa.

PETRONIO - Talvez ela não seja, mas eu sou. E no entanto você foi dizer a ela que eu não era. Com que interesse?

ARABELA - De acomodar as coisas que você desacomodou, Petrônio. Se visse como o pobre rapaz estava sofrendo...

PETRONIO - E eu tive outra intenção que não fosse essa? (forte, irritado) Ele tem que sofrer. E sofrer muito para pagar a infâmia que cometeu contra mim.

ARABELA - Petrônio, eu tenho certeza de que você está enganado. Conheço Rodrigo. Botei-o em confissão, apertei com êle e ouvi o juramento mais sagrado que me poderia fazer: jurou-me pela memória de sua mãe. E você sabe quanto êle idolatrava Berenice. E você viu quanto êle sofreu, quando ela desapareceu deste mundo. E você foi testemunha do carinho com que, em todos estes anos, êle se referiu a ela. Rodrigo não faria um juramento pela memória de Berenice em vão. E você sabe mais: que eu não seria capaz de fazer nada contra Eugênia, mas também não levantaria uma palha para defendê-la, si ela não fôsse digna e honesta. Por tudo isto, peço-lhe que considere o que está fazendo porque é uma clamorosa injustiça.

PETRÔNIO - E por isto que dizem que tudo aquilo que os nossos avós não fizeram pelos filhos, acabam fazendo pelos netos. Você viu sua filha sofrer por amor a um oficial de marinha e nunca recuou na sua linha de oposição, porque desejava que ela casasse comigo, que já tinha nome e fortuna assegurados. E se não fosse a sua teimosia e intransigência, Berenice teria tido um destino diferente. Viu-a sofrer dias, semanas e meses e não arredou pé da sua vontade. Seu neto sofre há tres ou quatro dias, merecidamente, por ter sido indigno e irresponsável e você derruba por terra todos os meus planos, inventando uma mentira torpe, para salvá-lo. Onde está a lógica, na comparação?

ARABELA - A lógica você só encontrará no dia em que tiver netos, se os quiser bem. E principalmente se seus netos não tiverem mãe. A doce mãesinha em cujo regaço os filhos deitam a cabeça para chorar suas penas de amor.

PETRÔNIO - E por que não permitiu que sua filha chorasse, no seu regaço, as penas de amor que a torturavam? Por que ignorou suas lágrimas vertidas em silêncio?

ARABELA - Pelas razões que você disse há pouco. Ela era filha e não neta.

PETRÔNIO - Bem, não adianta, agora, estarmos a lembrar coisas mortas e ~~me~~ procurar os porques desta ou daquela atitude. Eu vim aqui apenas para adverti-la do seguinte: Leila vai exigir de vocês, ~~ou de Rodrigo~~, a apresentação do atestado que me fará passar por louco. Já sei que a senhora e meu filho vão fazer tudo para encontrar alguém que se preste a essa infâmia. ~~Está entendido? A senhora se conhece bem e sabe que não ameaço em vão. Portanto... tenha cuidado, é só o que eu lhe digo.~~ Mas fique sabendo, desde já que, se isso acontecer, esse crime não ficará impune. A senhora, meu filho e a pessoa que se prestar a assinar o atestado, vão reponder, perante a justiça pela leviandade que cometeram. *Está entendido? A senhora me conhece bem e sabe que não ameaço em vão. Portanto... tenha cuidado, é só o que eu lhe digo.*

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 2º PLANO

ARABELA - Esse homem é um demônio. Mas também, como é que essa menina foi cometer a leviandade de contar-lhe tudo? Não devia. Não podia ter contado. E agora? Que farei si ela exigir o atestado? Não sei... francamente que fiquei completamente desorientada. Eu não queria que Rodrigo pagasse, eu não queria. E no entanto... Ele, coitado, que não tem culpa de nada, é que parece que vai pagar a culpa dos outros.

TÉCNICA - SEPARAÇÃO MUSICAL COM MUSICA QUE SUGIRA INQUIETAÇÃO.

RODRIGO - Belmira, é Rodrigo que fala aqui.

BELMIRA - (FILTRO) Antes de vir atender eu já sabia.

RODRIGO - Leila já acordou?

(FILTRO)

BELMIRA - Ainda não, seu Rodrigo. E acho que o tal remédio que ela tomou para a dor de cabeça é que lhe deu esse sono danado que já faz mais de duas horas que ~~ele~~ está dormindo e não tem jeito de acordar. Ainda há pouco eu fui lá no quarto, ver si ela queria tomar um lunch e ela ressonava que eu nem tive coragem de chamá-la.

RODRIGO - Eu já não contengo mais a minha ansiedade, Belmira. Acho que vou dar um pulo até aí. ~~Eu~~ preciso saber o resultado da visita de meu pai, você compreende?

BELMIRA - (FILTRO) É claro que compreendo. Até eu estou curiosa. Mas ela tinha uma dor de cabeça tão forte, quando ele saiu, que a única coisa que fez foi pedir o remédio e se atirar na cama. Eu ainda fiz umas duas ou tres perguntas, ~~mas~~ <sup>ela</sup> mas acho que nem <sup>me</sup> ouviu.

RODRIGO - Bem, Belmira, eu vou ver se contengo a minha impaciência por mais uma hora, uma hora e pouco e depois vou aí. Não dá para ficar muito tempo assim, como ~~eu~~ estou. Tenho medo de enlouquecer.

BELMIRA - (FILTRO) É, eu acho que se a coisa não tomar jeito vai acabar todo o mundo enlouquecendo.

RODRIGO - Obrigado, Belmira. Desculpe estar incomodando você a toda hora. Agora não vou telefonar mais.

BELMIRA - (FILTRO) Pode telefonar. A mim não me incomoda. Eu estou aqui para servir.

RODRIGO - Não, não, mas daqui a uma hora, ou no mais tardar hora e meia, eu estou aí. Até logo.

C/REGRA - COLOCAR FONE NO GANCHO.

RODRIGO - Não sei... não sei... Não está me agradando essa demora de Leila em me atender.

TÉCNICA - SEPARAÇÃO MUSICAL.

BELMIRA - A senhora vai ter que dar um geito, dona Leila. Eu não posso continuar despistando o rapaz. A última vez que êle telefonou, pela quinta ou sexta vez, disse que ia esperar mais uma hora e depois viria aqui. Não demora muito está batendo aí na porta. Eu preciso saber o que é que vou dizer. Acho melhor a senhora se resolver, logo, a uma coisa ou outra. Receber ou dizer que não recebe.

LEILA - Ê, infelizmente está chegando a hora de tomar um caminho definitivo e eu me encontro, ainda, na mesma cruel indecisão do primeiro momento. A razão repelindo e o coração chamando.

BELMIRA - Minha avó sempre dizia que quando a gente não segue a voz do coração, acaba fatalmente se arrependendo.

LEILA - Mas a consciência é a maior inimiga que nós temos, quando violentada. Fica a beliscar-nos pelo resto da vida, envenenando todos os momentos bons que a existência possa nos proporcionar. O problema não é fácil de resolver, Belmira. Pelo contrário, é muito e muito difícil.

BELMIRA - Ê, não é mole, não. A consciência é muito da malvada. Eu me lembro uma vez que eu fiz uma falseta pro meu velho e o resto da vida a tinhosa tem me beliscado. Faz tanto tempo, que eu já devia ter deixado isso pra lá, mas sabe que não tem geito? Às vezes, até dormindo eu sonho com essa hora de maldição. Já me confessei, o padre já me deu penitência, mas nem assim. A lembrança chega e a consciência morde.

LEILA - Eu acho que vou botar meus escrúpulos de lado e vou pedir a Rodrigo que me traga o tal atestado que sua ~~me~~ avó se esqueceu de trazer. Afinal de contas, eu acho que me assiste êsse direito; não lhe parece?

BELMIRA - Não sei, dona Leila. Isso é lá com a senhora, mas uma coisa eu vou lhe dizer: eu que sou mulher sem trato social e de pouca educação, não teria corágem de fazer isto para o coitado. Acho que êle vai ficar ressentido com toda a razão.

LEILA - Pois é, eu sei que é uma indelicadeza, mas parece-me a única maneira de afastar êsse fantasma que rondará a vida inteira a minha felicidade.

BELMIRA - Acho muito melhor procurar dona Eugênia, às escondidas, e, arditosamente, tirar dela as informações que a senhora precisa. Si ela gosta dele, não há de querer o seu casamento e vai fazer tudo para afastá-los.

LEILA - Eu tenho medo, Belmira. Não a conheço e tenho receio que me receba mal.

BELMIRA - Pois se isto acontecer, já vai pesar na balança contra êle.

LEILA - Ê... pode ser que eu me resolva, vamos esperar.



BELMIRA - Esperar. É só o que a senhora quer, hoje.

C/REGRA - CIGARRA DE PORTA EM 3º PLANO

BELMIRA - Mas agora não dá mais para esperar, ô. Ele está chegando aí. Que é que eu digo?

TÉCNICA - ENTRA MÚSICA DE CONFUSÃO EM BG.

BELMIRA - (Depois de pausa) Vamos, dona Leila! Não dá para esperar mais. Que resolve?

C/REGRA - REPETE O TOQUE DA CIGARRA EM 3º PLANO, UM POUCO MAIS DEMORADO.

BELMIRA - Vamos! Se a senhora não se resolver, eu já vou dizer a êle toda a verdade.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM UM POUCO.

BELMIRA - (2º PLANO) Isso não se faz, dona Leila. <sup>Vamos acabar com isto!</sup> Eu já vou dizer a êle que a senhora não quer recebê-lo.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER AFASTAM AINDA MAIS UM POUCO.

LEILA - (Nervosa) Belmira, espere!

C/REGRA - CESSAM OS PASSOS.

BELMIRA - (3º PLANO) (DEPOIS DE PAUSA) E então? Que faço?

LEILA - (projetando) Manda-o entrar para a saleta.

TÉCNICA - SOBE A MÚSICA EM FUNDO E EMENDA COM A CARACTERÍSTICA DE ENCERRAMENTO.

---